0UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG

GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA COM HABILITAÇÃO

EM ARQUEOLOGIA

Johni Cesar dos Santos

ANÁLISE SEMIÓTICA DAS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES DA LAPA DO DINHO - MG

Belo Horizonte – MG

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG

GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA COM HABILITAÇÃO

EM ARQUEOLOGIA

Johni Cesar dos Santos

ANÁLISE SEMIÓTICA DAS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES DA LAPA DO DINHO - MG

Monografia apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Antropologia com Habilitação em Arqueologia.

Orientadora: Prof.ª Dra. Maria Jacqueline Rodet.

Belo Horizonte – MG

2018

“O simples ato de olhar está carregado de interpretação”.

Charles Sanders Peirce

“A memória não passa de uma armadilha:
corrige, sutilmente acomodada,
o passado em função do presente”.

Mário Vargas Llosa

AGRADECIMENTOS

Agradeço aqueles que amo muito e que sempre estiveram ao meu lado, meu pai Abel, minha mãe Estelita, meu irmão e irmãs pelo incentivo e por terem me ensinado o valor do caráter e da coragem.

À Pupy e às minhas filhas Lisiet Marie e Jéssica Helena.

À minha orientadora Professora Maria Jacqueline Rodet, pela direção e incentivo dados a este trabalho, pela sensibilidade e por estar sempre disposta a me nortear.

À banca examinadora: Professor Andrei Isnardis Horta, pelas arguições conferidas durante o exame de qualificação.

À Universidade Federal de Minas Gerais e à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; pelo apoio através de bolsas e incentivos.

Ao Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (MHNJB) e aos seus membros, que me permitiram acesso aos dados e arquivos durante o tempo em que lá estive desenvolvendo as pesquisas.

Agradeço aos professores do Colegiado de Antropologia/Arqueologia da UFMG que contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico: André Prous, Carlos Magno Guimarães, Marcos André Torres de Souza, Aderval da Costa, Rogerio Duarte do Pateo, Mariana Cabral, Karenine Andrade, Érika Souza e Ana Flávia Santos.

Agradeço em especial aos Professores Luiz Cláudio Pereira Symanski (UFMG) e Flávio dos Santos Gomes (UFRJ) pela contribuição dada nas minhas primeiras experiências de campo e escavações.

À Tânia Andrade Lima (Museu Nacional – UFRJ), pelos incentivos para que eu estudasse arqueologia.

Ao Thiago Nascimento, pelo companheirismo ao longo da graduação e por toda ajuda ao longo do curso e da monografia.

À Célia Cristina, pelo estímulo no processo de desenvolvimento da monografia.

Ao Pedro Barbosa Martins, por ser o amigo fiel em todos os momentos.

À Mariana Gomide, pela paciência e por ter acreditado no meu trabalho.

Aos colegas da turma/2013 de Antropologia com habilitação em Arqueologia da UFMG.

Aos amigos da Chinatown: Kassio, Álvaro (Tok), James, Guilherme (Gui do Gol) e Luiz (Bola).

Aos amigos do Castelo Ratimbum: Raphael, Adriano, Luca, Humberto e Péricles.

À Josiane Alves, pelo auxílio na produção dos mapas.

À Carol Salles pelas primeiras revisões do texto final da monografia.

À Delmari Ângela Ribeiro, por sempre ter acreditado em mim, mesmo nos momentos mais difíceis.

À Hellen Ferreira, pelos seus ensinamentos passados ao longo dos anos e que foram muito importantes para o meu desenvolvimento pessoal.

Ao Júlio Ribeiro (in memoriam) pelo livro Fazer Acontecer, que me inspirou em diversos aspectos da minha vida.

Ao Professor Nicolau Sevcenko (in memoriam), pelas aulas extraordinárias na FAFICH-USP.

Aos Professores queridos, que contribuíram com a minha formação acadêmica: José Jobson de Andrade Arruda, Laura de Mello e Souza, Maria Luiza Corassin, Maria Luiza Tucci Carneiro, Modesto Florezano, Peter Robert Demant, Wilson do Nascimento Barbosa, Jorge Luís da Silva Grespan, Norberto Luiz Guarinello e Osvaldo Luis Angel Coggiola.

Ao Clube de Regatas do Flamengo, simplesmente por existir.

RESUMO

Esta monografia apresenta os resultados da pesquisa “Análise semiótica das representações rupestres da Lapa do Dinho/MG”, cujo objetivo foi analisar as figuras rupestres através da narrativa Semiótica. Entendemos a representação rupestre como registro de um fenômeno que se comunica com o passado, definindo-o como Signo. Assim, podemos ampliar nossos conhecimentos sobre a semiótica, teoria voltada para os elementos primordiais de nossa comunicação, fazendo uma análise da natureza do Signo com seu Objeto e a relação do Signo com seu Interpretante. Foi possível evidenciar as condições de formação do Interpretante, considerando que o próprio arqueólogo está envolvido no processo de semiose. Serão feitas considerações acerca dos significados dos signos, envolvendo os referenciais teóricos de Ferdinand de Saussure (1857-1913) e Charles Sanders Peirce (1839-1914). O sítio pré-histórico trata-se de um abrigo sob rocha, localizado na região cárstica denominada Curral de Pedras, no trecho alto-médio do rio São Francisco, localizado ao norte do município de Jequitaí, próximo ao limite dos municípios de São João da Lagoa, Lagoa dos Patos e Várzea da Palma, no norte de Minas Gerais. A discussão é relevante devido a um forte contraste entre biomas (cerrado e caatinga) e à presença de diferentes litologias indicando uma região de transição geomorfológica: áreas de afloramentos calcários e quartzíticos. O sítio apresenta uma série de pinturas isoladas, sendo mais frequentes os antropomorfos, zoomorfos e geométricos. Estes grafismos possuem informações sobre diferentes grupos étnicos pretéritos que habitaram a região do Curral de Pedras.

Palavras-chave: Arte Rupestre, Jequitaí, Curral de Pedras, Pós-processualismo, Arqueologia Cognitiva, Semiótica, Semiologia, Charles Peirce.

ABSTRACT

This monograph presents the results of the research "Semiotic analysis of rock representations of Lapa do Dinho / MG", whose objective was to analyze the rock figures through the Semiotic narrative. We understand the rock representation as a record of a phenomenon that communicates with the past, defining it as a Sign. Thus, we can extend our knowledge about semiotics, theory directed to the primordial elements of our communication, making an analysis of the nature of the Sign with its Object and the relation of the Sign with its Interpretant. It was possible to evidence the conditions of formation of the Interpretant, considering that the archaeologist himself is involved in the process of semiosis. Considerations will be made about the meanings of the signs, involving the theoretical references of Ferdinand de Saussure (1857-1913) and Charles Sanders Peirce (1839-1914). The prehistoric site is a shelter under rock, located in the karst region called Curral de Pedras, in the high-middle section of the São Francisco river, located to the north of the municipality of Jequitaí, near the limit of the municipalities of São João da Lagoa, Lagoa dos Patos and Várzea da Palma, in the north of Minas Gerais. The discussion is relevant due to a strong contrast between biomes (cerrado and caatinga) and the presence of different lithologies indicating a geomorphological transition region: areas of limestone and quartzite outcrops. The site presents a series of isolated paintings, being more frequent the anthropomorphs, zoomorfos and geometric. These graphs have information about different ethnic groups that inhabited the Curral de Pedras region.

Keywords: Rock Art, Jequitaí, Curral de Pedras, Post-proceduralism, Cognitive Archeology, Semiotics, Semiology, Charles Peirce.

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 - Característica geral do sítio Lapa do Dinho. 65
Quadro 2 - Recorrência dos signos encontrados no sítio. 67
Tabela 3 - Distribuição do quadro tipológico do sítio Lapa do Dinho. 67
Tabela 4 - Colorações encontradas na Lapa do Dinho. 68
Tabela 5 - Os signos e a sua relação com a morfologia e a pintura. 69

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Situação da área de estudo no estado de Minas Gerais. Fonte: Alves, Josiane (2018). 17

Figura 2 – A região de estudo com, a oeste, o rio São Francisco, a sul a Serra da Onça, a leste, a Serra das Porteiras e, a norte, a Serra da Grupiara. 1 – travessia do rio Jequitaí, 2 – confluência Sítio-Bibocas, 3 – Serra da Grupiara (extraído da carta em 1/25.000 – Pirapora, nº 426, IBGE). (M. J. Rodet, 2010). 18

Figura 3 – Paisagem cárstica do Curral de Pedras: 1. Serra da Grupiara, 2. Carste do Curral de Pedras e planície do riacho Fundo e rio das Pedras (ao fundo), 3. Calcário escuro com lentes negras de silex, 4. Platô que dá acesso à Lapa do Dinho, 5. Caneluras de dissolução (lapiás), 6. Caminhamento, ao fundo a mata seca, 7. Vegetação típica da Mata Seca, 8. Campo de lapiás. Fonte: Penha (2013). 20

Figura 4 – Região cárstica do Curral de Pedras. Fonte: F. Gonçalves (2013). 22

Figura 5 - Modelo carstodinâmico do Curral de Pedras. Sobre a incidência do gradiente hidráulico criado pela aproximação da vertente do maciço, observamos uma gradação da evolução geomorfológica de 1 até 3. A consequência desse gradiente é o mecanismo de erosão regressiva que regula, pouco a pouco, o sistema. É assim que, em 1 observamos um polje funcional; em 2, um polje parcialmente fossilizado pela níveis, com ponors mais eficazes; em 3, um desmantelamento e um desabamento da velha topografia e uma descida para um novo (?) nível de base (modelo Joel Rodet). Fonte: M. J. Rodet, 2010. Adaptado pelo autor. 22

Figura 6 – Mapa de localização da Lapa do Dinho em relaçã0 à bacia do rio São Francisco. Fonte: Google Earth. 27

Figura 7 – Mapa de localização da Lapa do Dinho e dos biomas. Fonte: Johni Cesar dos Santos. 30

Figura 8 – Análise semiótica (representamen/signo, objeto e interpretante). 52

Figura 9 – Croqui do sítio Lapa do Dinho. 55

Figura 10 – Mapa de localização da Lapa do Dinho e sua relação com os sítios próximos. Fonte: Google Earth. 59

Figura 11 – Lapa do Dinho (área externa): 1. Vista externa da lapa, com a entrada frontal em destaque, 2. Vista externa da lapa, com a entrada frontal e vegetação mata seca em período de estiagem, 3. Entrada frontal (ao centro), 4. Entrada frontal (à direita), 5. Vista parcial do abrigo sob rocha Lapa do Dinho, 6. Entrada posterior vista de dentro do abrigo, vista lateral esquerda, 7. Entrada posterior vista de dentro do abrigo, vista lateral direita. Fonte: Johni Cesar. 61

Figura 12 – Lapa do Dinho (vista da área interna): 1. Área interna, com escala humana, 2. Vista interna com escala humana 3. Interior do abrigo, 4. Saída posterior do abrigo, 5. Interior do

abrigo com a entrada posterior no segundo plano, 6. Interior do abrigo, 7. Interior do abrigo, 8. Interior do abrigo, com vista para a entrada posterior. Fonte: Thiago Nascimento. 62

Figura 13 – Lapa do Dinho (vista da área interna): 1. Área interna, com escala humana, 2. Vista interna com escala humana 3. Interior do abrigo, 4. Saída posterior do abrigo, 5. Interior do abrigo com a entrada posterior no segundo plano, 6. Interior do abrigo, 7. Interior do abrigo, 8. Interior do abrigo, com vista para a entrada posterior. Fonte: T. Nascimento. 63

Figura 14 – Visada ao norte. Fonte: Google Earth. 63

Figura 15 – Visada sul. Fonte: Google Earth..... 64

Figura 16 – Croqui (planta baixa) do sítio Lapa do Dinho, vetorizada. 70

Figura 17 – Croqui (planta baixa) do sítio Lapa do Dinho, vetorizada, com a localização das figuras. 71

Figura 18 – Representações rupestres da Lapa do Dinho em tamanho proporcional. 72

Figura 19 – Representações rupestres encontradas da Lapa do Dinho: 1. Antropomorfo, 2. Bastonete, 3. Bastonete, 4. Zoomorfo, 5. Alinhamento de pontos, 6. Zoomorfo, 7. Zoomorfo, 8. Alinhamento de pontos, 9. Abstrata, 10. Alinhamento de pontos, 11. Fitomorfo, 12. Tridáctilo, 13. Armas, 14. Bastonete, 15. Zoomorfo. Fotos: Thiago Nascimento. 74

Figura 20 – Tabela com a descrição da análise semiótica das representações rupestres da Lapa do Dinho. 79

Figura 21 – Localização dos suportes com as gravuras rupestres..... 82

Figura 22 – Gravuras rupestres da Lapa do Dinho: 1. Visão geral do suporte (rocha 1), 2. Visão geral do suporte (rocha 1), 3. Visão geral do suporte (rocha 1), 4. Antropomorfo (rocha 1), 5. Visão geral do suporte (rocha 2), 6. Antropomorfo (rocha 1), 7. Antropomorfo (rocha 2), 8. Antropomorfo (rocha 2). Fonte: Thiago Nascimento. 83

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 4

RESUMO 6

ABSTRACT 7

LISTA DE TABELAS E QUADROS 8

LISTA DE FIGURAS 9

SUMÁRIO 11

INTRODUÇÃO 13

1 CONTEXTO FÍSICO E ARQUEOLÓGICO DO CURRAL DE PEDRAS 16

1.1 Contexto físico do ambiente cárstico do Curral de Pedras 16

1.1.1 O carste do Curral de Pedras 16

1.1.2 Geologia e Geomorfologia 21

1.1.3 Hidrografia e clima 25

1.1.4 A vegetação 28

1.2 Contexto arqueológico 31

1.2.1 As ocupações humanas na bacia do rio São Francisco 31

1.2.2 Contexto de ocupação humana em Jequitaí 32

1.2.3 Pesquisas com representações rupestres em Minas Gerais 33

1.2.4 Pesquisas rupestres em Jequitaí e no Curral de Pedras 36

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO 40

2.1 “Arte rupestre”: um conceito em evolução 40

2.2 Diferentes abordagens sobre o estudo da “arte rupestre” 42

2.3 A Semiótica 45

2.4 Semiótica e a arqueologia 48

2.5 Procedimentos metodológicos 51

3 A LAPA DO DINHO: DESCRIÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES 58

3.1 Análise espacial do sítio Lapa do Dinho 58

3.2 Sítio Lapa do Dinho e suas representações rupestres 64

3.3 Identificação dos tipos de signos encontrados no sítio 66

3.4 Análise semiótica das figuras rupestres 73

3.5 As representações rupestres da Lapa do Dinho e Lapa do Sol..... 79

3.6 Considerações sobre as gravuras picoteadas da Lapa do Dinho 81

4 RESULTADOS 84

BIBLIOGRAFIA 89

ANEXOS 96

INTRODUÇÃO

A presente monografia refere-se à pesquisa do sítio arqueológico sob abrigo Lapa do Dinho, localizado na região cárstica denominada Curral de Pedras, ao norte do município e Jequitaí, situada no trecho alto-médio do rio São Francisco, em Minas Gerais. As primeiras pesquisas no Jequitaí foram desenvolvidas pelos pesquisadores do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, sob a orientação de Betty Meggers e Clifford Evans), os quais eram também integrantes do IAB. Nesse período foram identificados pelo menos 10 sítios arqueológicos. No início dos anos 80 as pesquisas continuaram com uma equipe do Centro de Pesquisas Geológicas da UFMG (CPG) e com a Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais. Novos sítios foram localizados a partir dos anos de 1990, quando foram feitos estudos relacionados ao licenciamento ambiental de uma barragem de aproveitamento hidroelétrico que será instalada no cânion do rio Jequitaí.

Os sítios arqueológicos sob abrigo identificados na região de Jequitaí podem ser divididos de acordo com a litologia, ou seja, são essencialmente sítios em áreas de afloramentos calcários e quartzitos. No entanto, à época as categorias classificatórias correntes foram utilizadas para classificar os grafismos, o que resultou na hipótese de que nas áreas quartzíticas haveria a manifestação de uma suposta “transição” entre unidades estilísticas distintas: Tradição Planalto e Tradição São Francisco.

Bassi (2012) levou em consideração o caráter de transição geológica na região da pesquisa, associado à transição entre as unidades fitogeográficas, cerrado e caatinga, onde foram definidas quatro subáreas na região do médio-baixo curso do rio Jequitaí: Cânion do rio Jequitaí, Bacia do Córrego do Sítio, Curral de Pedras de Jequitaí e serra da Onça. Nesse sentido, o seu estudo sobre a área do sítio arqueológico Bibocas II, demonstra que a região de Jequitaí possui grande ocorrência de afloramentos em rochas calcárias e quartzíticas, que ao longo do tempo, formaram abrigos que foram utilizados desde a pré-história pelos grupos humanos que passaram pelo local.

A partir dos anos de 1980 foram sendo realizadas pesquisas acadêmicas na região norte do estado de Minas Gerais - principalmente nas zonas cársticas dos pequenos afluentes do rio Jequitaí onde estão localizados os abrigos calcários - pelo Setor de Arqueologia Pré-Histórica do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais, com vistorias nos sítios já conhecidos e planejamento para novas prospecções. Nas

pesquisas subsequentes buscou-se a sistematização e análise dos vestígios anteriormente conhecidos e identificação de novos sítios arqueológicos, aumentando muito a quantidade de sítios arqueológicos conhecidos (TOBIAS JR., 2010, p. 66). O objetivo fundamental da pesquisa é fazer a identificação do contexto arqueológico do sítio abrigo Lapa do Dinho - localizado na área calcária - estabelecendo uma análise semiótica dos grafismos rupestres inscritos nos paredões do abrigo.

Para entender os signos rupestres no contexto arqueológico, a pesquisa considerou a forma como os grafismos foram concebidos e construídos, sob a luz do conceito da representação rupestre e suas implicações teóricas, para construir uma visão mais abrangente e dinâmica da ocupação regional. O estudo dos registros rupestres em abrigos, mais especificamente no Curral de Pedras, é importante porque levantou diversas questões relacionadas ao modo de vida dos grupos pré-históricos e das ocupações humanas na região, pois o local faz parte de uma zona basicamente cárstica, com destaque para os lapiás, abrigos e cavernas, facilitando a conservação e a localização dos vestígios arqueológicos e os registros rupestres.

A região norte do estado de Minas Gerais - principalmente ao longo do Rio São Francisco e de seus afluentes - é relevante para se entender a cronologia das populações pré-históricas que habitaram a região, como se inter-relacionavam com outras populações e para conhecer seus hábitos e modos de vida. A partir dos signos identificados presentes nas unidades de representações gráficas estabelecidas, a pesquisa iniciou a partir da seguinte questão: as representações das figuras grafadas na área arqueológica da Lapa do Dinho possuem padrões de apresentação? Ainda que o abrigo estudado tenha um número reduzido de figuras, estas apresentam características recorrentes, permitindo a identificação de padrões gráficos. Assim, o estudo do conjunto de sítios arqueológicos pré-históricos do Curral de pedras pode apontar para os diferentes aspectos da vida dos grupos humanos passados: quais os locais eram reservados à realização de determinadas atividades ou tarefas, como se dava a escolha dos abrigos e dos respectivos suportes, qual a relação dos grafismos com a paisagem de entorno do sítio, como acontece a relação entre as figuras antropomorfas e os painéis, de que maneira as figuras se assemelham ou se diferem e em quais conjuntos estilísticos os grafismos analisados se inserem. Nesse sentido, o texto presente será estruturado da seguinte maneira:

No Capítulo 1, *Contexto físico e arqueológico do carste do Curral de Pedras,* onde é apresentada a caracterização física e arqueológica da área arqueológica do Curral de Pedras, levando-se em consideração os aspectos ambientais, onde são abordadas as ocupações antigas e recentes, os grafismos e as gravuras rupestres presentes no abrigo. É apresentado um breve histórico das pesquisas arqueológicas e tipos de classificação para o registro rupestre da região estudada.

No Capítulo 2, O *Referencial teórico metodológico*, é apresentado o referencial teórico da monografia, através do qual é discutido o conceito de representação rupestre associado com as pinturas presentes no abrigo. Nesse capítulo também é abordado estratégia e o método, ou seja, a metodologia utilizada para o levantamento de campo e a análise dos grafismos.

No Capítulo 3, *A Lapa do Dinho: descrição das representações rupestres*, onde são apresentadas as figuras no sítio pesquisado.

No Capítulo 4. *Resultados*: são analisadas as figuras e as correlações com as outras variáveis estabelecidas ao longo da pesquisa, como a Semiótica. Nas considerações finais procuro entender como os resultados podem contribuir para as pesquisas na região.

1
CONTEXTO FÍSICO E ARQUEOLÓGICO DO CURRAL DE PEDRAS

Neste capítulo são apresentados elementos que configuram a paisagem da área em estudo, ou seja, as características ambientais de onde os sítios arqueológicos se encontram: aspectos geológicos, geomorfológicos, vegetação, pedológicos e hidrográficos. Também é descrito o histórico das pesquisas arqueológicas com representações rupestres na região do Alto-médio rio São Francisco, em Minas Gerais, e sua contribuição à arqueologia em Jequitaí e Curral de Pedras.

1.1 Contexto físico do ambiente cárstico do Curral de Pedras

1.1.1 O carste do Curral de Pedras

A área conhecida como Currais de Pedras – maciços calcários que constituem a serra do Boqueirão da Olaria - está localizada no Brasil Central, no médio-baixo curso do rio São Francisco, centro-norte do estado de Minas Gerais, a noroeste da cidade de Jequitaí (dentro dos seus limites), próximo ao sul do limite do município de São João da Lagoa, a Sudeste do município de Lagoa dos Patos e ao norte do distrito de Barra do Guaicuí, em Várzea da Palma (**Figura 1**). Esses municípios e Buritizeiros estão localizados à margem direita e esquerda do rio São Francisco, estando inseridos na microrregião de Pirapora. O local está distante cerca de 430 km de Belo Horizonte, abrangendo boa parte da bacia do rio Jequitaí, além de ser banhado pelos rios São Francisco e das Velhas, na margem esquerda do Riacho Fundo. A serra encontra-se na porção SE do Cráton São Francisco; a sudeste, na extremidade norte da serra do Cabral; a norte, nas serras das Porteiras e do Boqueirão da Olaria; a oeste, na serra do Jatobá e, ao sul, na junção das serras da Água Fria e da Onça (**Figura 2**).

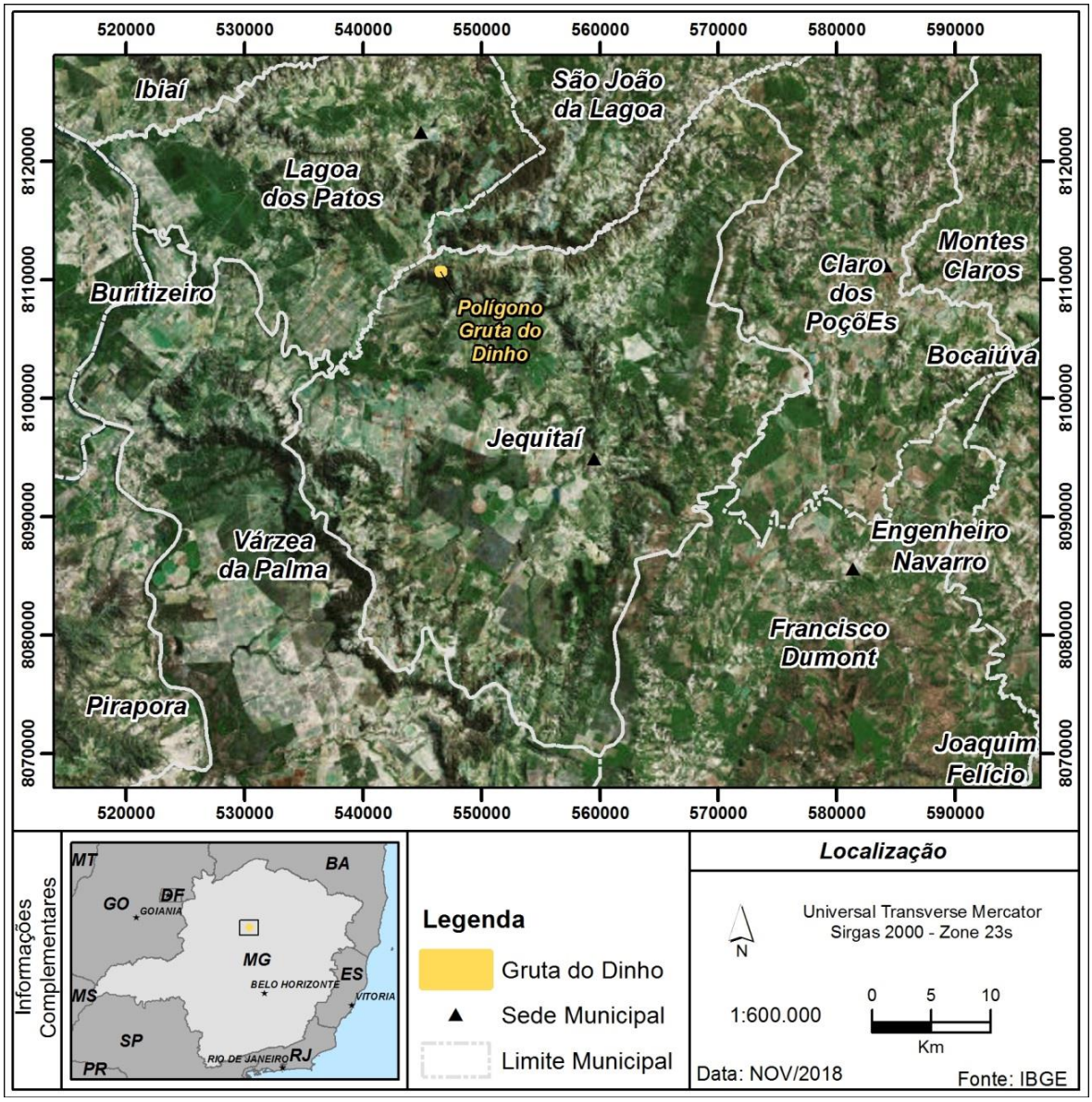


Figura 1 – Situação da área de estudo no estado de Minas Gerais. Fonte: Alves, Josiane (2018).

As rochas carbonáticas, espalham-se pela Depressão São Franciscana a jusante e a montante do Cânion do rio Jequitaí. A extremidade noroeste da serra da Onça, onde se localizam o Pico da Cabeça da Onça e o morro conhecido como Curral de Pedras de Jequitaí, integram as outras duas subáreas tratadas neste trabalho e todas estão localizadas a jusante da serra da Água Fria (Tobias, 2010).

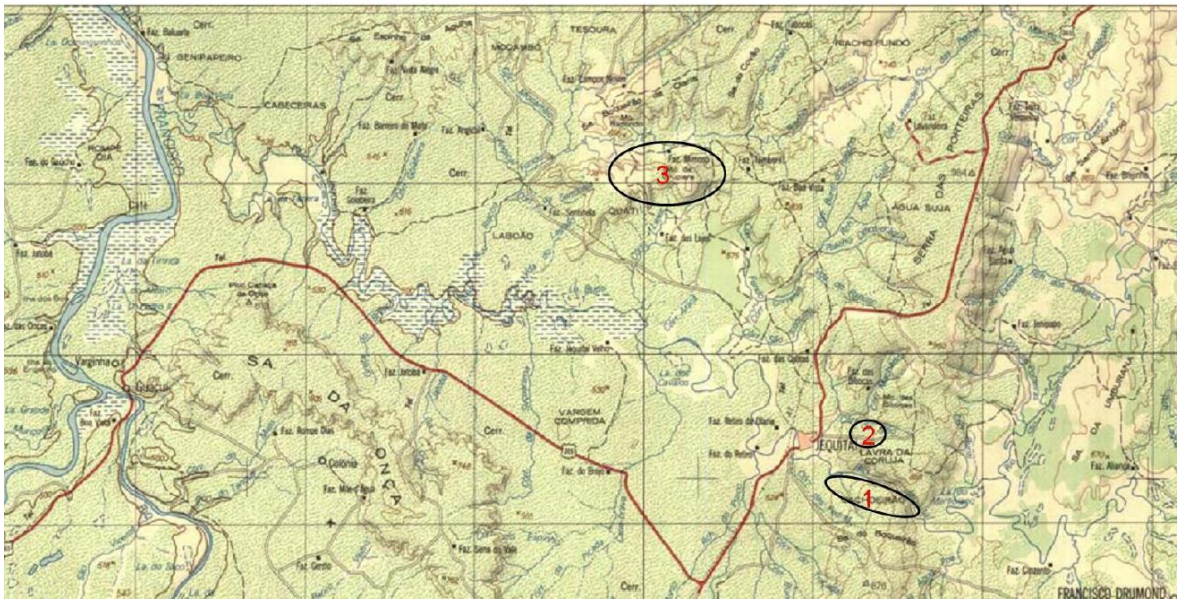


Figura 2 – A região de estudo com, a oeste, o rio São Francisco, a sul a Serra da Onça, a leste, a Serra das Porteiras e, a norte, a Serra da Grupiara. 1 – travessia do rio Jequitaí, 2 – confluência Sítio-Bibocas, 3 – Serra da Grupiara (extraído da carta em 1/25.000 – Pirapora, nº 426, IBGE). (M. J. Rodet, 2010).

O Curral de Pedras é o topo meridional da Serra da Grupiara, maciço calcário em contato com os quartzitos da Serra das Porteiras, no norte de Minas Gerais, no município de Jequitaí, entre Pirapora e Montes Claros. Essa colina se desenvolve por cerca de 20 km a NNW da cidade de Jequitaí, sendo orientada NE/SW, com o cume chegando a 825 m, aproximadamente 200 m acima da planície aluvial do rio Jequitaí, afluente de margem direita do rio São Francisco. Nos topos destas elevações, localizadas às margens do Riacho Fundo, importante afluente da margem direita do rio Jequitaí, afloram rochas carbonáticas altamente carstificadas que expõe lapiás e paredões rochosos, pertencentes ao grupo Bambuí, Supergrupo São Francisco (Neoproterozóico), predominante nas formações Sete Lagoas e Lagoa do Jacaré, com intercalações dolomíticas, assentados acima de quartzitos e meta-arenitos do Supergrupo Espinhaço (Paleoproterozóico - Mesoproterozóico), caracterizando o ambiente cárstico (Joel Rodet, 2011). De acordo com Joel Rodet (2011):

> *A estratigrafia é responsável pela distribuição em patamares das coroas de calcário carstificado e dos micro-poljes com redes subterrâneas labirínticas. Dentro desses poljes, dolinas podem abrir-se sobre um nível de base mais profundo, perfurando uma camada dolomítica pouco carstificada. O Curral de Pedras oferece, em poucos hectares, uma rara síntese da carstificação dos calcários e um instrumento pedagógico de qualidade (Joel Rodet, 2011, p. 103)*

Topograficamente, o relevo do Curral de Pedras – e aqui se inclui as serras Espinho da Agulha e Boqueirão da Olaria - foi denominado por Penha (2013) de zona serrana e

corresponde às cabeceiras do riacho Fundo, cobrindo a porção norte e centro-oriental desta área, orientando-se entre leste/oeste e levemente nordeste, estando recobertos por vegetação de caatinga no topo e campo limpo com matas de galeria nas encostas. Conforme Penha (2013) os calcários afloram nas altas encostas e topos do Curral e Pedras e da serra do Boqueirão da Olaria, caracterizando-se por um maciço formado por calcários escuros em sua porção superior, apresentando formas de relevo cárstico, com a presença de sítios arqueológicos abrigados e a céu aberto com pinturas rupestres sobre substrato calcário.

Foto 1

Foto 2

Foto 3

Foto 4

Foto 5

Foto 6

Foto 7

Foto 8

Figura 3 – Paisagem cárstica do Curral de Pedras: 1. Serra da Grupiara, 2. Carste do Curral de Pedras e planície do riacho Fundo e rio das Pedras (ao fundo), 3. Calcário escuro com lentes negras de silex, 4. Platô que dá acesso à Lapa do Dinho, 5. Caneluras de dissolução (lapiás), 6. Caminhamento, ao fundo a mata seca, 7. Vegetação típica da Mata Seca, 8. Campo de lapiás. Fonte: Penha (2013).

A morfologia do carste do Curral de Pedras (**Figura 4**) é conhecida por possuir o nível da base alto e suspenso, limitando a descida das águas dentro do maciço (Joel Rodet, 2012, p. 49). Ou seja, os micros poljes dão acesso a uma rede labirintítica desorganizada e sem um dreno coletor prioritário. A pouca espessura do calcário favorece a sua perfuração formando abismos e karrens dos lapiás, da rede endocárstica, o que facilita o fenômeno da ressurgência. Ou seja, a sua morfologia é definida essencialmente pela ação da água em fluxo nos condutos e da erosão regressiva resultante do rebaixamento do nível de base, o que leva à erosão de áreas mais altas, a partir dos pontos mais baixos da drenagem. Seguindo esse mesmo conceito, Joel Rodet (2010) concluiu que o nível de base é alto, suspenso, e que ele limita a entrada das águas no maciço, seguindo a concepção de "perda-ressurgência" como acontece na Lagoinha, Lapa do sol e Lapa do Dinho. Os micro-poljes possuem largura variável, em forma de um corpo de um violão, se formando em condutos labirínticos orientados por um conduto coletor principal desenvolvido nas áreas onde o acúmulo de água ocorre sazonalmente com certa continuidade.

Conforme exposto por Gonçalves (2013), o nome Curral de Pedras é utilizado pela população local como referência a áreas com topografia predominantemente plana, cercadas por maciços de rochas carbonáticas que em planta possuem uma forma ovoide a retangular, sendo comparadas a currais de gado pelos moradores da região. Uma boa olhada e logo descobrimos que é possível acessá-lo apenas por um de seus lados, pois há paredões rochosos que limitam o acesso aos outros lados. A partir daí é possível acessar ao topo do Curral de Pedras a partir do maciço da Grupiara, contornando-o pelo Sul até alcançar uma parte alta e

aplainada por um caminho levemente destruído pela erosão, formando uma ravina. O primeiro campo de lapiás é alcançado seguindo pela direita, onde se atravessa uma área de floresta seca que conduz a um novo campo de lapiás, onde se encontra o sítio Lapa do Dinho. A partir desse ponto pode-se acessar um dos maiores tributários da margem direita do Rio São Francisco, o rio Jequitaí e alguns de seus afluentes, alguns quilômetros ao sul, através de uma planície pouco inclinada, alcançando a bacia do Riacho Fundo, um dos afluentes de sua margem direita e o principal sistema de drenagem dessa área.

1.1.2 Geologia e Geomorfologia

Para a compreensão dos registros rupestres da Lapa do Dinho e a razão dos povos pretéritos terem escolhido o local ao longo do tempo, é importante estudar a arqueologia sob o ponto de vista da geologia e da geomorfologia, pois assim podemos observar com mais precisão alguns fenômenos inerentes aos processos de desenvolvimento do ambiente cárstico, como a ação da água sobre a superfície dos canais subterrâneos, dissolução de carbonatos.

Às margens das serras do Cabral, Água Fria e Porteiras, fica evidenciado o Supergrupo São Francisco, através da presença dos grupos Macaúbas e Bambuí. No EIA-Rima (Estudos de Impacto Ambiental do Projeto Jequitaí da Companhia de Desenvolvimento do Vale do rio São Francisco – Codevasf -1996) é indicado que os principais remanescentes do Planalto do São Francisco, na bacia do rio Jequitaí, são representados pelas serras do Cabral e da Água Fria, na porção Sul, e pelas serras dos Fonseca e das Porteiras, na porção Norte. O grupo Bambuí, por sua vez, é composto pelas formações Serra de Santa Helena e Lagoa do Jacaré. O Curral de Pedras está inserido nesta última formação geológica, destacando-se na unidade inferior, apresentando maior rugosidade. A formação Lagoa do Jacaré é composta por grandes conjuntos de afloramentos que se destacam no relevo, predominando na porção norte da bacia, compondo as serras dos Fonseca e do Boqueirão da Olaria.

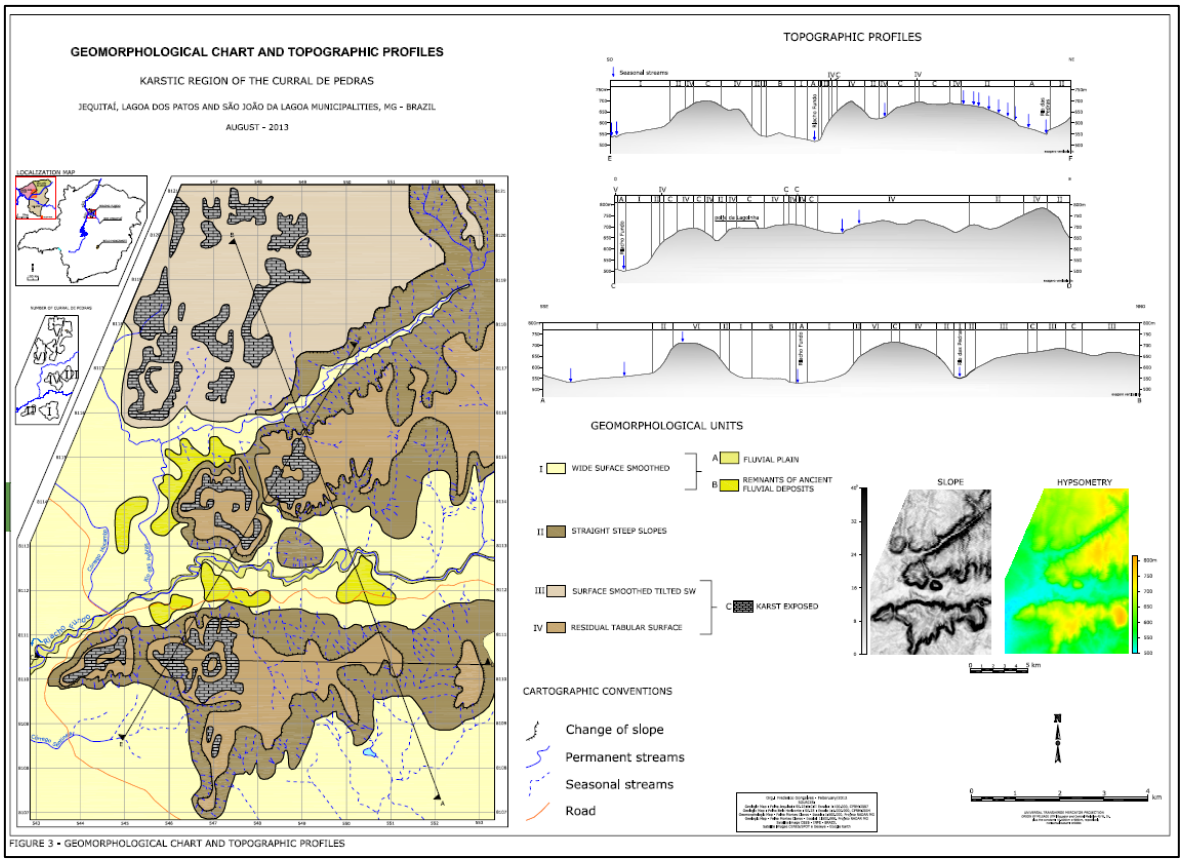


Figura 4 – Região cárstica do Curral de Pedras. Fonte: F. Gonçalves (2013).

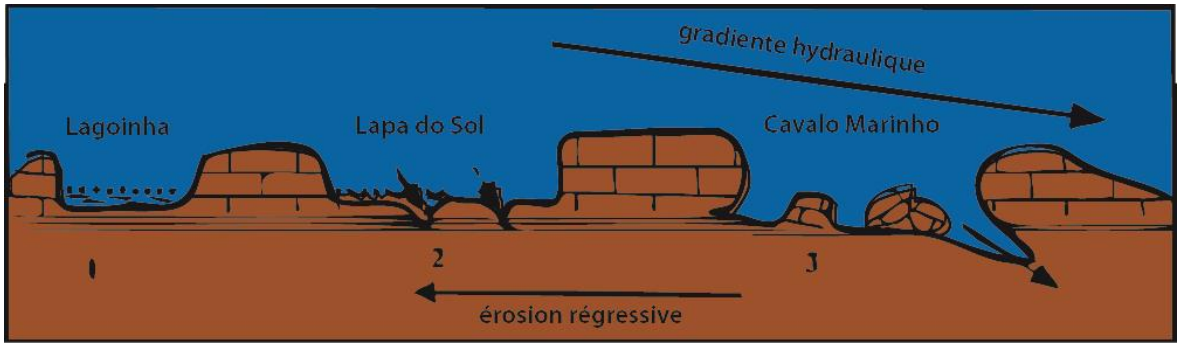


Figura 5 - Modelo carstodinâmico do Curral de Pedras. Sobre a incidência do gradiente hidráulico criado pela aproximação da vertente do maciço, observamos uma gradação da evolução geomorfológica de 1 até 3. A consequência desse gradiente é o mecanismo de erosão regressiva que regula, pouco a pouco, o sistema. É assim que, em 1 observamos um polje funcional; em 2, um polje parcialmente fossilizado pela níveis, com ponors mais eficazes; em 3, um desmantelamento e um desabamento da velha topografia e uma descida para um novo (?) nível de base (modelo Joel Rodet). Fonte: M. J. Rodet, 2010. Adaptado pelo autor.

A bacia hidrográfica sofreu grandes alterações fundamentadas em quatro compartimentos principais: Planalto do Jequitinhonha, Serra do Espinhaço, Planaltos do rio São Francisco e a Depressão do Rio São Francisco (Codevasf, 2015, p. 113). Para a área analisada, levaremos em consideração os dois últimos compartimentos fundamentais.

Os Planaltos do rio São Francisco são relevos residuais elevados, onde se desenvolvem formas tabulares e elevadas, em comparação com as áreas adjacentes, apresentando rebordos erosivos bem marcados (Codevasf, 2015, p. 102). Na área estudada, os principais remanescentes desse compartimento são as serras da Água Fria / Porteiras, dos Fonseca e a da Onça. Há nitidamente uma transição entre os planaltos do São Francisco e da depressão São Franciscana. De acordo com M. J. Rodet (2010), a zona de transição é um ambiente de misturas e de contrastes, constituído por elementos dos dois meios que ele liga, atenuando as características até oferecer dimensões que lhe são específicas. O primeiro elemento é a presença perene de água. O segundo é induzido pela sua posição geomorfológica que evolui do ambiente quartzítico ao ambiente carbonatado, passando por uma mistura resultante da combinação dos dois ambientes que podem se completar ou se destruir. Para Penha (2015), nesse espaço podem ser identificadas formas representativas de todas as fases evolutivas, associadas à dinâmica hídrica (introdução, armazenamento e restituição das águas pluviais) de um sistema cárstico controlado pela litologia.

A Depressão do rio São Francisco é formada por relevos rebaixados que se desenvolvem ao longo do rio São Francisco e seus afluentes, localizando-se entre os relevos planálticos na região em questão entre as cotas 500 e 550 metros. Essa grande superfície de aplainamento, caracterizada pela planície do rio São Francisco, refere-se à época denominada pleistocênica.

Tais compartimentos foram ocupados pelos grupos passados e, muito provavelmente, de maneira diferenciada em função de suas características geomorfológicas, onde é possível observar abrigos sob o calcário e sob o quartzito, os quais oferecem condições diferenciadas de ocupação. A ocupação humana antiga é evidente, mas a percepção e a utilização do espaço devem integrar os dois ambientes que limitam essa zona de transição (M. J. Rodet, 2010, p. 30). Um fato interessante é que o rio Jequitaí percorre substratos rochosos distintos, onde corta o maciço quartzítico da serra do Espinhaço e da serra da Água Fria/Porteiras e, afloramentos do Grupo Bambuí que fica localizado no alto e encostas de morros residuais situados dentro do grande vale cárstico do rio São Francisco. Destacam-se no relevo os desníveis topográficos existentes entre o topo das zonas serranas calcárias e a superfície média da planície do riacho Fundo e do rio das Pedras, que pode superar 200 metros. Para F. Gonçalves (2013), em seu estudo sobre a evolução do carste do

Curral de Pedras do Riacho Fundo, essas diferenças altimétricas se devem unicamente ao rebaixamento do nível de base deste riacho.

Assim, de acordo com a orientação de M. J. Rodet (2010), a área do projeto de pesquisa foi dividida em duas subáreas, de acordo com as litologias predominantes em cada uma delas, as vegetações existentes nas mesmas e a relação do ambiente e os vestígios arqueológicos. A *Subárea I*, denominada Serra da Água Fria/Porteiras, tem predominância do quartzito (Cânion do Jequitaí e Morro das Bibocas); e a *Subárea II*, conhecida como Curral de Pedras, é constituída por calcários e calcarenitos[1] da Formação Lagoa do Jacaré (Grupo Bambuí). Contudo, para esse estudo, consideraremos a Subárea II, situada a 12 km ao sul da cidade de Lagoa dos Patos, nas proximidades da serra das Porteiras até as margens do rio São Francisco, onde se desenvolve a norte maciços calcários cujos topos excedem 800 m de altitude.

Nessa subárea os maciços calcários constituem a serra do Boqueirão da Olaria, com formas de relevo acidentado, e são denominados pelos moradores rurais como currais de pedra, sendo em número de três: dois situados ao sul e ao norte do riacho Fundo, e aquele posicionado a norte-nordeste do povoado da Tesoura. Os arenitos cretáceos sustentam as formas de relevo plano dos topos das serras Espinho da Agulha e das Porteiras, esta última situada nas cabeceiras do riacho Fundo (M. J. Rodet, 2017).

Segundo Penha (2015), o Curral de Pedras é caracterizado por afloramentos tipicamente cársticos, em forma de anel, onde se destacam os lapiás, abismos, abrigos e pequenas cavernas. A despeito de distanciar-se somente 2 km do riacho Fundo, o topo do Curral de Pedras perfaz com ele um desnível de 225 metros, e água naquelas altitudes ocorre somente no interior dos poljes nas estações chuvosas, pois as numerosas fraturas e cavidades do maciço não favorecem a sua permanência nas secas. Entretanto, as pesquisas atuais apontam os locais onde a água da chuva fica armazenada por vários meses (M.J. Rodet com. Pessoal). A característica do solo, na maior parte da área estudada, é de solo raso com uma cobertura siltosa pouco espessa que vai se acumulando sobre as superfícies menos erodidas da rocha sedimentar.

[1] Calcarenito é uma rocha sedimentar arenosa calcária, constituída de grânulos de carbonatos, principalmente calcita. A maior parte dos calcarenitos é de origem marinha e possuem fragmentos orgânicos, oólitos e detritos de rochas calcárias mais antigas (Peixoto, A. M., 1998).

As rochas dolomíticas no Curral de Pedras são escuras em sua porção superior e frequentemente ocupam porções escarpadas das chapadas, ao passo que as demais se intercalam entre si e em geral afloram, ou estão encobertas por sedimentos do terciário-quaternários nos vales que entremeiam as serras da Água Fria, do Cabral, do Onça e do Jatobá. Arenitos arcosianos podem ser utilizados como lajes, bigornas, mós, polidores e batedores (Penha, 2015). As formas de relevo originadas pelo antigo sistema fluvial endocárstico (condutos e espeleotemas de cavernas relacionados ao fluxo de água no interior dos maciços) e exocárstico (fendas alargadas, poljes, pequenas bacias ou kamenitzas, lapiás, pináculos) no Curral de Pedras do riacho Fundo foram estudadas por M. J. Rodet (2010) e F. Gonçalves (2013).

Segundo M. J. Rodet (2010), o resultado atual dos processos erosivos na área é a presença de amplas superfícies rochosas com caneluras de dissolução (lapiás), interrompidas por fendas retilíneas de dimensões variadas, onde sedimentos silto-argilosos hospedam vegetações arbustivas e mesmo arbóreas. Entre os lapiás ocorrem áreas igualmente amplas, mais baixas e de topografia suave onde o substrato rochoso está encoberto por sedimentos silto-argilosos e folhas da mata seca decídua. Nesses setores de *lapiás* e *kamenitzas* são encontrados, em superfície, sobre a rocha, acúmulos de seixos lascados. Os abrigos formados pela dissolução da rocha são frequentemente pintados e/ou picoteados.

Estes locais foram sistematicamente frequentados pelos grupos humanos. Nas entradas das grutas são encontradas pinturas e gravuras rupestres, além de fogueiras com restos de alimentos. Dentro dos *lapiás* e *kamenitzas* e nos seus entornos, há uma grande quantidade de vestígios líticos lascados a partir de matérias-primas líticas provenientes do vale do Riacho Fundo e rio Jequitaí, indicando uma frequentação sistemática e um conhecimento profundo da região (M. J. Rodet com. Pessoal).

1.1.3 Hidrografia e clima

O Rio Jequitaí é um afluente da margem direita do Rio São Francisco, limitado pelos seguintes divisores de água: ao Norte, pela Bacia do Rio Verde Grande; ao Sul, pela Bacia do Rio das Velhas; a Leste, pela Serra do Espinhaço, e a Oeste pela Serra da Onça e o Rio São Francisco. As cidades de Jequitaí, São João da Lagoa, Lagoa dos Patos e Barra do Guaicuí, em Várzea da Palma são os núcleos urbanos mais próximos da área de pesquisa.

A bacia do rio Jequitaí drena uma área de 8.820 km. O Rio Jequitaí nasce na Serra do Espinhaço, no Estado de Minas Gerais, em altitudes de 1.350 m de altitude e, após um

percurso aproximado de 300 km, tem sua foz junto ao rio São Francisco em altitudes inferiores a 500 metros (Codevasf, 1996, p. 113). A partir desse ponto, o rio corre aproximadamente na direção leste / oeste até atingir a depressão São Franciscana – um compartimento de relevo rebaixado com altitudes inferiores a 500m, que se desenvolve ao longo do rio São Francisco e de seus principais afluentes - a jusante da cidade de Pirapora, fluindo ao longo de 20 km por um canal, cortando os quartzitos dessa serra até que seu vale começar a ser alargar por mais 12 km a nordeste da serra do Cabral, a 650 m de altitude, ocasionando uma grande declividade e um grande poder erosivo. Mais adiante, a sua declividade é reduzida de forma brusca, fato que reduz a sua capacidade de transportar sedimentos, o seu canal atinge um vale largo com lagoas, ultrapassando a borda norte da serra do Cabral, nos municípios de Francisco Dumont e Engenheiro Navarro, alcançando a planície situada entra as serras das Porteiras e da Água Fria, a 570 m de altitude. A menos de 10 km à frente o rio abre passagem entre as duas serras ao longo de um estreito cânion de orientação noroeste com cerca de oito quilômetros de extensão, alcançando finalmente a planície do rio São Francisco, a 480 m de altitude (Penha, 2015, p. 140).

De acordo com o relatório da Codevasf (1996), o regime hídrico ou de vazões do rio Jequitaí reflete bem as condições climáticas, podendo-se registrar ocorrências de vazões mínimas muito severas no período de julho a agosto, com descargas às vezes inferiores a $10m^3/s$ no local do barramento. No entanto no período de cheias é normal a passagem de chuvas com valores superiores a 1.000 m^3/s, refletindo bem o caráter torrencial do rio Jequitaí.

A porção do trecho médio/baixo da bacia do rio Jequitaí estudada nesta pesquisa é limitada a leste pela serra da Água Fria/Porteiras e a oeste pela foz do rio Jequitaí no São Francisco. As elevações localizadas na porção norte da bacia, conhecidas regionalmente pelo nome de serra dos Fonseca e serra do Boqueirão da Olaria, separam o vale do Jequitaí das bacias dos rios Verde Grande e Pacuí. As serras a sul da bacia são divisoras das águas do Jequitaí e do rio das Velhas (antigo Guaicuí). Este último possui pelo menos o dobro do comprimento daquele vizinho, desde suas nascentes até a foz. Diferentemente do rio Jequitaí, ele possui um eixo sudeste-noroeste, margeando a porção meridional das serras do Cabral e da Onça, antes de despejar-se nas águas do São Francisco (Tobias, 2010, p. 22).

Figura 6 – Mapa de localização da Lapa do Dinho em relaçã0 à bacia do rio São Francisco. Fonte: Google Earth.

O Curral de Pedras possui uma particularidade fundamental que o torna inóspito: não há fontes perenes de água, pelo menos nos locais prospectados até o momento. Ocorrem somente pontos de acúmulo de água (*micro-poljes* e *kamenitzas*), fato que acontece nas proximidades do sítio arqueológico Lapa do Dinho. No que se refere aos principais cursos d'água, alguns são perenes em oposição a outros que desaparecem no período de estiagem (M. J. Rodet, 2014, p. 6). Os rios certamente foram utilizados pelos grupos passados tanto para locomoção como para alimentação, pois comporta peixes de distintos tamanhos. Os rios São Francisco, Jequitaí e Riacho fundo são navegáveis e permitem cobrir grandes distancias muito rapidamente (M.J. Rodet com. Pessoal).

Sob o aspecto climatológico a região em que está inserido o Curral de Pedras do Jequitaí é classificada segundo a classificação climática de Köeppen, está contida no clima megatérmico chuvoso da classe Aw, com clima quente e úmido, com chuvas concentradas no verão, cerca de 80% do total anual. As temperaturas mais elevadas ocorrem entre fevereiro e março, antecedendo as chuvas de verão. As estações são bem identificadas, típicas do ambiente do serrado. A intensidade de seca é classificada como média e o regime de precipitação apresenta uma oscilação mais regular, alcançando níveis inferiores a 60 mm, sendo novembro, dezembro e janeiro os meses mais chuvosos e junho, julho e agosto os mais secos, quando as drenagens atingem seu volume mínimo (Codevasf, 1996, p. 68).

Os valores de precipitação que ocorrem na área da Bacia do rio Jequitaí são influenciados pelo aspecto do relevo, que favorece o aumento da precipitação nas encostas das Serras do Espinhaço e Canastra. A região possui clima tropical semiúmido com valores de temperatura média anual variando entre 21°C e 24°C. É pouco afetada diretamente pela influência do mar, uma vez que está separada desse pela Serra do Espinhaço e por outro lado às massas de ar frio, vindas do sul do continente associadas a frentes frias raramente invadem a área, de forma que o regime de temperatura é bastante estável. O período mais quente do ano ocorre nos meses de setembro e outubro, com valores de temperatura variando de 21ºC a 26ºC e o mais frio nos meses de junho e julho, com variações entre 17ºC e 22ºC. Durante quase todo ano os valores das médias das temperaturas máximas ultrapassam 35ºC, devido ao registro de mínimos de nebulosidade o que consequentemente conduz a recepção de grandes quantidades de radiação solar, e a altitudes mais baixas (Codevasf, 1996, p. 70).

O estabelecimento das condições atuais observadas no Brasil Central está associado a um aumento notável das condições de umidade, enquanto, no mesmo período, prevalece um clima semiárido na região nordeste. Ainda assim, o clima semiúmido identificado na região de Jequitaí, parece corresponder a uma área de transição climática entre os domínios semiáridos nordestinos e os úmidos localizados em latitudes mais altas. Pensando assim, muitos grupos humanos abandonavam a região devido a períodos de extrema aridez. Para Bueno (2007) a disponibilidade e acessibilidade à água seria o principal fator em determinadas regiões do Planalto Central, desde a transição do período Pleistoceno para o Holoceno. Contudo, mais adiante Bueno esclarece que a influência do clima é sempre mediada pela cultura e que diferentes grupos podem fazer escolhas singulares frente ao mesmo contexto ambiental.

1.1.4 A vegetação

A vegetação predominante na bacia do Jequitaí pertence ao bioma cerrado. O regime climático tropical úmido influencia diretamente a distribuição da cobertura vegetal pela região da pesquisa, onde podemos encontrar os cerradões (sobretudo nas áreas mais baixas e onde ocorrem solos mais irrigados e mais ricos em sais minerais) e predominantemente o cerrado, apresentando características decíduas impostas pelas condições do clima sub-úmido atual. De forma geral, os cerrados caracterizam-se por apresentar um estrato superior arbóreo/arbustivo, cujos elementos se distribuem de maneira esparsa, e outro estrato baixo e contínuo formado por arbustos menores e ervas. Assim,

podemos encontrar estreitas matas de galeria, mata ciliar, campos rupestres e essencialmente a mata seca decídua[2] e caatinga (caatinga hiperxerófila – floresta estacional decidual). Ocorre também o palmeiral, onde predominam as palmeiras, a vereda normalmente ladeada por um estrato arbóreo-arbustivo e o parque cerrado, caracterizado pela concentração de árvores em locais específicos. Ab´Saber (1973) conclui que toda a região encontra-se no "domínio dos chapadões recobertos por cerrados e penetrados por florestas-galeria", onde predominam os planaltos cristalinos, planaltos sedimentares compartimentados, depressões e planícies (AB'SABER, 1973, p. 406). De acordo com Brandt e Piló (1996, apud M. J. RODET, 2014, p. 6), “trata-se de uma região de maciços planálticos e planaltos sedimentares compartimentados, com uma vegetação do tipo cerradão e cerrado nos interflúvios e médias vertentes e florestas-galerias contínuas”.

Na paisagem observada pelos lados do norte de Minas Gerais, não é difícil confundir-se ao se presenciar diferentes tipos e tamanhos de feições do Cerrado predominantes na região. Presume-se que o estrato arbóreo e as plantas altamente adaptadas ao clima predominante é que dão essa sensação de estar em biomas diferentes, pois esse tipo de vegetação é subdividido - de acordo com a densidade das plantas -, em cerrado denso, cerrado típico, cerrado ralo e cerrado rupestre.

No contexto do Curral de Pedras, as matas de galeria ou ciliares estão presentes nas margens dos rios Jequitaí e seus afluentes perenes e Riacho Fundo, sendo compostas por espécimes típicas do Cerrado, enquanto as que crescem junto às drenagens intermitentes, como o córrego do Sítio e seu afluente córrego das Bibocas, são descritas como espécies particulares de Caatinga hiperxerófila.

[2] GONÇALVES, Sabrina Thamires. A floresta estacional decidual no Brasil: distribuição geográfica e influência dos aspectos pedogeomorfológicos na vegetação. In: Revista Monografias Ambientais – REMOA, vl. 14, n. 1, Jan.-Abr., UFSM. Santa Maria: 2015, Jan.-Abr., p. 144-153, 2015.

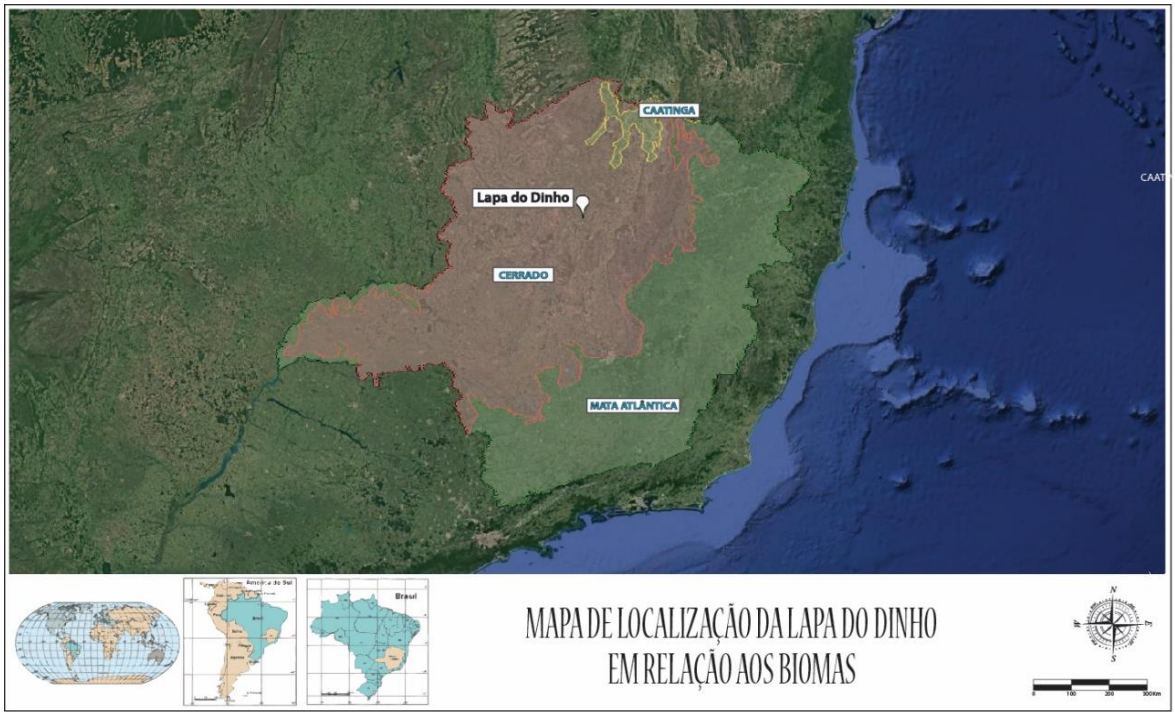


Figura 7 – Mapa de localização da Lapa do Dinho e dos biomas. Fonte: Johni Cesar dos Santos.

A associação de espécies típicas da Caatinga e do Cerrado levou os pesquisadores a considerarem a região como uma faixa de transição entre os dois biomas. Portanto, são encontradas áreas recobertas pelo cerrado em suas formas características, manchas de uma vegetação com fisionomia intermediária entre este e a caatinga, contendo espécies de ambos os domínios e, por fim, machas que podem ser caracterizadas como caatinga. Os campos rupestres ocorrem em áreas acima dos 900m de altitude, nas porções mais altas da serra da Água Fria/Porteiros e na serra do Cabral. No Curral de Pedras ocorre mata seca, um tipo de vegetação que possui afinidade florística com a Caatinga, ocorrendo com frequência em plantas urticantes e espinhosas, evidenciando que a região passa por grandes períodos de seca, quando quase todas as folhas caem e se forma um tapete marrom avermelhado quase contínuo, cobrindo uma parte no intermédio dos afloramentos, com vegetação arbórea com até 15 cm de comprimento. Contudo, grandes árvores se apresentam no meio dos arbustos. As árvores raramente ultrapassam 10 metros de altura e exibem troncos tortuosos, geralmente recobertos por espessa casca. No estrato mais baixo, ocorre um predomínio de gramíneas.

1.2 Contexto arqueológico

1.2.1 As ocupações humanas na bacia do rio São Francisco

Muitos fatores indicam que a área das planícies e afluentes do Alto-médio São Francisco tenha sido ocupada em períodos pretéritos por grupos humanos, indicando um alto potencial arqueológico para a região. A partir de estudos realizados em diversos sítios associados a vestígios (PROUS & RIBEIRO, L., 2006; PROUS, 2013; M. J. RODET, 2006), foi possível definir uma sequência cronológica para a ocupação da região, que teve início na passagem do Pleistoceno-Holoceno (entre aproximadamente 12.000 e 11.000 anos AP). O fato é que o rio Jequitaí interliga a bacia do rio São Francisco e a bacia do rio Jequitinhonha, em Minas Gerais, formando um longo corredor, o que leva à possibilidade dessa região ter sido ocupada por diferentes grupos culturais. Há muitas hipóteses de ocupação e estudos anteriores, principalmente no Peruaçu (PROUS, 1994a, 1994b, 1997, 2001) e em Buritizeiro (SOUZA, 2008; ALVES, 2007; PENHA, 2013).

Diversas escavações foram realizadas na região do alto-médio São Francisco, desde a década de 1980, tornando as informações e dados coletados referência para o estudo da arqueologia pré-histórica da região norte de Minas Gerais. O sítio arqueológico Bibocas II, em Jequitaí, e um abrigo de quartzito sob a rocha localizado próximo ao entroncamento dos córregos do Sítio e Bibocas, com fácil acesso a fontes de matérias-primas líticas e alimentação abundante, onde foram encontrados vestígios de fogueiras que viabilizaram as datações arqueológicas. Durante as escavações (M. J. Rodet, 2010), foram coletadas amostras e realizadas datações com Carbono 14, demonstrando os grupos humanos que utilizaram o abrigo chegaram ao local durante o Holoceno inicial, há aproximadamente 10.500 AP, contudo no nível VI superior, datado de (10.470 +/- 80 AP), os dados sugerem que a utilização principal do abrigo foi para preparação (fogueiras) e consumo de alimentos (Souza, 2015).

De acordo com Rodet (2010), o sítio arqueológico Caixa d´água é um sítio a céu aberto localizado na área urbana do município de Buritizeiro, à margem direita do rio São Francisco. O sítio foi descoberto em 1987, quando teve início uma obra parra a construção do SAAE – Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto de Buritizeiro e que vem sendo escavado desde 2005 pela equipe do Setor de Arqueologia Pré-histórica do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Em um dos setores constatou-se a existência de um cemitério com muitos sepultamentos em bom estado

de conservação, além de material lítico e polido, que comprovam que as ocupações ocorreram durante o Holoceno médio, por volta de 6.000 AP.

1.2.2 Contexto de ocupação humana em Jequitaí

A ocupação humana na região de Jequitaí pode ser justificada devido à formação de abrigos de diversos tamanhos localizados em áreas próximas a fontes de água perenes; as características do meio físico e biótico e a possibilidade de se usar canoas para a navegação, favorecendo o deslocamento de pessoas estão entre os fatores principais. Bassi (2012) argumenta que a proximidade de áreas com afloramentos com sítios arqueológicos conhecidos, favorece um ambiente com diversidade e disponibilidade de infinitos recursos naturais, sendo possível compartilhar destes espaços e usufruir de distintas paisagens sazonalmente, por se tratar de ambiente transicional entre a mata seca e a caatinga, adaptadas à alta oscilação dos recursos hídricos.

Segundo Penha (2015), nas estações chuvosas os poljes eram ocupados por lagoas e havia também águas no ambiente subterrâneo e no fundo das amplas fendas abertas no maciço calcário, e os recursos alimentares provavelmente eram fartos. Mesmo nas estações secas, os incontáveis abrigos e grutas existentes no ambiente eram nichos sombreados que proporcionavam a estes grupos frescor, uma relativa segurança e suportes para as pinturas e picoteamentos rupestres. Os recursos alimentares de origem animal podem ser percebidos atualmente, inclusive durante a seca, nos sedimentos carbonáticos argilosos úmidos dos poljes, que sustentam insetos, moluscos, pássaros, anfíbios, répteis e mamíferos que aí vivem ou afluem para caçar.

Para Tobias (2010), a situação deste afloramento no alto de uma serra, entretanto, favorece uma ótima visibilidade do vale do rio Jequitaí, enquanto proporciona abrigos e cavernas extremamente escondidos, na parte interna do afloramento. A entrada nesta área está fortemente condicionada pela existência de somente dois corredores de acesso, restritos pelos afiados campos de lapiás: um voltado para o sul (na direção do rio Jequitaí) e outro para o norte (na direção do Riacho Fundo). Estas características concedem proteção ao mesmo tempo em que possibilitam o rápido acesso a recursos inexistentes no alto da serra, desde que se conheçam estes caminhos. Há outras formas de acesso menos conhecidas, por cavernas que cruzam o afloramento, corredores rochosos e escalonamentos que conectam a parte externa à interna.

Atualmente, a região do Curral de Pedras vem sendo ocupada por grupos de caçadores – principalmente das terras baixas, junto ao Riacho Fundo, e em boa parte do sertão e do planalto mineiros – que caçam animais silvestres – mocó principalmente - por diversão ou para vender a sua carne e pele na cidade. A presença dos caçadores nesse ambiente é evidenciada pela presença de inúmeras trilhas marcadas no piso sedimentar e pela existência de cabanas de caça, onde é possível observar ferramentas para caçar, roupas, comida estocada, peles dos animais mortos nos locais. Ainda sobre as ocupações humanas consideradas mais recentes, existe a presença de garimpeiros, essencialmente na área quartzítica do rio Jequitaí, que vivem exclusivamente da exploração do quartzo.

De acordo com M. J. Rodet (2014), esses garimpeiros estão instalados nas proximidades de setores com presença de grandes jazidas do mineral, e têm suas vidas completamente reguladas pelo trabalho nessas jazidas, fato que interfere na cronologia desses grupos, pois muitas vezes, os vestígios líticos deixados por esses grupos atuais se misturam àqueles dos grupos pré-históricos, como é o caso do abrigo Bibocas II, sem que os arqueólogos possam realmente definir quais cadeias operatórias pertencem a quais grupos.

Em relação à região do município de Jequitaí, foram feitos levantamentos e estudos destacando uma grande ocorrência de afloramentos em rochas calcárias e quartzíticas que formam abrigos que foram sendo ocupados durante a pré-história, desde o início do período Holoceno (ALVES, 2012; TOBIAS, 2010; PENHA, 2013; BERDER, 2011; SILVA, 2010; M. J. RODET, 2010, 2012, 2014; BAGGIO, 2012).

1.2.3 Pesquisas com representações rupestres em Minas Gerais

As primeiras pesquisas relacionadas com arte rupestre no Brasil foram empreendidas por padres jesuítas. Por serem muito próximos dos nativos, o seu acesso às cavidades com representações rupestres era facilitado. O primeiro período é marcado pelo relato dos cronistas da conquista e naturalistas viajantes que retratam temas como hidrologia, geologia e história natural, e às vezes abordavam a etnologia e a arqueologia. Esse período de “caça aos tesouros”, quando o valor artístico se sobressai ao científico. O segundo período é caracterizado pelas primeiras teorias sobre o povoamento do Brasil e da América, principalmente pelos seguidores de Peter W. Lund. Há o interesse crescente da monarquia brasileira pelo assunto, ainda que o misticismo tenha marcado as pesquisas feitas pelas expedições estrangeiras. O terceiro período é conhecido pela busca por cidades perdidas,

contudo crises internas deixam a arqueologia brasileira em segundo plano nas primeiras décadas do século XX.

Nos anos de 1960, Betty Meggers (1921-2012) e Clifford Evans, arqueólogos da Fundação Smithsonian de Washington (EUA) levaram ao Brasil as ideias do neoevolucionismo americano e da ecologia cultural, influenciados principalmente pelas teorias de determinismo ambiental propostas por Julian Steward na década de 1950, que moldariam mais tarde as suas interpretações sobre a ocupação humana da Amazônia. Nesse contexto, Meggers e Evans receberam apoio institucional e financeiro do CNPq, em especial do Museu Goeldi, para a fundação do Programa Nacional de Pesquisa Arqueológica (PRONAPA), que ficou ativo no período compreendido entre 1965 a 1970 e que contribuiu muito para a construção do primeiro panorama da pré-história brasileira. As estratégias de campo, análises e metodologias adotadas pelo recém-criado órgão foram recorrentes na arqueologia brasileira especialmente na década de 1970 e até mesmo em 1980. Influenciadas pela Ecologia Cultural americana de Julian Steward, a linha de pesquisa teve influência de Betty Meggers, que priorizava os fenômenos naturais ao construir interpretações sobre mudança social.

No PRONAPA, o casal Evans adotou como estratégia de análise dos sítios arqueológicos a realização de coletas de superfície e de pequenas sondagens feitas a partir de níveis artificiais. Os materiais foram ordenados segundo a seriação Ford, procedimento que organiza os vestígios a partir de tipologias concebidas para detectar mudanças através do tempo e do espaço. Segundo esta linha de pesquisa, os materiais são classificados segundo as categorias de fase e tradição inspirados em Willey& Phillips (1955).

Para Souza (2015), o PRONAPA foi importante, pois descentralizou as pesquisas arqueológicas que estavam focadas a partir do eixo Rio-São Paulo, além de abrir os estudos para o público, que teve conhecimento de sítios arqueológicos recém-descobertos em todo o território nacional. No Brasil, ao escolher organizar seus dados nas categorias de “fases” e “estilos”, os arqueólogos encontraram dificuldades de integrar os dados coletados ao longo dos anos em uma síntese de arqueologia nacional, pois em terreno brasileiro havia variantes culturais e étnicas, fato que os aproximou das práticas do difusionismo cultural europeu do que ao neoevolucionismo ecológico americano (BARRETO, 2009). Contudo, nos outros países da América do Sul em que eles atuaram, optaram pela utilização de um arcabouço teórico calcado no neoevolucionismo associado a um quadro interpretativo Marxista, o que

permitiu a criação de categorias como “formações sociais” e “modos de produção”, promovendo a integração da arqueologia nas demais ciências sociais. No Brasil apareceram autores que procuraram novas possibilidades que se afastavam dos problemas metodológicos envolvidos na definição das categorias (Azevedo Netto, 2003 e Santos Júnior, 2007).

Na década de 1970, Annette Laming-Emperaire (1917-1977) - que já havia estado no Brasil na década de 1960 a convite do diretor do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (CEPA) - e André Prous, receberam influências dos ensinamentos de Leroi-Gourhan aplicados ao contexto de sítios paleolíticos franceses, fato que foi definitivo para que eles trouxessem a Missão Franco-brasileira à Lagoa Santa, onde focaram os seus esforços na escavação do sítio Lapa Vermelha IV, onde foram identificados fogueiras e líticos, atingindo uma profundidade de mais de 10 metros, chegando a níveis pleistocênicos (LAMING-EMPRERAIRE, 1979). Nesses sítios foi encontrado o esqueleto humano de uma mulher, com cerca de 11.000 anos AP, sendo considerado o esqueleto mais antigo das Américas, o que gerou discussões e repercussão internacional. Metodologicamente, a Missão Francesa foi pioneira no estudo da arte rupestre dentro de um contexto cronológico, pois produziu datas para pinturas na Lapa Vermelha IV (Holoceno Médio). Esta Missão durou de 1971 a 1977, quando morreu a pesquisadora francesa.

Entre 1976 e 1979, uma equipe liderada pelo arqueólogo André Prous da Universidade Federal de Minas Gerais escavou o sítio Grande Abrigo de Santana do Riacho a cerca de 60 km ao norte do carste de Lagoa Santa. Embora localizado fora do carste, esse sítio se insere dentro do contexto cultural e estilístico de Lagoa Santa. Nesta escavação foi encontrado um rico material arqueológico datado da transição do Pleistoceno para o Holoceno, além de painéis de pinturas rupestres nas paredes do abrigo. O objetivo era retomar pesquisas arqueológicas na região de Lagoa Santa, para aproveitar o rico material preservado no ambiente cársticos, reconstituir as mudanças ambientais, verificar a antiguidade da presença humana e a eventual coexistência do Homem com a fauna extinta.

Nos anos seguintes, Walter Neves da Universidade de São Paulo (USP) fez estudos de craniometria comparada em Lagoa Santa, propondo um modelo um modelo de migração para as Américas que considera a chegada de dois componentes biológicos principais ao continente, onde foi constatada uma diferença de morfologia craniana entre os primeiros habitantes das Américas e os indígenas modernos (NEVES e HUBBE, 2005). Com essa nova perspectiva de análise de material arqueológico sobre as populações pré-históricas,

incorporou-se novas abordagens teóricas na antropologia biológica, estabelecendo novas conexões entre antropologia, arqueologia e biologia.

1.2.4 Pesquisas rupestres em Jequitaí e no Curral de Pedras

Jequitaí é uma região inserida no alto médio rio São Francisco, onde um dos lados está a serra do Cabral a sudeste; o carste de Montes Claros a nordeste e os planaltos do Espinhaço a leste. Ao norte há uma faixa com características cársticas que se estende desde o Vale do Peruaçu, em Januária/MG até a serra do Ramalho - BA.

Os primeiros arqueólogos que pesquisaram a região de Jequitaí e adjacências foram os canadenses Alan Bryan e Ruth Gruhn. Em parceria com o recém-criado Setor de Arqueologia da UFMG, sob a coordenação do prof. André Prous, que tentavam comprovar a coexistência e convivência do Homem com a megafauna pleistocênica em Minas Gerais a partir da década de 1970. Na região do alto médio rio São Francisco (Jequitaí, Lagoa dos Patos e Barra do Guaicuí), os estudos arqueológicos pioneiros foram iniciados em 1972, pelo Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB) com apoio do PRONAPA, com o Programa de Pesquisas no Vale do rio São Francisco (PROPEVALE). Sob a coordenação de Ondemar Dias Júnior, do IAB, o objetivo era prospectar sítios arqueológicos ao longo da bacia citada, tendo como sede a cidade de Pirapora (CARVALHO & CHEUICHE, 1975).

Dias Júnior (1976) realizou pesquisas na região, onde foram descobertos sítios rupestres ao longo do vale do rio São Francisco. Dentre os municípios que compõem a área estudada, Lagoa dos Patos e Jequitaí se tornaram o centro de um projeto de prospecção e cadastramento de sítios arqueológicos e espeleológicos entre os anos de 1978 e 1980. Com o apoio de estudantes e cientistas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e coordenação e patrocínio do Centro de Pesquisas Geológicas (CPG), e em seguida do Centro Tecnológico de Minas Gerais (CETEC), foi possível a descoberta dos sítios arqueológicos e espeleológicos Curral de Pedras I, II e III, localizados ao sul do riacho Fundo. Nesse mesmo período, foi localizado o sítio arqueológico Bibocas.

Para entender quando as populações pré-históricas chegaram à região e como se instalaram ali, o Setor de Arqueologia Pré-Histórica do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (MHN-UFMG) vêm trabalhando desse o início dos anos 1980 na região norte do estado de Minas Gerais, ao longo do rio São Francisco e seus afluentes. Prous, Lanna e Paula (1980), Isnardis (2004), Linke (2008), entre outros, observaram a variação dos conjuntos rupestres nessa região.

Segundo Penha (2015), as informações levantadas pela arqueologia de contrato em função da construção da barragem no rio Jequitaí, geraram resultados consideráveis no tocante à geomorfologia dos sítios arqueológicos, às cadeias operatórias de suas indústrias líticas, às práticas de sepultamentos funerários, ao reconhecimento de práticas agrícolas e à caracterização e inserção na paisagem das manifestações rupestres. Pesquisas recentes relevantes para a compreensão do contexto rupestre regional foram elaboradas por Tobias Jr. (2010, 2013), que propôs a existência de vínculos entre formações rochosas e tradições rupestres, de modo que os suportes quartzíticos teriam sido preferidos pelos autores da Tradição Planalto e os suportes calcários, pelos autores da Tradição São Francisco.

A partir de 2007, pesquisadores do MHN-UFMG, sob a coordenação de M. J. Rodet e D. Talim, realizaram prospecções em torno do município de Buritizeiro, ampliando as pesquisas para o município de Jequitaí, onde foram feitas novas descobertas de sítios, principalmente nas áreas cársticas de abrigos sob a rocha (M. J. RODET & DUARTE, 2012). Entre 2012 e 2014, Maria Jacqueline Rodet coordenou os pesquisadores do Setor de Arqueologia da UFMG em campanhas de campo nos sítios arqueológicos referidos, sob o financiamento da FAPEMIG, CNPQ e Missão Franco-Brasileira. Duas dessas pesquisas foram concluídas (M. J. RODET, 2010, 2014) e mais duas encontram-se em andamento, sendo que uma delas envolvendo escavação no sítio arqueológico gruta da Passagem, inserida na área do Curral de Pedras (M. J. RODET, 2012, 2014).

Ainda no ano de 2007, Martha Maria de Castro e Silva, Vanessa Linke e Rogério Tobias Junior, sob a coordenação de André Prous, do Setor de Arqueologia da UFMG, foram enviados ao Jequitaí com o objetivo de realizar levantamentos de painéis rupestres dos sítios identificados nos três decênios anteriores na região, visando obter uma amostra dos grafismos rupestres existentes e compará-la com outras regiões já estudadas por Prous e outros (1980), que à época defendia a possibilidade de “transição” estilística na região do Jequitaí.

Escavações foram realizadas no sítio em abrigo sob a rocha Bibocas II (ocupado desde o final do Pleistoceno). De acordo com Prous (1995), o registro rupestre em Bibocas acompanha a transição entre as formações quartzíticas e calcárias, onde as figuras pintadas sobre a rocha se dividem entre os dois compartimentos geológicos citados, como se a paisagem funcionasse como demarcadores de territórios e as separassem (PROUS, 1995). Nessa perspectiva, as pinturas rupestres encontradas no Curral de Pedras possuem

homogeneidade estilística e temática que se dispersa por um amplo território e sugere que haveria uma provável transição estilística entre as áreas quartzíticas e calcárias (TOBIAS JR., 2010). Os estudos foram realizados nos sítios rupestres nos calcários carstificados do Curral de Pedras I, II e III, priorizando a caracterização da geologia, biologia, arqueologia e espeleologia (CPG, 1978; CETEC/CPG, 1980).

No âmbito das pesquisas com representações rupestres no Curral de Pedras do Jequitaí, a região do Curral de Pedras foi abordada no estudo sobre a arqueologia nas planícies e afluentes do Alto-médio São Francisco, nos municípios de Jequitaí e Buritizeiro (M. J. RODET, 2007). A pesquisa procura entender em que contexto pré-histórico os ancestrais chegaram nessa região, localizada na zona cárstica dos pequenos afluentes do rio Jequitaí, onde os abrigos calcários facilitaram a localização dos sítios e a conservação dos vestígios materiais de grupos pré-históricos que frequentaram o local.

A continuidade dessa pesquisa foi reorientada para a identificação e a caracterização de sítios a céu aberto e de sítios em quartzito, procurando abranger contextos arqueológicos a céu aberto e em abrigo. Em 2012 estudos envolvendo aspectos geoarqueológicos e a carstolológicos foram realizados pelo setor de Arqueologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico de Belo Horizonte (Joel RODET, 2012) na região de Jequitaí e Lagoa dos Patos, relativos à análise de dados dos nove dias de campana de campo realizada em 2009. O trabalho enfatiza o contexto geomorfológico da região de contato entre as serras associadas ao estabelecimento da serra do Espinhaço, situada a leste, e o grande vale do rio São Francisco.

O autor destaca os calcários da serra da Grupiara, macio que se desenvolve imediatamente a oeste da Serra das Porteiras, da qual a serra da Grupiara é separada por uma depressão de contato onde estão as cabeceiras do Riacho Fundo, um dos maiores afluentes perenes da margem direita do rio Jequitaí. O tema foi abordado no 12º Simpósio de Geologia do Sudeste em 2011, sob o título A serra do Curral de Pedras (Jequitaí, Minas Gerais, Brasil): um modelo de carste condicionado pela estratigrafia (RODET, Joel et al., 2011), onde é descrito a geomorfologia da Serra da Grupiara e o seu topo meridional, o Curral de Pedras. Recentemente, Tobias (2010) analisou a Lapa Pintada de Jequitaí (Cânion), o Abrigo das Bibocas I, o Abrigo da Sorte e a Lapa do Veado Correndo (área quartzítica). Na área calcária, foram analisados os sítios Lapa do Sol de Jequitaí, a Lapa das Duas Gameleiras e a Lapa da Cabeça da Onça.

Em 2012, um trabalho apresentou as análises tecnológicas sobre o material lítico escavado dos níveis mais antigos do sítio arqueológico Bibocas II, localizado no município de Jequitaí, MG (BASSI, 2012). A região foi preferida na dissertação, pois a região de Jequitaí destaca-se pelas suas formações geológicas, caracterizada por possuir grande ocorrência de afloramentos em rochas calcárias e quartzíticas. Os afloramentos calcários do Curral de Pedras encontram-se numa zona de transição geológica próxima da região analisada por Bassi. A dissertação sobre a morfodinâmica e morfogênese do carste suspenso do Curral de Pedras (GONÇALVES, 2013) é importante, pois aproximou a arqueologia e a geomorfologia, permitindo a compreensão da topografia dos condutos (Lapa do Sol I e II e da Lagoinha), principais áreas com ocorrência de grafismos rupestres conhecidos nesse maciço calcário. O relevo do carste suspenso do Curral de Pedras é algo notável em se tratando de geomorfologia, pois a serra do Boqueirão da Olaria, situada ao norte do riacho Fundo, e o Curral de Pedras estão sustentados por calcários escuros e siltitos do Grupo Bambuí (PENHA, 2015).

A paisagem cárstica do Curral de Pedras foi mais especificamente abordada Pela Revista Brasileira de Arqueologia em 2017 em um artigo, quando esse tipo de cenário foi observado nas superfícies cimeiras de elevações topográficas tabulares situadas em terrenos da bacia do Riacho Fundo (GONÇALVES et al., 2017), onde as feições do relevo desenvolvem-se em carbonatos neoproterozóicos da Formação Lagoa do Jacaré. De acordo com Gonçalves et al. (2017), no setor oeste do Curral de Pedras I, área onde está inserido o sítio Lapa do Dinho, foram identificados dois conjuntos de formas de absorção com morfologia e funcionamento hidrológicos distintos, compostos pelos *karren* (fraturas, fendas e abismos) e por depressões fechadas decimétricas a métricas (dolinas) e por depressões fechadas com fundo plano (*mini-polje*).

Em 2017, foi desenvolvido o projeto Arqueologia e etnografia da região do alto médio rio São Francisco (Jequitaí, Lagoa dos Patos e Barra do Guaicuí – estado de Minas Gerais), com apoio do Laboratório de Tecnologia Lítica – Setor de Arqueologia Pré-histórica do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (MHNJB-UFMG), coordenada pela arqueóloga Maria Jacqueline Rodet, quando foram realizadas atividades de campo relacionadas ao estudo geomorfológico, prospecções, coletas de material arqueológico de superfície, escavação e registro fotográfico de grafismos rupestres.

2
REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Este capítulo tem como objetivo apresentar a abordagem teórica e metodológica da pesquisa. Propõe-se identificar o padrão de reconhecimento e a temática dominante relacionada com o suporte rochoso, dos registros rupestres no sítio Lapa do Dinho, no município de Jequitaí, em Minas Gerais.

2.1 “Arte rupestre”: um conceito em evolução

Na arqueologia existem vários estudos que tratam do que geralmente se conhece por “arte rupestre” e utilizam diferentes termos para as pinturas rupestres, o que nos leva a pensar novas metodologias e marcos teóricos sobre o tema. De acordo com Prous (1999, p. 251), surgem os primeiros títulos com o termo “arte rupestre” na década de 1960. No início da década de 1970, começam a serem utilizadas as expressões de caráter imparcial a uma proposta interpretativa, como “pinturas”, “gravuras”, “petróglifo” ou “pedra com inscrições”. Nesse período, fica evidente a preocupação com a sistematização dos registros dos sítios e com as orientações conceituais, tais como: estilo, tradição, cronologia e ambiente. Os primeiros trabalhos feitos sob a perspectiva dos conceitos de signos e representação começam a surgir, dando origem à interpretação relacionada às analogias etnográficas. Na década seguinte os estudos continuam a tendência interpretativa de se tornar mais imparciais, onde os sítios são indicados como “unidades estilísticas”, “pinturas rupestres” e “abrigos com pinturas e gravuras”. O campo da “representação” ganha força com expressões como “símbolos”, “expressão visual”, “imagens pré-históricas” e “representações rupestres”.

Atualmente alguns usos correntes da terminologia para a pintura rupestre estão mais diretamente relacionados a um sentido interpretativo, tais como: “arte rupestre”, valorizando-se o conteúdo artístico; “pictoglifo”, remete à grafologia; “petróglifo”, escrita na pedra, também remete à grafologia; “figura”, refere-se aos ícones; “grafismos”, como sinais gráficos, discurso. Hyder (1988, p. 7), fundamenta esta afirmativa quando diz que devemos olhar as pinturas rupestres como uma forma visual de expressão simbólica; expressão visual não no sentido da arte, mas de uma "linguagem" constituída de signos desprovidos de raízes originais, sem relação sensível com os objetos (os signos geométricos).

A arte, portanto, conforme Sylvia Novaes (1999, p. 70), diferencia-se da linguagem rupestre exatamente por estabelecer esta relação sensível entre signo que se dá pela semiose.

Dessa forma, existe uma dificuldade em se definir “arte” como conceito associado a “rupestre”, pois apenas o observador sabe a sua opinião, descrevendo-a com seus sentimentos e particularidades, fundamentalmente subjetivista e fora da realidade. Para Bourdieu (2001, p. 270), a identificação do objeto de arte, como tal, depende da percepção estética do observador, de tal forma que: "[...] a classe dos objetos de arte seria definida pelo fato de que existe uma percepção guiada por uma intenção propriamente estética, isto é, uma percepção de sua forma muito mais do que sua função". Ela é (a arte) então, produto histórico, que deve ser legitimada pela sociedade em que é produzida. Fora dela, o significado intrínseco à sua forma de expressão se perde, para dar lugar apenas ao de beleza plástica. Prous (1999), falando sobre a estética e a arte, define como arte:

> *Desta forma, a própria palavra “arte” aplicada a manifestações de outras épocas ou regiões - quanto mais a grafismos pré-históricos (“arte rupestre”, por exemplo) - aparece como profundamente determinada por nossos conceitos étnicos. Será, portanto, possível estudar estas manifestações culturais produzidas por populações não ocidentais a partir das nossas categorias sem ficar preso a um discurso sobre nós mesmos?*

Então, podemos entender que a “pintura rupestre” estaria fora da esfera artística, e mesmo que pertencesse a essa esfera, estaria fora da possibilidade de qualquer análise científica. O próprio termo “arte rupestre” já vem sendo utilizado há um tempo considerável, no entanto, André Prous (2003, p. 44) sugere em seu lugar “grafismos”, por considerar a obra de arte uma “finalidade sem fim”, objeto de contemplação estética quase que mística. Assim sendo, existe uma discussão sobre se a expressão “arte” não deve ser incorporada à expressão “arte rupestre”, pois fazer e pensar arte faz sentido para a sociedade que a produz, “[...] é específica de cada cultura” (MITHEN, 2002, p. 252). Entre as sociedades ocidentais existe uma predeterminação de apropriar-se e extinguir os valores simbólicos dos objetos de outras culturas, mantendo o controle sobre elas. Questiona-se, evidentemente, se os executores das pinturas rupestres possuíam conhecimento do conceito de arte enquanto arte estética e assim se poder designar “sítios de arte rupestre”. Nessa perspectiva, além do sentido ritual e mágico, a “arte rupestre” comportaria também o sentido estético, que se combinam entre si.

Recentemente, as pesquisas sobre “arte rupestre” estão sendo direcionadas à interpretação, no sentido da análise científica da “arte rupestre”, valendo-se da arqueologia e da antropologia, tratando o objeto de estudo com metodologias mais apropriadas. Nesse trabalho, resultado de pesquisas de campo no Curral de Pedras, em Jequitaí, foram considerados os conceitos e as teorias baseadas na Arqueologia Cognitiva – essencialmente a Semiótica - e nas pesquisas de laboratório, cujos objetos principais são as *representações culturais*. Então, nesse ponto podemos reconhecer que o termo *representação rupestre* se apresenta mais apropriado a esse tipo de manifestação humana, como reprodução daquilo que se pensa, onde toda representação envolve no mínimo três termos: a própria representação, seu conteúdo e um usuário, aos quais se acrescenta um quarto, o produtor da representação, quando não é o próprio usuário (D. SPERBER, 2001, p. 91).

2.2 Diferentes abordagens sobre o estudo da “arte rupestre”

A arte pode ser entendida, na concepção de Martin (1996) como um sistema cultural com relações sociais e culturais definido entre grupos humanos e entre estes e a paisagem. Nesse sentido, essa rede de relações foi uma das responsáveis pela criação de estéticas culturalmente construídas, próprias a cada grupo cultural. Essa abordagem “cultural”, muitas vezes entra em oposição com as teorias mais universais e rígidas com relação à estética, que mostra o poder de abstração do Homem e da sua sensibilidade “aos estímulos estilísticos do seu entorno”. No estudo sobre a pré-história do Nordeste do Brasil, Martin (2013) afirma que a designação de arte para os registros rupestres pré-históricos é bastante polêmica entre arqueólogos e historiadores da arte, pois o termo arte encontra-se intimamente ligado a questão da estética com a finalidade de observação e apreciação. O registro rupestre além do seu inegável valor estético é parte do contexto arqueológico, utilizado na identificação dos diferentes grupos étnicos que o realizara.

De acordo com Sanchidrián (2009), quando tentamos saber a que conceito se refere à arte, e em particular a pré-histórica, estamos imersos em um oceano de definições que quase nunca ajudam a esclarecer nosso propósito. A “arte rupestre” diz respeito a todo grafismo elaborado em uma superfície mineral que não pode ser movida. Contudo, além da estética e da beleza, deve existir um objetivo mais concreto para levar a escolha de uma determinada área. Para que nossos ancestrais pudessem desenhar as cenas, eles tiveram que passar pelo processo imaginativo. Ou seja, de um grupo de vestígios pré-históricos, devemos considerar arte as peças figurativas e as marcas, símbolos repetidos em suportes diferentes

que mantém uma mensagem codificada de caráter simbólico (Sanchidrián, 2009, p. 33). A imaginação é, assim, algo impreciso, situada entre dois tipos de invenção, criação inteligente de um lado; exagero, invenção, de outro (Chauí, 2000, p. 166).

Segundo Seda (1997), as atuais tendências da arqueologia abordam a interpretação como fator principal para o avanço da disciplina, visto que apenas a classificação meramente não é suficiente para uma análise mais aprofundada do tema. É importante, além de conhecer as metodologias empregadas, saber distinguir os diversos conceitos utilizados na arte rupestre, responsáveis por construir o objeto e que os arqueólogos definem e utilizam em suas pesquisas de campo e laboratório. A arqueologia apresentou ao longo das décadas sentidos diferentes para a arte rupestre pré-histórica, onde algumas interpretações foram ligadas à magia simpática da caça e da fertilidade, à arte feita pelos homens e ao controle e manutenção de territórios. Contudo, é primordial considerarmos em nossos estudos sentidos novos para a "arte rupestre" pré-histórica. A partir dessa afirmação, Ribeiro (2009) discute o recurso da construção, reforço e manutenção de identidades sociais e de sua participação em negociações de poder e interesses atuais.

No Brasil, a partir da segunda metade do século XX, desenvolveram-se duas linhas de pesquisa relacionadas à arte rupestre: a abordagem estruturalista das missões francesas e a abordagem classificatória inspirada no difusionismo cultural europeu trazida pelo PRONAPA (PROUS, 1999), em detrimento de uma interpretação dos significados simbólicos da arte rupestre e as analogias com sociedades etnograficamente estudadas (RIBEIRO, 2009). Nessa época, os estudos de arte rupestre eram respaldados pelo totemismo, etnografia e rituais dedicados à caça e fertilidade observados nos grupos primitivos atuais (PROUS, 1989). O estruturalismo foi inicialmente formulado pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss e defendia a ideia de que "os padrões culturais não precisam ser causados por nada além deles mesmos... e que por trás de toda cultura havia uma superestrutura, ou essência governada por suas próprias leis, das quais as pessoas não tinham consciência, mas que garantiam a regularidade nas produções culturais que emanavam dela".

A partir de 1960 os *estruturalistas* deram um enfoque empirista às pesquisas na área - uso de cálculos estatísticos para comprovar a presença de padrões sociais ou culturais e descobrir aspectos da estrutura de pensamento dos povos pré-históricos -, influenciados por Annette Laming-Emperaire e André Leroi-Gourghan, que começam a rejeitar as

analogias etnográficas na interpretação da arte rupestre (LAMING, 1962), associando aos grafismos onde havia recorrência de semelhanças com o que iríamos conhecer por *Tradição*. Outras ideias e conceitos do PRONAPA relacionados com padrões culturais de representação das figuras foram incorporados pelos arqueólogos de influência francesa. Dessa maneira, observando-se a dispersão espacial de uma tradição rupestre e comparando-a com a dispersão de outras tradições arqueológicas, o ambiente se tornou propício para a orientação classificatória baseada em tabelas e gráficos, que se consolida rapidamente no Brasil a partir do final dos anos de 1960 (RIBEIRO, 2009).

Sob a ótica da Arqueologia Processual, corrente teórica desenvolvida na década de 1960 por Lewis Binford, com influências no neoevolucionismo dos antropólogos culturais Julian Steward e Leslie White, também conhecida como "Nova Arqueologia", a cultura material estaria determinada por um contexto histórico concreto, relegando seu significado simbólico ao segundo plano, caracterizada por uma visão de ciência positivista e a adoção de uma antropologia cultural pensada de forma generalizada, onde os objetos e representações eram analisados apenas através de sua função utilitária.

A Arqueologia "pós-processual", "contextual", "estrutural", "cognitiva" surge com a ideia de atacar os pressupostos básicos da "Nova Arqueologia" ou "Arqueologia Processual". Os pós-processualistas - influenciados pelos estudos dos antropólogos Turner (1974), Bourdieu (1977) e Sahlins (1977) - se contrapõem às essas ideias, defendendo que a cultura material se comportava de forma ativa, manipulada pelo ser humano e responsável pelas mudanças sociais e diferentes interpretações de mundo (Hodder, 1982), portadora de diferentes significados sobre o Homem e o mundo, demonstrando a ambiguidade dos simbolismos (RENFREW & BAHN, 1991). Hodder (1982, p. 85) admite que a cultura material se relaciona com a prática social ativa, não sendo um reflexo passivo do comportamento humano, onde a ênfase é na dimensão dos significados simbólicos da cultura material que determinada sociedade produziu e utilizou em seus diferentes contextos culturais. De acordo com Baeta (2011, p. 89-90), a escola pós-processual compreende diversas tendências, muitas vindas da sociologia, estruturalismo, filosofia e semiótica.

Então podemos deduzir que os significados simbólicos são compostos pelos códigos e regras que se diferenciam entre uma cultura e outra e não são determinados a partir de assuntos biológicos ou naturais. Pelo contrário, a cultura material não pode ser vista dissociada de quem a produziu visto que é resultado das ações humanas no tempo e local,

sendo condicionada a valores sociais e ideológicos. De acordo com Vialou (1996), os códigos simbólicos são portadores de significados e indicativos culturais, são características próprias do comportamento humano. Dessa maneira, as representações rupestres são abstrações puras de conceitos e significados culturalmente estabelecidos, onde na sua forma estão expressos conceitos diversos, conteúdos ideológicos idealizados, apropriados por diversas culturas e por diversos grupos humanos.

É possível entender que a cultura material é construída simbolicamente, revelando aspectos que demonstram determinadas intencionalidade de seu produtor. Nesse aspecto é muito importante na análise dos sítios, associar a cultura material com o contexto no qual ela foi produzida, pois é nele onde o significado se localiza e se constitui ao fornecer ideias para as possíveis interpretações. Toda a ação do Homem perpassa pelo processo criativo e interpretativo, por isso as regras gerais devem ser interpretadas levando-se em conta o contexto e seus significados ativamente construídos.

2.3 A Semiótica

O conceito de Semiótica vem da raiz grega semeion, que quer dizer signo, ou seja, a ciência dos signos, a ciências de todas as linguagens, ou seja, é a ciência dos signos e dos processos significativos na natureza e na cultura. É a ciência que tem por investigação todas as linguagens e processos comunicativos possíveis. Considerando-se a simbologia inerente na cultura material pré-histórica, os atuais estudos utilizados para refletir sobre a "arte rupestre" se apropriam dos conceitos e das teorias antropológicas, da psicologia cognitiva e da Semiótica, buscando a interdisciplinaridade, visto que as pinturas se apresentam como um sistema de ideias de natureza sociocultural, no qual suas estruturas foram compartilhadas dentro um determinado grupo pré-histórico. São diferentes de outros vestígios arqueológicos, pois apresentam signos de natureza simbólica, podendo demonstrar a vida desses grupos através de representações isoladas ou agrupadas, onde aparecem cenas de caça, luta, dança, ou ainda figuras mais "estáticas", como antropomorfos, zoomorfos e sinais simples ou complexos. Vialou apresenta que:

> *A arte rupestre está na natureza. E dela recebe seu horizonte imaginário. Ela insere também o espaço através de territórios marcados pelo simbolismo parietal, monumental em qualquer tipo. Através da arte rupestre, sociedade e natureza se conjugam para atravessar o tempo infinito das gerações.*

Guedes (2014) considera como parte integrante da mensagem o próprio suporte. Para ela "a importância da utilização semântica do suporte parietal é de fundamental importância na estruturação das mensagens na nossa realidade". Para Vialou (2007), "a leitura do suporte fica condicionada não somente pela escolha e o tratamento temático dos símbolos, mas também pela escolha e tratamento temático da topografia do suporte rochoso".

O conjunto de signos não verbais existe porque o conteúdo concreto fora apreendido pelos sentidos, pela imaginação ou pela memória, ou seja, as imagens visuais representadas surgiram primeiramente na mente daqueles que as produziram e desperta sentido no grupo que as observa, tornando-se pública. Portanto, a representação remete ao conceito de signo, e no caso da Lapa do Dinho do Curral de Pedras do Jequitaí, implica que as imagens rupestres sejam tratadas metodologicamente, também, sob a perspectiva da Teoria Geral dos Signos, ou a *Semiótica.* De acordo com Azevedo Netto (1998):

> *(...) a relação dos signos rupestres vai fornecer, em sua totalidade, a organização e associações desses signos, com isto a esfera do interpretante final irá mudar o seu direcionamento, não mais preocupado com a observação linear dos signos, mas sim com a relação desses signos entre si.*

A escolha pela *Semiótica* às outras teorias é relevante porque podemos compreender sobre o conteúdo explícito nos painéis rupestres da Gruta do Dinho, trazendo à tona aspectos da vida social e cultural dos povos que os produziram, suas perspectivas de experiências e conhecimentos acumulados, enfatizando a sua dimensão simbólica e valorizando sua significação, legitimando seu conteúdo como objeto de pesquisa científica, sem levar em conta apenas os fatores diretamente observáveis.

Guedes (2014) acredita que devemos analisar as representações rupestres sob o aspecto não apenas da estética, mas também com um olhar mais próximo a de linguistas tentando compreender essa forma de comunicação. Santaella enfatiza que "considerando-se que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como prática significante, isto é, práticas de produção de linguagem e sentido". De acordo com Winfried Nöth (1996. p. 19), "a Semiótica é a ciência dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura".

Guedes (2014) afirma que “estamos diante de painéis arbitrariamente organizados, que são portadores de um tipo de comunicação. Estamos diante de uma verdadeira comunicação visual”.

A Teoria Geral dos Signos/Semiótica tem por função classificar e descrever todos os tipos de signos logicamente possíveis. Peirce estudou as categorias universais ou elementos do pensamento a constatou três modos como os fenômenos aparecem à consciência, local onde interagem formas de pensar. A *Primeiridade (qualidade)* trata-se de uma consciência imediata, tudo que está imediatamente presente à consciência de alguém, ou seja, é tudo aquilo que está na sua mente no instante presente. De acordo com Santaella (1982, p. 9), há inicialmente uma consciência geral da vida, onde percebemos o local onde estamos presentes, a nossa roupa, dos cheiros e da temperatura do ambiente e do corpo, as letras impressas nesse estudo, lembranças vagas, desejos inquestionáveis e sentimentos muito gerais sobre a vida. Essa primeira categoria é qualidade de sentimento, corresponde ao acaso, à originalidade irresponsável e livre, à variação espontânea, qualquer coisa que esteja na mente em qualquer momento, necessitando de uma consciência imediata e consequentemente um sentimento.

A *Secundidade (Reação)* corresponde à ação e reação dos fatos concretos, existentes e reais, a qual é caracterizada por um mundo real, reativo, um mundo sensual, independentemente do pensamento, é onde existimos cotidianamente, é a consciência reagindo em relação ao mundo, sentimento da ação dos fatos externos resistindo à nossa vontade. A qualidade de existir (Primeiridade) não é sentida como resistindo num objeto material, por isso ela é só possível quando está encarnada em uma matéria, ou seja, a factualidade de existir (Secundidade) está nessa corporificação material. Secundidade é o que nos remete à experiência, graças ao caráter factual, de luta e confronto, ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem a interferência da intencionalidade, razão ou lei.

Quando falamos em pensamento, estamos falando em processo, mediação interpretativa entre nós e os fenômenos, portanto estamos sendo levados para o universo da uma terceira categoria. A *Terceiridade (mediação)* aproxima as categorias primeira e segunda numa síntese intelectual chamada inteligibilidade, ou pensamento em signos, onde interpretamos e representamos o mundo. É a categoria que diz respeito à mediação ou processo, crescimento contínuo e devir sempre possível pela aquisição de novos hábitos, é a ideia de um signo ou representação. Ao estarmos diante de um fenômeno, a consciência

produz um signo, ou seja, um pensamento como mediação irrecusável entre nós e os fenômenos, ao nível da percepção, onde perceber não é senão traduzir um objeto de percepção em um julgamento de percepção, inserindo uma camada interpretativa entre a consciência e o que é percebido. Quando olhamos para algo, entendemos que o ato representa o resultado de uma elaboração cognitiva, fruto de uma mediação baseada em signos. Peirce denomina esse processo de *interpretante da primeira*, o que significa que o signo seja um primeiro, o objeto de um segundo e o interpretante de um terceiro. Em resumo, compreender, interpretar é traduzir um pensamento em outro pensamento num movimento ininterrupto, pois para nós, só é possível pensar um pensamento em outro pensamento, ou seja, o significado de um pensamento ou signo é outro pensamento (Santaella, 1983, p. 11).

Para Peirce (1909), "a grande necessidade é de se ter uma teoria geral de todas as possíveis espécies de signo, seus modos de significação, de denotação e de informação; e o todo de seu comportamento e propriedades, desde que estas não sejam acidentais". Um signo tem a intenção de representar um objeto, que é determinando pelo signo, mesmo que haja um equívoco de nossa percepção sobre o objeto. Peirce chamou essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo, e da qual a causa imediata é o objeto, de *interpretante*. O signo não é o objeto, ele apenas está no lugar deste, portanto o signo só pode representar seu objeto para um intérprete, e porque representa seu objeto, produz na mente desse intérprete alguma outra coisa (um signo) que também está relacionada ao objeto não diretamente, mas pela mediação do signo. A noção de interpretante não se refere ao intérprete do signo, mas a um processo de relação que se cria na mente do intérprete. A partir da relação de representação que o signo mantém com seu objeto, produz-se na mente interpretadora outro signo que traduz o significado do primeiro (é o interpretante do primeiro).

2.4 Semiótica e a arqueologia

Esse estudo trata da discussão sobre o conhecimento humano, sobretudo a representação rupestre no Curral de Pedras, com o objetivo de discutir a imaginação como base para o desenvolvimento do processo criativo do Homem através das pinturas dos homens pré-históricos nas pedras e rochas. Através da "arte rupestre" é possível conhecer um pouco do cotidiano dos produtores dessas imagens, como foram feitas essas imagens mentais antes da produção, o meio ambiente em que viviam os nossos ancestrais. Buscamos um método que atenda os nossos anseios de compreender o Homem pré-histórico que utiliza

a comunicação não escrita, uma ciência que trabalha diretamente com os signos e que endente a comunicação como um processo dinâmico. Embora haja três correntes teóricas surgidas a partir da Revolução Industrial para o conceito de Semiótica, uma nos Estados Unidos, outras na União Soviética e a terceira na Europa Ocidental, acreditamos que a Semiótica do norte-americano Charles Sanders Peirce (1839-1914) seja a mais adequada para tratarmos da representação imaginativa dos povos pretéritos que habitaram o Vale do Jequitaí.

A grande quantidade de representações rupestres vistas em todas as partes do mundo foi consequência da evolução humana. Leroi-Gourhan (1990); Renfrew & Bahn (1991); Martin (2008) argumenta que o processo evolutivo foi possível graças ao aumento da capacidade craniana do Homo Sapiens, permitindo supor que fatores biológicos e naturais foram favoráveis ao processo de funcionamento físico e mental do Homem, resultando uma nova forma de expressão. Podemos perceber isso através dos indícios deixados por nossos ancestrais, seus utensílios de pedra e as pinturas rupestres. De acordo com Leroi-Gourhan (1990), durante o processo de libertação locomotora do homem houve grande avanço responsável pelos estímulos cerebrais, ocasionando na capacidade de criação das “coisas”, dando origem à linguagem e da apropriação do Homem dos aspectos cognitivos.

Entender e interpretar o mundo e os homens remete ao estudo dos signos. De acordo com o linguista e semiólogo alemão Winfried Nöth (2003), a ciência que estuda os signos é mais recente, embora existam estudos sobre o tema desde a Antiguidade. Durante o século XX duas ciências da linguagem se desenvolveram, a Linguística, ciência da linguagem verbal e a outra é a Semiótica, ciência de toda e qualquer linguagem. Nos comunicamos através de imagens, gráficos, sinais, objetos, sons musicais, pois grupos humanos sempre recorreram a modos de expressão e comunicação diferentes da linguagem verbal, como desenhos, pinturas, esculturas.

As principais abordagens referentes ao uso da *Semiótica* e arqueologia são provenientes de correntes propostas pela *Arqueologia Pós-Processual* ou *Arqueologia Cognitiva*, disciplina que possibilita entender os significados existentes nos objetos e símbolos, o qual os estudos tiveram início entre os anos de 1960 e 1970 com a *Nova Arqueologia* ou *Arqueologia Processual*. Ainda que existam limitações ao uso do *estruturalismo* na análise da cultura material, como a separação e abstração de cultura e natureza, a abordagem é utilizada como fase de análise do significado simbólico aliado a

uma forma particular de análise do contexto histórico (PREUCEL & HODDER, 1996, p. 304).

Dessa maneira, a arte rupestre ganha um novo instrumental teórico, onde a questão da significação pode ser analisada por outros enfoques, no que diz respeito aos novos paradigmas e abordagem teórica. Segundo Robert Preucel (2006), a relação da arqueologia com a Semiótica tem elementos e conceitos provenientes do *Estruturalismo* nos trabalhos de arqueólogos como André Leroi-Gourghan, Annette Laming-Emperàire e James Deetz. Por um lado, Guedes (2014) apresenta que:

> *A investigação da arte rupestre, além de se apresentar como um profícuo campo de análises da cultura material fornece uma oportunidade para trabalharmos sobre as expressões simbólicas dos povos pretéritos. Nossa preocupação situa-se na compreensão sobre a universalidade das estruturas cognitivas e as especificidades culturais de cada sítio.*

Para Azevedo Netto (1998), a escola estruturalista, no que diz respeito à teoria e à metodologia, tem uma identificação muito próxima com a linguística e com a psicologia. Na esfera simbólica - e aqui se trata de arte rupestre – está justamente relacionada com o inconsciente coletivo, por meio de estruturas construídas no universo mítico. Dessa maneira, a Semiótica poderia ser aplicada à análise da cultura material como um todo, visto que seus objetos de estudo – os signos – podem ser compreendidos como palavras, imagens, sons, gestos ou objetos. Guedes (2014) entende esse processo semiótico como sendo sinais geométricos que são interpretados como portadores de códigos, "característica que aponta tanto para o reconhecimento de construções particulares de uma época ou momento ou grupo, quanto para interpretações gerais, pois podem ultrapassar uma cultura específica".

Nas décadas de 1980 e 1990 surgem arqueólogos adeptos da *Arqueologia Interpretativa*, corrente com orientação do *Pós-processualismo* e que buscavam compreender a mente humana dos indivíduos do passado (RENFREW & BAHN, 1991, p. 46). De qualquer forma, a *Arqueologia Cognitiva* se ocupa do uso dos símbolos crescentemente, pois assim é possível compreender o mundo em termos de desenvolvimento de representação, produção e uso de descrições, principalmente no que se refere às representações rupestres.

Os trabalhos de Ferdinand de Saussure são relevantes para se compreender a *Semiologia* ou *Semiótica*. Segundo Saussure, a *Semiótica* é uma ciência que estuda o papel

dos signos como parte integrante da vida em sociedade, por isso a importância de se construir um vínculo entre a arqueologia, a antropologia e a linguística. É importante nos estudos arqueológicos – e aqui estamos falando de representações rupestres - que a leitura das imagens leve a uma compreensão do papel dos símbolos em seu *contexto* social, para que se possa entender como seus mecanismos de funcionamento proporcionam a manutenção e a construção de padrões sociais. A *Arqueologia Contextual* ressalta a necessidade de perceber o objeto e seu significado para inseri-lo completamente em seus diversos contextos, visto que a mesma não sendo relativista, permeia entre os contextos culturais usando generalizações para compreender o outro (HODDER, 1992, p. 15).

2.5 Procedimentos metodológicos

Ao se fazer uma análise dos signos utilizando-se da semiótica em representações rupestres existe a consciência de que a identificação do significado dos diversos signos não é tarefa simples, pois o pesquisador não possui contato direto com o produtor dessas imagens rupestres, o que nos levou a analisar as pinturas com a consciência de que não se procurou estabelecer a verdadeira significação dos signos ou mensagens, mas buscou-se interpretar as diversas possibilidades de representação das mensagens, utilizando-se da cultura do grupo, a paisagem local, a interferência ou não de outros grupos humanos na grafia, artefatos encontrados no sítio, e essencialmente a organização interna dos painéis.

Então, ao se trabalhar com semiótica em sítios rupestres, o receptor/pesquisador tem como objetivo interpretar, subjetivamente, as possíveis mensagens que os povos pré-históricos passaram aos seus semelhantes do grupo ou a transmissão dos signos a possíveis grupos humanos que habitaram o mesmo local em diferente época. Mais importante, ao se pesquisar painéis rupestres através de procedimentos semióticos é esclarecer possíveis mensagens que estão implícitas nessa arte, que nos fornecerão informações necessárias para um maior entendimento dos costumes e da cultura transmitida pelo produtor da pintura.

De acordo com Ghiggi (2015), até pouco tempo atrás, o estudo das representações rupestres centrava-se nos dados em detrimento do indivíduo e o cognitivo. Novos estudos se intensificaram no sentido da não dissociação do indivíduo e a cultura material, examinando aspectos cognitivos simbólicos como meio de interpretação das figuras. Metodologicamente, considerou-se nessa monografia a interpretação das figuras como signos, ainda que a distância entre aquele que produz e o receptor das mensagens seja temporal, o que indica limitação do método baseado no estudo dos signos. Dessa forma, ao utilizar o método

semiótico para este estudo, procurou-se observar os signos nos suportes, associando-se um signo ao outro.

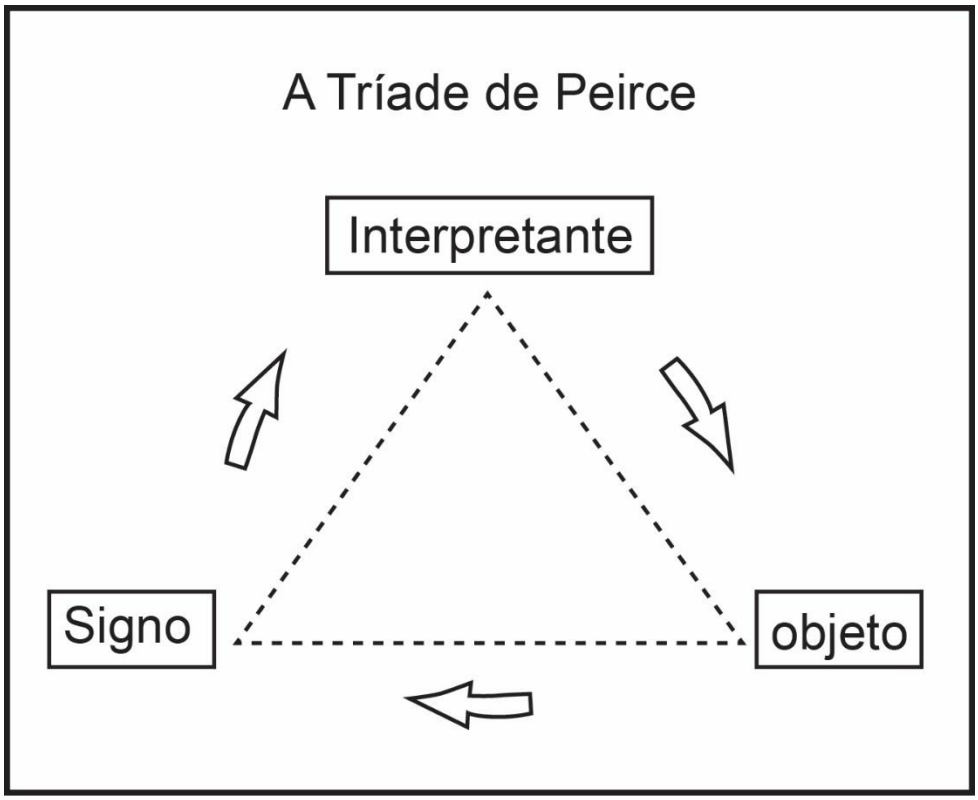


Figura 8 – Análise semiótica (representamen/signo, objeto e interpretante).

A análise semiótica do sítio Lapa do Dinho definiu como entendimento a tríade peirceana, onde o signo, o objeto e o interpretante formam os pilares de sua teoria. Ghiggi (2015) define signo aquilo que representa algo para alguém e que possui propriedades que permitem seu funcionamento como signo, estando em constante semiose. Ou seja, na relação triádica **(Figura 8)**, o signo (representamen), o objeto e interpretante, o significado não se dá apenas em relação ao signo e ao objeto, e sim, exige um terceiro correlato, o interpretante, que seria o efeito produzido na mente através do signo.

O primeiro correlato (o signo) determina o terceiro através do segundo, formando a semiose. Contudo, para que o signo seja interpretado ele necessita ter uma referência. Nesse sentido, foram analisados os padrões de reconhecimento, identificando assim, a recorrência dos signos e elementos de associação entre as figuras do sítio em questão para tentar compreender de que maneira age a sociedade, e o entendimento do contexto onde está inserido o sítio, permitindo uma aproximação da estrutura cognitiva dos grupos humanos

que frequentavam a área em estudo, onde os signos tiveram papel importante uma vez que foram suscetíveis de reconhecimento.

Para que o reconhecimento das figuras do sítio fosse possível, se buscou entender as relações espaciais entre este e outros sítios, identificando a recorrência dos signos nos painéis rupestres, as formas das pinturas, os padrões de associação, com o objetivo de compreender como o sistema semiótico funciona. As análises arqueológicas se concentraram nos platôs calcários que estão localizados na margem esquerda do riacho Fundo, na serra conhecida como Curral de Pedras de Jequitaí **(Figura 10)**. Ainda que a arqueometria seja o método mais objetivo nos estudos das representações rupestres, pois possibilita resolução de problemas envolvendo cronologias absolutas através da associação dos resultados arqueométricos, decidimos não utiliza-la. As figuras foram agrupadas em zoomórficas, antropomórficas e geométricas, enfatizando-se suas condições de visibilidade interna e externa, posições relativas e localização das representações rupestres, textura e cor do suporte, associações diretas e indiretas entre figuras e visibilidade dos painéis e das figuras, quando se olha de longe. Quanto às características paisagísticas do sítio, será destacando a distância entre a Lapa do Dinho e outros sítios e outros pontos como drenagens, posição relativa e morfologia da paisagem.

Após a descrição do sítio, será apresentada a delimitação espacial dos painéis através de croqui **(Figura 15)** realizado durante os trabalhos de campo, de modo a facilitar a sistematização do registro rupestre gerado pela utilização da fotografia. Os painéis foram delimitados utilizando com referência elementos morfológicos contrastantes como rachaduras, arestas e escorrimentos, e antrópicos, através da presença dos grafismos.

As figuras foram identificadas visualmente com relação aos seus pigmentos, onde se conferiu os pigmentos com mesmo aspecto visual e a sua relação às pátinas, contudo nem sempre essa identificação foi possível. A cronologia relativa foi utilizada em detrimento da obtenção de datações absolutas para os grafismos rupestres, visto que nem sempre é possível obter amostras confiáveis para as datações absolutas. Contudo, alguns elementos associados aos grafismos, como as sobreposições, posição relativa dos grafismos nos suportes e a observação da estratigrafia do sítio, podem fornecer informações sobre as atribuições temporais dos conjuntos gráficos. Levou-se em consideração a posição de cada grafismo individualmente e em relação aos outros, pois a disposição espacial das figuras é intencional,

onde fatores como a visibilidade, as cores diversas, a relação com as outras figuras (distância, sobreposição).

Ainda que a metodologia utilizada na análise das figuras rupestres seja a *semiótica*, deve-se levar em consideração o olhar do arqueólogo, sob o ponto de vista de observador que está no presente, o que nos leva a considerar a sincronia, olhar que se prescindi do tempo, e a diacronia, que entende que os elementos que são observados são produto de uma construção histórica, no qual olhamos a partir do "agora". Ou seja, além das associações sintáticas, que dizem respeito à construção histórica dos conjuntos, diacronicamente estabelecida, procurou-se entender as relações determinadas entre grafismos de um único conjunto e entre figuras pertencentes a conjuntos diferentes.

O método de observação da posição das figuras no suporte e sua recorrência, no qual foi levada em conta a morfologia das figuras, foi significativo. As figuras rupestres foram tratadas considerando as três classes citadas **(Quadro 1)**: figuras antropomorfas, zoomorfas e geométricas (tridáctila, alinhamento de pontos, bastonetes, abstratas, fitomorfas e armas). Trata-se, obviamente, de uma construção da variabilidade do registro rupestre em três grandes categorias, mas que possibilitam, utilizando somente a forma das figuras, identificar maneiras comuns de representação gráfica, e expressividade de cada conjunto. Os temas mais recorrentes observados na Lapa do Dinho foram os zoomorfos (sáurios), uma gravura de um antropomorfo (representação humana, com indicação de cabeça e membros), alinhamento de pontos geométricos, uma tridáctila, bastonetes em conjunto e isolado, uma abstrata, uma fitomorfas e armas.

Sobre o registro, optou-se por não utilizar o calque em plástico devido às limitações práticas durante o trabalho de campo, como a presença de luminosidade e contato direto com as pinturas, considerada uma técnica um pouco interventiva. A fotografia digital de alta resolução foi a técnica mais aplicada aos grafismos e a paisagem do entorno, que depois de tratadas foram vetorizadas em softwares Adobe Photoshop®, DStretch® e Adobe Illustrator®, o que nos trouxe informações espaciais importantes **(Figura 17)**.

Figura 9 – Croqui do sítio Lapa do Dinho.

O reconhecimento e análise do sítio arqueológico Lapa do Dinho foram realizadas em julho de 2012, concentrando-se nos platôs calcários instalados à margem esquerda do

riacho Fundo. Os pontos de GPS foram referenciados a partir do SAD 69. A documentação do sítio foi realizada durante a campanha de campo, o sítio foi mapeado sistematicamente; perfis topográficos, registros fotográficos, descrição em caderno de campo e plantas baixas/croquis **(Figura 9)** foram realizados. Posteriormente foi aplicada uma ficha descritiva do sítio, a qual nos serviu para aprimorar o estudo com dados pertinentes.

A ficha aplicada em campo **(Anexo 1 e Tabela 1)** contemplava atributos dos aspectos naturais do abrigo quanto das características das figuras, localização, coordenadas geográficas, altitude e nome do sítio, a fim de posteriormente criar um banco de dados que pudessem ser trabalhados nos programas Microsoft Excel®, Microsoft Word® e ArcMap 10.2®, para que pudéssemos especializar as demais informações por meio de tabelas cruzadas, gráficos e mapas. Além disso, medidas foram retiradas, como altura do teto em relação ao piso no centro do abrigo, como também, largura, profundidade e a orientação geográfica da abertura/entrada de cada lugar potencial/sítio. Durante o preenchimento da ficha catalográfica observou-se o tipo de solo do local (rochoso, sedimentar, rochoso/sedimentar, blocos/plaquetas/rochoso e blocos/plaquetas/sedimentar), se havia presença ou ausência de material arqueológico em superfície ou a presença de alguma intempérie, como enxurradas que causam depósitos de sedimentos ou erosão do chão do abrigo, a relação do abrigo com a hidrografia, como distância aproximada, orientação geográfica do rio Jequitaí em relação à Lapa do Dinho se há outros cursos hídricos próximos, como planícies inundadas, córregos, drenagens ou nascentes. A seguir, as análises se concentrarão em observar as características das tintas e dos suportes pintados **(Tabela 2)**, a quantidade de figuras, se havia tratamento ou não dos suportes, textura das tintas, cores, sobreposições, técnica utilizada na realização dos grafismos, presença ou não de pátina e as relações diacrônicas e sincrônicas.

As figuras foram fotografadas **(Figuras 11, 12, 13, 17 e 18)** por diferentes câmeras e diferentes distâncias focais, fotos com e sem escala dependendo do ângulo, com o plano de lente paralelo ao suporte, para evitar possíveis distorções proporcionadas pelo próprio suporte. Para montar o conjunto de fotografias procurou-se manter a mesma distância focal, sendo posteriormente manipularas com o DStretch® e Photoshop®, para que pudéssemos conseguir mais nitidez às figuras ou evidenciar figuras que estavam apagadas devido ao tempo e que não foram vistas a olho nu em campo, para em seguida as figuras pudessem

passar por vetorização dos grafismos, por meio do Adobe Illustrator® **(Figura 17)**, gerando o calque digital dos painéis.

O objetivo de se desenhar um croqui esquemático **(Figura 16)** é relevante, pois representa o espaço interno da Lapa do Dinho, a morfologia do abrigo, a sinalização dos lugares que os grafismos ocupam em cada parede ou teto, em relação à topografia interna e externa e à vegetação atual. Para a realização dos croquis e perfis usamos trena e o papel milimetrado. Todos os croquis/perfis foram projetados em escada de 1: 50 cm, variando de acordo com a necessidade de cada sítio. Outra etapa importante foi o processo de observação dos suportes existentes e suas superfícies geológicas, com a sua localização na parede, teto ou patamar, suas dimensões, intemperismo físico, químico, textura, dobras ou fraturas, veios, descamação, etc.

Caminhando no entorno do sítio, observamos a exposição dos suportes à chuva, a presença de líquens, lodo, se os raios solares atingiam os suportes na parte da manhã ou tarde (no inverno, pois o campo foi feito em julho); se a iluminação natural do abrigo era alta, se os raios solares atingem diretamente o abrigo; o quanto a vegetação protege o abrigo, protegendo os suportes das radiações solares diretas e das chuvas. Essas observações nos permitiram ver algumas intervenções que as pinturas sofrem quando estão expostas em maior ou menor intensidade a estes fenômenos referidos.

3
A LAPA DO DINHO: DESCRIÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

Este capítulo visa apresentar a descrição do sítio arqueológico Lapa do Dinho. Nesta descrição constarão os dados das variáveis proposta no capítulo anterior no que concerne a metodologia, que se encontram pautados no abrigo (localização, inserção topográfica em relação a vertente, morfologia do abrigo, dimensões da área abrigada e rocha suporte) e na mancha gráfica (tamanho).

3.1 Análise espacial do sítio Lapa do Dinho

No alto do Curral de Pedras está localizada a área em estudo, na margem esquerda do Riacho Fundo, onde é possível acessar o rio Jequitaí ao sul, o Pico da Cabeça da Onça a sudoeste. Nesse local, onde afloram rochas carbonáticas carstificadas formando um anel calcário irregular, descontínuo e exposto, com aproximadamente dois quilômetros de diâmetro, encontra-se o sítio arqueológico Lapa do Dinho. No caminho para se alcançar o sítio em estudo, é possível observar é o processo de carstificação através dos lapiás, nas caneluras de dissolução; nas kamenitzas, pequenas bacias em formato de poços, com depósito sedimentar e processo de dissolução periférica; e nos abismos formados pela conexão de conjuntos de condutos.

A lapa possui um comprimento (medida mais longa) de aproximadamente 20,30 metros. A largura (maior medida perpendicular à primeira) é de 16,05 metros, à esquerda da entrada 1 frontal. A largura (menor medida perpendicular à primeira) é de aproximadamente 11,80 metros, à direita da entrada 1 frontal. A altura máxima é de 2,85 metros (ponto ao centro do vértice frontal). A sua área total é de 301 m2 (medida estimada) e a sua distância a um ponto de referência é de 350 metros da Lapa do Sol. A lapa possui média incidência de luz, no entanto existem diferenças na luminosidade dos suportes que refletem na visibilidade das figuras rupestres. Ao longo do dia há a prevalência de luz indireta, pois a entrada oeste e a entrada leste são bem extensas, 21 e 12 meros respectivamente.

Os acessos possíveis são três: o *frontal*, onde é possível chegar após subir um morro que dá acesso ao topo do Curral de Pedras, chegamos a uma plataforma de campo de lapies. A partir do abrigo das Abelhinhas, segue-se sentido (coord.) em direção à entrada 1 (frontal), aonde se chega a um bosque de mata seca. Em frente ao bosque está a entrada 1 (frontal); o

superior, onde o campo de lapiás se estende por uma grande superfície que circunda a Lapa do Sol. Vindo por trás da lapa é possível alcançar a parte superior (uma espécie de cobertura formada por rochas) e descer pelas laterais esquerda e direita até chegar à entrada principal do abrigo; o *lateral*, onde também é possível vir pelas laterais. A partir da vista frontal da entrada principal do abrigo pode-se vir caminhando nordeste para sudoeste em um terreno que varia entre uma camada de terra sobre calcário, apenas pedras, ou ambos. No sentido sudoeste para nordeste é preciso passar por um terreno bem mais pedregoso formado, sobretudo por campo de lapiás. O acesso é possível por todos os lados, mas o grau de dificuldade de acesso pode variar e depende das circunstâncias, contudo os acessos mais utilizados são o frontal ou norte/sul e a posterior ou norte/sul.

Figura 10 – Mapa de localização da Lapa do Dinho e sua relação com os sítios próximos. Fonte: Google Earth.

Chega-se à entrada Oeste através de um bosque formado por árvores pertencentes à mata seca. A altura dessa entrada varia de 1,5 a 2,5 metros, contudo costuma-se entrar pela direita, onde é preciso se abaixar um pouco para entrar. As pedras, que variam de alguns quilos até algumas toneladas se espalham pela área interna do "salão". No extremo direito da entrada Oeste há uma galeria de túneis que se espalham pelo interior, contudo esta parte encontra-se fora da área sugerida para o estudo, pois não há indícios de pinturas ou gravuras rupestres. No flanco (lateral) esquerdo da entrada Oeste também há um conjunto de túneis que também está fora da área pretendida pelo mesmo motivo, no entanto foram encontrados

vestígios líticos ao nível da superfície e em alguns túneis ou buracos que estão localizados abaixo da superfície.

O compartimento topográfico é o terço superior da vertente a drenagem mais próxima é o riacho Fundo, um rio de água sazonal. A vegetação predominante no entorno do sítio é a mata seca. Na paisagem cárstica (no sítio e em seu entorno imediato), encontramos elementos relevantes como a dolinas e campo de lapiás. As águas da chuva ocasionam o carreamento de material alóctone (material de fora das cavernas) e o material autóctone.

Trata-se de uma lapa sob rocha de campo de lapiás, com uma entrada principal em forma de fechadura. A lapa é um tipo de sítio unicomponencial, com pinturas e gravuras pré-coloniais e históricas nas laterais, no fundo e no teto do abrigo. Nela foram encontrados artefatos, como grafismos rupestres históricos e pré-coloniais (essencialmente relacionados com temas antropomorfos, zoomorfos e geométricos; nas cores branca e preta), além de material lítico. Há matéria-prima exógena disponível no sítio (rochas frágeis, plaquetas). O piso do sítio é inteiramente rochoso e coberto por blocos, e diverge quanto a sua regularidade, podendo ser às vezes plano, inclinado ou escalonado.

Foto 1

Foto 2

Figura 11 – Lapa do Dinho (área externa): 1. Vista externa da lapa, com a entrada frontal em destaque, 2. Vista externa da lapa, com a entrada frontal e vegetação mata seca em período de estiagem, 3. Entrada frontal (ao centro), 4. Entrada frontal (à direita), 5. Vista parcial do abrigo sob rocha Lapa do Dinho, 6. Entrada posterior vista de dentro do abrigo, vista lateral esquerda, 7. Entrada posterior vista de dentro do abrigo, vista lateral direita. Fonte: Johni Cesar.

No final, o que temos são vastos campos de lapiás intercalados por profundos abismos. O ambiente é bastante adverso, essencialmente junto aos afloramentos onde é comum a presença de blocos calcários acanelados instáveis, supostamente. O solo é raso em quase todos os locais nas proximidades da Lapa do Dinho. Contudo, pude notar que sobre os grandes lajedos planos localizados antes de alcançar o campo de lapiás, que havia sedimento carreado pelas chuvas a partir das áreas de mata seca.

Foto 1

Foto 2

Foto 3

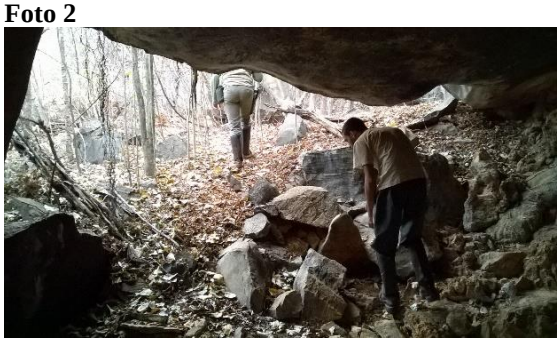


Foto 4

Foto 5

Foto 6

Foto 7

Foto 8

Figura 12 – Lapa do Dinho (vista da área interna): 1. Área interna, com escala humana, 2. Vista interna com escala humana 3. Interior do abrigo, 4. Saída posterior do abrigo, 5. Interior do abrigo com a entrada posterior no segundo plano, 6. Interior do abrigo, 7. Interior do abrigo, 8. Interior do abrigo, com vista para a entrada posterior. Fonte: Thiago Nascimento.

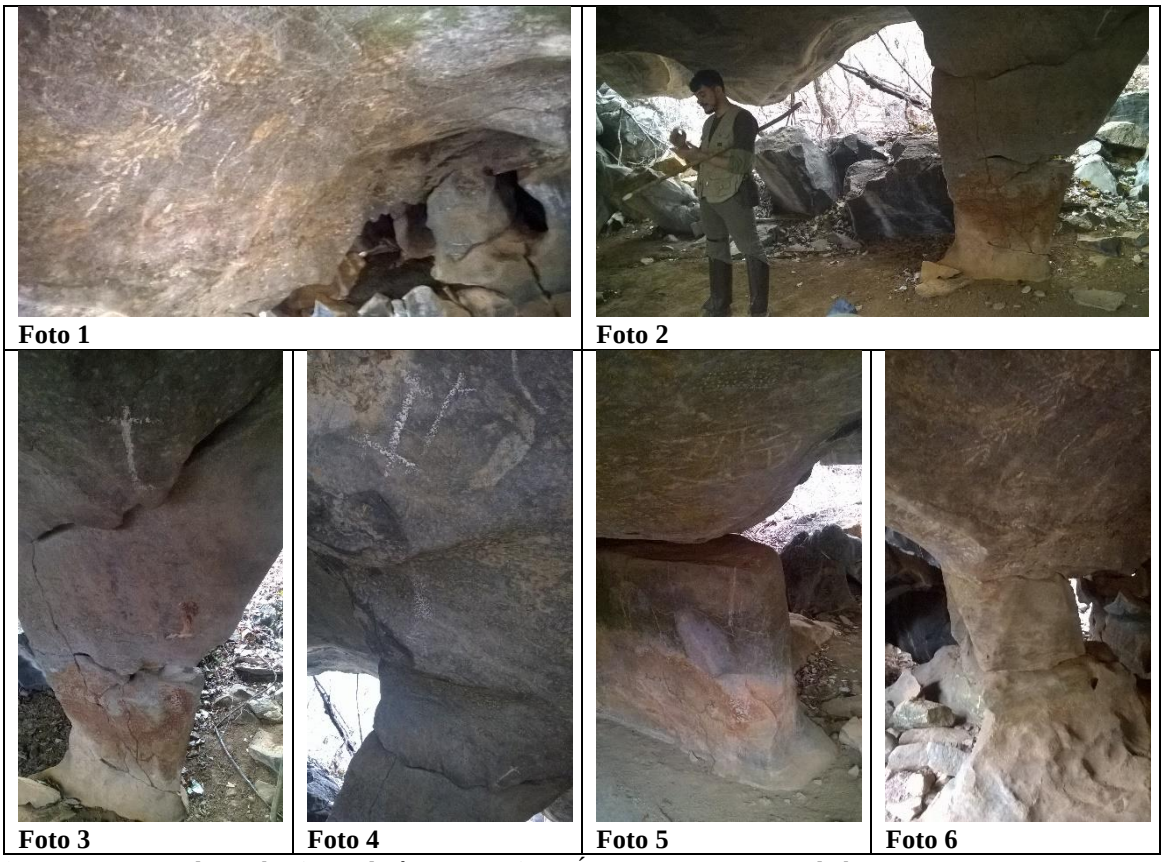


Figura 13 – Lapa do Dinho (vista da área interna): 1. Área interna, com escala humana, 2. Vista interna com escala humana 3. Interior do abrigo, 4. Saída posterior do abrigo, 5. Interior do abrigo com a entrada posterior no segundo plano, 6. Interior do abrigo, 7. Interior do abrigo, 8. Interior do abrigo, com vista para a entrada posterior. Fonte: T. Nascimento.

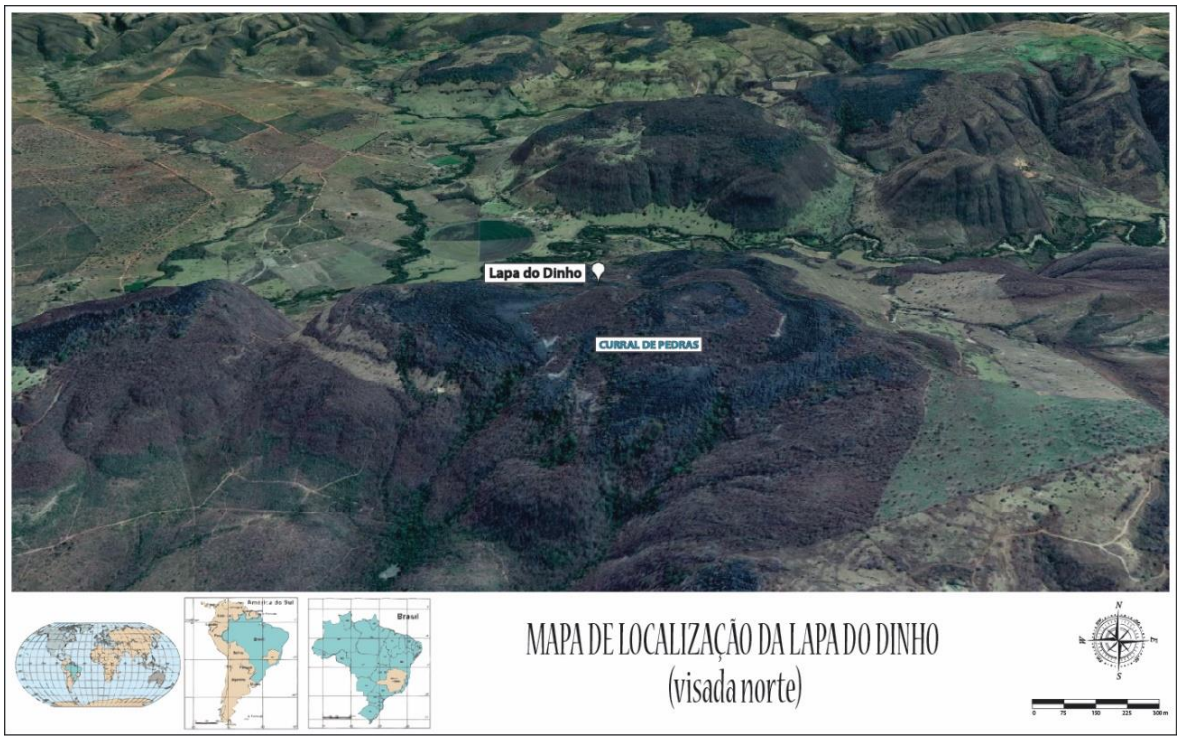


Figura 14 – Visada ao norte. Fonte: Google Earth.

Do Curral de Pedras pode-se facilmente acessar o rio Jequitaí e algumas de suas lagoas, sete quilômetros ao sul, através de uma planície pouco inclinada. Até o Pico da Cabeça da Onça, a distância é de cerca de 20 quilômetros a sudoeste, cruzando o curso do rio Jequitaí até sua margem direita. Até a barra com o São Francisco, a distância é de 25 km em linha reta; caso este percurso seja feito por via fluvial, a distância aumenta, chegando a 35 km.

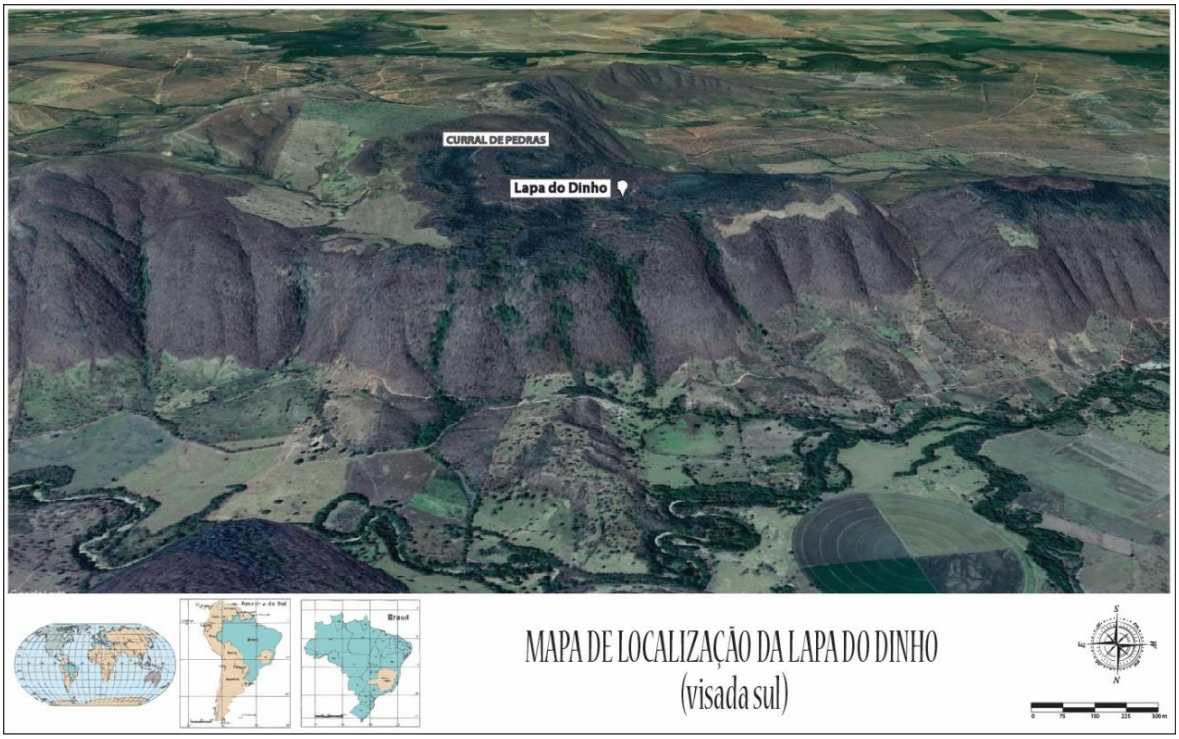


Figura 15 – Visada sul. Fonte: Google Earth.

A situação deste afloramento no alto de uma serra, entretanto, favorece uma ótima visibilidade do vale do rio Jequitaí, enquanto proporciona abrigos e cavernas extremamente escondidos, na parte interna do afloramento. A entrada nesta área está fortemente condicionada pela existência de somente dois corredores de acesso, restritos pelos afiados campos de lapiás: um voltado para o sul (na direção do rio Jequitaí) e outro para o norte (na direção do Riacho Fundo). Estas características concedem proteção ao mesmo tempo em que possibilitam o rápido acesso a recursos existentes no alto da serra, desde que se conheçam estes caminhos. Há outras formas de acesso menos conhecidas, por cavernas que cruzam o afloramento, corredores rochosos e escalonamentos que conectam a parte externa à interna.

3.2 Sítio Lapa do Dinho e suas representações rupestres

No ano de 2015, foi feito um reconhecimento no referido sítio para entender a ocupação e possíveis finalidades. Os atuais procedimentos metodológicos utilizados neste

trabalho resultaram em evidências de ocupação humana através de vestígios e pinturas existentes na parede do abrigo Lapa do Dinho. A grande maioria das figuras presente no painel do sítio Lapa do Dinho está concentrada na parede central e na parte mais baixa da parede rochosa. Quanto à organização no espaço do sítio, as pinturas estão dessa forma localizadas: as figuras 1, 10 e 4 estão posicionadas em suportes localizados no teto do abrigo; as figuras 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 13 e 15 estão posicionadas em suportes cujos as características nos levaram a classificá-los como tetos levemente inclinados; as figuras 5 e 11 são as únicas localizadas em suportes com características de lateralidade; a localização da figura 12 é interessante, pois ela foi pintada exatamente na junção das rochas, entre o teto e a lateral.

CARACTERÍSTICAS GERAIS DO SÍTIO GRUTA DO DINHO								
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	Abrigo		Caverna		Parede			
	Lapa	■	Matacão		Lajedo			
	Gruta		Loca		Outros			
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	Arenito		Arenito silicificado		Calcário	■		
	Granito		Quartzo		Quartzito			
	Outros							
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS	Completa		Parcial		Escassa	■	Nula	
TAMANHO DO SUPORTE	Profundidade		Altura		Largura			
CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA								
REVELO	Terraço		Platô	■	Margem de rio		Dolina	■
VEGETAÇÃO	Cerrado		Caatinga	■	Outro			
PREDOMINÂNCIA DOS SIGNOS								
Antropomorfo	1	Tridáctilo	1	Zoomorfo	4	Alinhamento de pontos	3	
Bastonetes	3	Abstratas	1	Fitomorfas	1	Arma	1	
POSICIONAMENTO DOS SIGNOS NO PAINEL								
Teto	■	Piso		Parede	■	Lajeado		

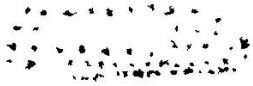
Tabela 1 - Característica geral do sítio Lapa do Dinho.

Todas as figuras foram produzidas com formas lineares, com exceção da figura 10, que se destaca por ser uma forma geométrica horizontal executada com alinhamentos de pontos (pontilhada). O tamanho das figuras varia entre 7 cm e 51 cm de largura (**Figura 16**). O mapa representado na **Figura 15** apresenta a espacialização do sítio arqueológico em relação ao ambiente físico, para que possamos compreender a inserção do abrigo na área do Platô do Curral de Pedras. As figuras são representadas por tridáctilas, geométricas (alguns bastonetes), zoomorfas, fitomorfas e abstratas **(Tabela 1)**. As figuras em sua maioria são constituídas por grafismos puros (CARVALHO, 2003), ou seja, elas são figuras que

dificultam seu reconhecimento, permitindo-lhe criar suposições sobre as representações. Os elementos desse respectivo sítio são compostos por desenhos geométricos de bastonetes e grades, elementos abstratos, e ainda, pontilhados espessos. A figura de maior proporção apresenta 57 cm de altura, enquanto que a menor figura possui 7 cm de altura. As figuras do sítio arqueológico Lapa do Dinho possuem como temas principais figuras geométricas, zoomorfas e abstratas. Os bastonetes apresentam-se isolados ou em conjunto. Há a incidência de bastonetes tipo grade que se apresenta de forma vertical. Na **Figura 16** podemos ver as representações rupestres em tamanho proporcional em comparação umas com as outras.

3.3 Identificação dos tipos de signos encontrados no sítio

As figuras identificadas na análise do sítio permitiram-nos criar uma tabela, onde podem ser observadas as particularidades de cada signo **(Tabela 1)**. As figuras do abrigo apresentam-se diferentes um dos outros, o que permite inferir que havia particularidades e que os grupos sociais se comunicavam através de sistemas de códigos simbólicos, pois os registros rupestres são compreendidos como formas de comunicação social, são criações simbólicas pintadas nas rochas que correspondem a conteúdos mentais e que refletem ideias, sendo o concreto as pinturas sobre as paredes rochosas, e o abstrato os códigos simbólicos presentes neles.

FIGURAS				
Antropomorfa				
Tridáctila				
Zoomorfas				
Alinhamento de pontos				
Bastonetes				

Abstratas	
Fitomorfas	
Armas	

Quadro 2 - Recorrência dos signos encontrados no sítio.

As possíveis representações de animais podem estar relacionadas ao ambiente da caatinga e da mata seca, na busca por alimentos e caça, ou determinados rituais ou descontração. Percebe-se que há uma variedade de figuras geométricas representadas por impressões tridáctilas, pentiformes, pontilhados, bastão tipo grade. As tabelas apresentadas **(Tabelas 2 e 4)** levam em consideração a morfologia das figuras, os traçados e a recorrência dos signos no sítio.

FIGURAS	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Antropomorfos	1	6,5%
Tridáctilos	1	6,5%
Zoomorfos	4	27%
Alinhamento de pontos	3	20%
Bastonetes	3	20%
Abstratas	1	6,5%
Fitomorfas	1	6,5%
Arma	1	6,5%
Total de figuras		**100%**

Tabela 3 - Distribuição do quadro tipológico do sítio Lapa do Dinho.

Através de uma análise criteriosa dos dados obtidos para esta pesquisa tendo como suporte a revisão bibliográfica sobre o assunto foi possível fazer inferências sobre a arte rupestre e os signos encontrados no sítio arqueológico em análise. As figuras antropomorfas, zoomorfas e geométricas identificadas no abrigo são linguagens que podem ser interpretadas como signos e símbolos que se comunicam.

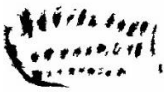
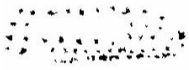
Ao serem analisadas as representações rupestres, nota-se uma intencionalidade de quem as produziu ao deixar registrado nas paredes rochosas de calcário, marcas que nos

permitem inúmeras interpretações, visto que as figuras foram conhecidas como signos de comunicação a partir do nosso conhecimento de mundo sobre determinados objetos.

CORES	QUANTIDADE	PORCENTAGEM (%)
Preto	1	6,7%
Branco	13	86,6%
Gravura	1	6,7%
Total de figuras		**100%**

Tabela 4 - Colorações encontradas na Lapa do Dinho.

Contudo, como sabemos que somos os receptores das mensagens deixadas nas estruturas rochosas, foi possível analisar e fazer algumas interpretações. Pode-se supor que os signos no sítio estudado se configuram como elementos passíveis de comunicação, devido a constatação de códigos simbólicos que nos foram transmitidos. Dessa forma, os códigos simbólicos no sítio estudado estão relacionados a diferentes aspectos da vida social desses grupos habitaram o vale do rio Jequitaí.

Nº	FIGURA	TEMA	MORFOLOGIA	TÉCNICA	COR
01		Antropomorfo	Morfologia incompleta.	Gravura	Picoteamento
02		Bastonete	Traço retilíneo diagonal.	Pintura	Branco
03		Bastonete	Traço retilíneo vertical.	Pintura	Branco
04		Zoomorfo	Morfologia incompleta.	Pintura	Branco
05		Alinhamento de pontos	Pontos e retilíneos.	Pintura	Preto
06		Zoomorfo	Traços retilíneos.	Pintura	Branco
07		Zoomorfo	Traços retilíneos.	Pintura	Branco
08		Alinhamento de pontos	Pontos e retilíneos.	Pintura	Branco
09		Abstrata	Traços retilíneos e curvos.	Pintura	Branco
10		Alinhamento de pontos	Pontilhado.	Pintura	Branco

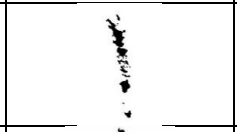
11		Fitomorfo	Traços retilíneos e curvos.	Pintura	Branco
12		Tridáctilo	Traços retilíneos.	Pintura	Branco
13		Armas	Traços retilíneos.	Pintura	Branco
14		Bastonete	Traços retilíneos.	Pintura	Branco
15		Zoomorfo	Traços retilíneos.	Pintura	Branco

Tabela 5 - Os signos e a sua relação com a morfologia e a pintura.

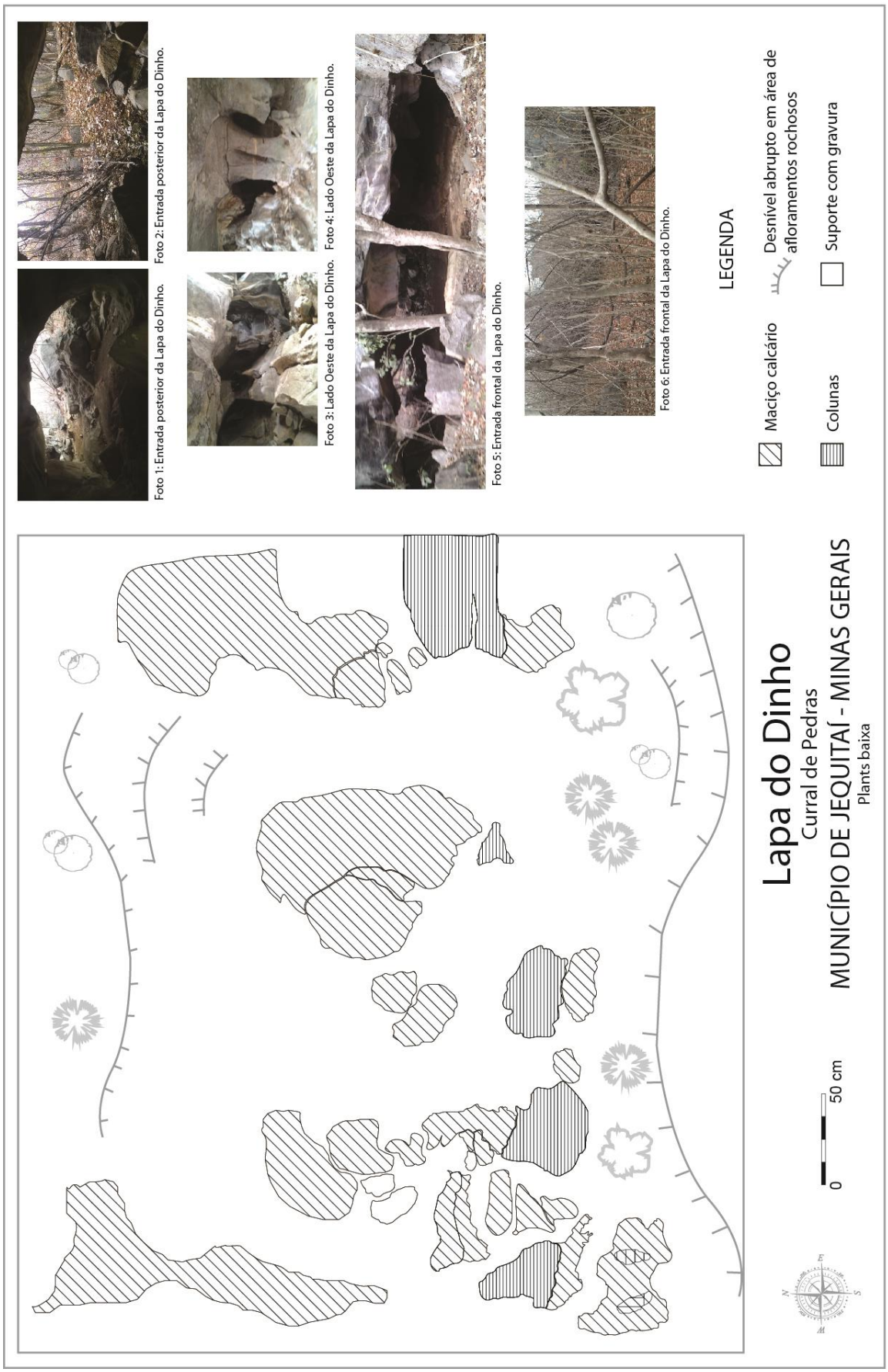


Figura 16 – Croqui (planta baixa) do sítio Lapa do Dinho, vetorizada.

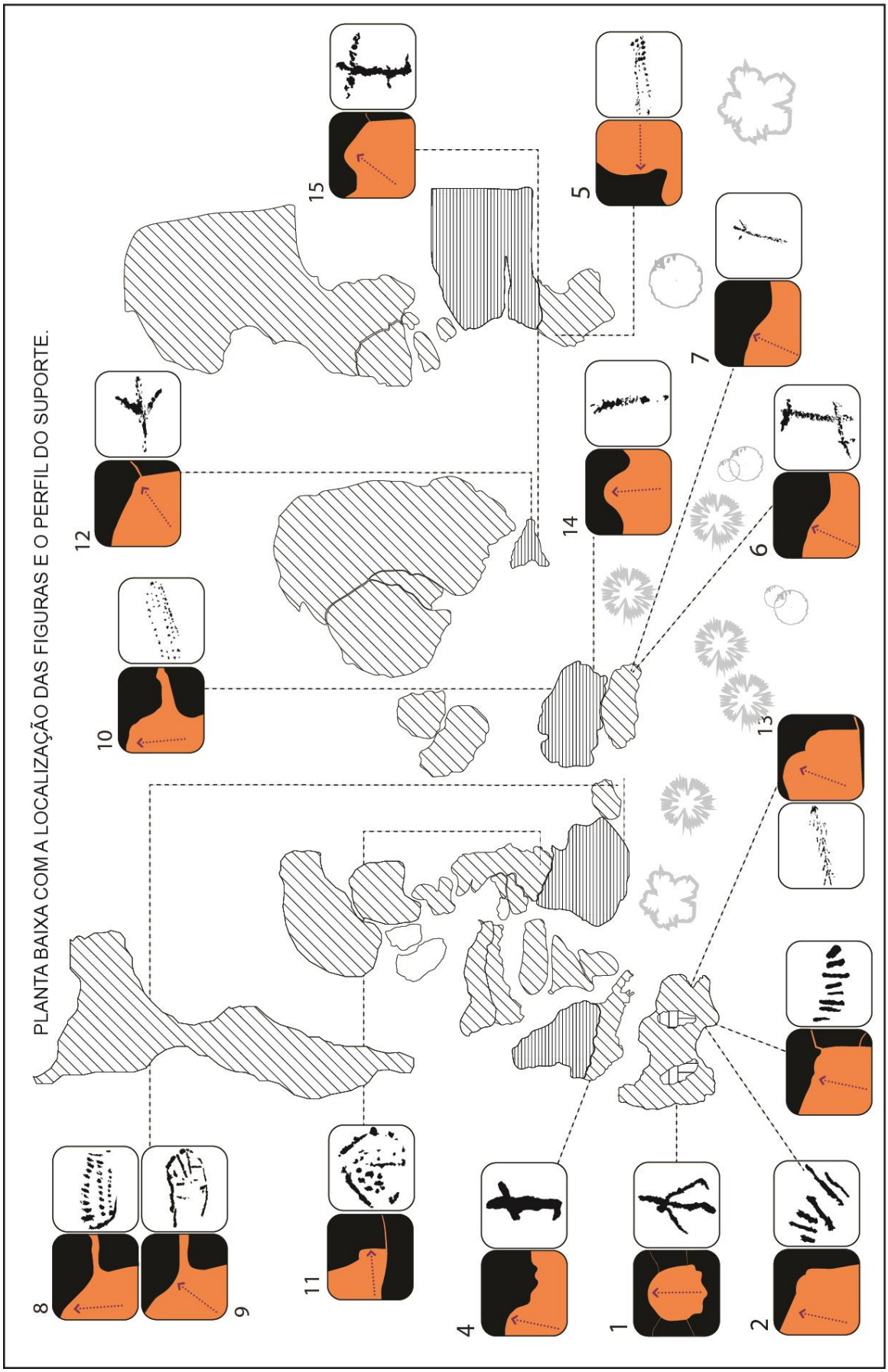


Figura 17 – Croqui (planta baixa) do sítio Lapa do Dinho, vetorizada, com a localização das figuras.

Figura 18 – Representações rupestres da Lapa do Dinho em tamanho proporcional.

3.4 Análise semiótica das figuras rupestres

A análise semiótica das figuras do sítio Lapa do Dinho contou com o suporte da tríade peirceana, no qual o signo, o objeto e o interpretante formam os pilares de sua teoria. Dessa forma foram analisados os padrões de reconhecimento, a recorrência dos signos e os elementos de associação entre as figuras. Nos rochedos de calcário da Lapa do Dinho foram identificados alguns signos geométricos com maior recorrência, caracterizados por: pontilhados, bastonetes e linhas retas. Quanto aos signos antropomorfos, estes foram identificados apenas uma forma distinta, apresentando proporções menores e uma morfologia mais simples.

O sítio estudado apresenta pouca visibilidade na paisagem, fato que nos levou a pensar em possíveis traços similares nos desenhos, ou seja, figuras com traços mais grossos. Os signos apresentam entre o signo da imagem (animal) e o seu objeto (lagarto). Na semiótica, o objeto é determinante para o signo, por outro lado, quem interpreta (interpretante) é a consequência que o signo produz na mente de quem o interpreta. As figuras abstratas e os grafismos puros do sítio nos levam a muitas interpretações. Com relação à semiose, estas se definem pela relação entre o signo, o objeto e o interpretante.

O conjunto cronoestilístico Curral de Pedras, em especialmente a Lapa do Dinho, consiste em grafismos ou representações rupestres pintados utilizando-se a monocromia, sem ocorrência de figuras em bicromia. Esses elementos identificados ocorrem em quase todos os sítios conhecidos na área calcária. A temática predominante consiste em geométricos monocrômicos pequenos, grades, tridáctilos, sendo raros os zoomorfos. Predomina, ao visualizarmos a entrada do sítio, a monocromia com utilização de tintas brancas, compondo figuras que vão de 7 cm a 43 cm de altura. Os temas geométricos são os mais comuns, com figuras simples ou compostas em monocromia. As figuras se encontram, em sua maior parte, em paredes subverticais e tetos. A temática predominante consiste em linhas paralelas, alinhamentos de pontos, alinhamento de bastonetes curtos e alongados, e também linhas horizontais e verticais. As figuras pectiformes ocorrem isoladas ou em conjunto, onde sem tem a ideia de que o objetivo era compor unidades básicas de grafismos mais complexas.

Figura 19 – Representações rupestres encontradas da Lapa do Dinho: 1. Antropomorfo, 2. Bastonete, 3. Bastonete, 4. Zoomorfo, 5. Alinhamento de pontos, 6. Zoomorfo, 7. Zoomorfo, 8. Alinhamento de pontos, 9. Abstrata, 10. Alinhamento de pontos, 11. Fitomorfo, 12. Tridáctilo, 13. Armas, 14. Bastonete, 15. Zoomorfo. Fotos: Thiago Nascimento.

As imagens rupestres representam signos que chegaram até nós vindas do passado, e que foram registrados em todos os continentes. Na Lapa do Dinho podemos identificar três elementos: 1. a imagem da figura (o *Representamen* ou *Signo*), o qual para exemplificar usamos a Figura 1 (antropomorfo); 2. a figura que foi representada (o *Objeto do signo*) e 3. o poder deste signo assegurar o entendimento/cognição da relação do Signo (imagens de corpo humano) com seu Objeto (corpo humano) (o *Interpretante*). Ou seja, um *Objeto*, que determina seu *Signo*, que determina seu *Interpretante*.

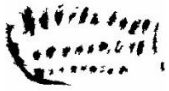
Na relação com o Objeto do Signo (o corpo humano), o Signo/Representamen (a representação do corpo humano) assume três formas: representar através de suas qualidades *(Ícone)*, através de uma relação essencial *(Índice)* ou através de sua capacidade de ser interpretado *(Símbolo)*. No caso do sítio arqueológico Lapa do Dinho, ao considerarmos um signo como:

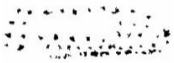
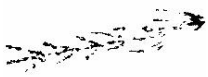
1. Ícone, estamos admitindo que o Objeto, no caso a Figura 1 (antropomorfo), foi representado pelo Signo enfocando apenas suas qualidades, apresentando similaridades, comparações e analogias com o seu Objeto, correspondendo a três tipos de signos icônicos: a) a imagem (aparência), b) o diagrama (analogia com parte do objeto) e c) a metáfora (paralelismo com algo diferente do objeto). Nas figuras na Lapa do Dinho, apareceram qualidades da imagem (aparência) como a forma, a cor, a textura, o volume, o movimento, que entraram na relação de similaridade. O corpo humano pintado na parede da lapa (Figura 1) pode ser entendido como ícone, se considerarmos a similaridade entre o signo (a representação do corpo) e o objeto do signo (o próprio corpo que serviu de modelo). No diagrama (analogia com parte do objeto), podemos considerar os croquis produzidos durante os trabalhos de campo que serviram para registrar a Lapa do Dinho, pois cada linha marcada no croqui representa alguma linha no térreo do sítio arqueológico. Na metáfora (paralelismo), o signo tem o poder de representar alguma coisa diferente dele mesmo.

2. Índice refere-se aos aspectos físicos da representação rupestre, tem necessidade da existência de seu objeto, é a representação dinâmica entre o Objeto e o Signo. O desenho do antropomorfo (Figura 1) pode, além de sua similaridade (Ícone), ser interpretado como signo indicial, pois sem o corpo que serviu de molde (Objeto do Signo) não seria possível existir o Signo (a representação do corpo antropomorfo). Se o antropomorfo representado pela Figura 1 existe é porque existiu o corpo que serviu como modelo.

3. Símbolo, onde existe sempre uma parte indicial e uma parte ícone. O símbolo isolado não mostra nada, pois é preciso relacioná-lo ao seu objeto. Quando afirmamos que a na Lapa do Dinho há a figura de um corpo humano, a palavra corpo, se não for ligada à imagem que o arqueólogo faz referência, não tem nenhum poder de significação, pois cada pesquisador imaginará um corpo humano em especial, resultado de suas experiências com o corpo no passado. Se nos focarmos no antropomorfo associado à outra figura da lapa, poderemos interpretá-lo como signo de um ritual, ou práticas presentes no cotidiano, pois estamos considerando a representação do corpo, ou seja, um símbolo.

Signo ou Representamen (imagem da figura)		**Objeto do Signo** (a figura representada)	**Interpretante** (relação do Signo com o Objeto)
	Ícone: aparência de uma forma de um corpo humano, sem cor aparente, pois se trata de uma gravura rupestre. Há volume e movimento. Índice: corpo que serviu de molde. Símbolo: práticas presentes no cotidiano/ritual.	O corpo humano que foi representado.	Criação na mente do pesquisador da ideia do conceito de corpo humano, com cabeça, corpo e membros.
	Ícone: aparência de traços posicionados na vertical finos na cor branca. Índice: a imagem dos bastões finos que serviu de modelo. Símbolo: práticas presentes no cotidiano, relacionadas ao ambiente.	O "feixe" de bastões finos que foi representado.	Criação na mente do pesquisador da imagem de bastões finos um ao lado do outro em paralelo.
	Ícone: aparência dos traços paralelos grossos na cor branca. Índice: a imagem de bastões grossos que serviu de modelo. Símbolo: práticas presentes no cotidiano, relacionadas ao ambiente.	O "feixe" de bastões grossos que foi representado.	Criação na mente do pesquisador da imagem de bastões grossos um ao lado do outro em paralelo.

	Ícone: aparência de um sauro. Índice: a imagem de lagarto que serviu de modelo. Símbolo: práticas presentes no cotidiano, relacionadas ao ambiente.	O “lagarto” que foi representado.	Criação na mente do pesquisador da imagem de um lagarto.
	Ícone: aparência de uma figura geométrica. Índice: a imagem que serviu de modelo. Símbolo: práticas presentes no cotidiano sem relação aparente.	O geométrico pontilhado que foi representado.	Criação na mente do pesquisador de uma imagem pontilhada.
	Ícone: aparência de um sauro. Índice: a imagem de lagarto que serviu de modelo. Símbolo: práticas presentes no cotidiano, relacionadas ao ambiente.	O “lagarto” que foi representado.	Criação na mente do pesquisador da imagem de um lagarto.
	Ícone: aparência de um sauro. Índice: a imagem de lagarto que serviu de modelo. Símbolo: práticas presentes no cotidiano, relacionadas ao ambiente.	O “lagarto” que foi representado.	Criação na mente do pesquisador da imagem de um lagarto.
	Ícone: aparência de uma imagem de uma figura geométrica. Índice: a imagem que serviu de modelo. Símbolo: práticas presentes no cotidiano sem relação aparente.	O geométrico pontilhado que foi representado.	Criação na mente do pesquisador de uma imagem pontilhada.
	Ícone: aparência de uma figura abstrata. Índice: a imagem que serviu de modelo. Símbolo: práticas presentes no cotidiano sem relação aparente.	A figura geométrica com traços retilíneos e curvos que foi representado.	Criação na mente do pesquisador de uma imagem com traços retos e pontilhados.

	Ícone: aparência de uma figura geométrica. Índice: a imagem que serviu de modelo. Símbolo: práticas presentes no cotidiano sem relação aparente.	O geométrico pontilhado que foi representado.	Criação na mente do pesquisador de uma imagem pontilhada.
	Ícone: aparência de uma folha. Índice: a imagem de uma folha que serviu de modelo. Símbolo: práticas presentes no cotidiano, relacionadas ao ambiente.	A folha que foi representada.	Criação na mente do pesquisador da imagem de folhas de árvore, conforme a sua experiência.
	Ícone: aparência de uma forma de um "pé" na cor branca. Índice: a imagem de um pé que serviu de modelo. Símbolo: práticas presentes no cotidiano, relacionadas ao ambiente/fauna.	O corpo humano que foi representado.	Criação na mente do pesquisador da ideia do conceito de corpo humano, com cabeça, corpo e membros.
	Ícone: aparência de uma flecha na cor branca. Índice: a flecha que serviu de modelo para o artista. Símbolo: práticas presentes no cotidiano, relacionadas à guerras/lutas por território ou outros conflitos.	A arma em forma de flecha que foi representado.	Criação na mente do pesquisador da ideia de armas pré-históricas (flechas).
	Ícone: aparência de um traço paralelo fino na cor branca. Índice: a imagem de um bastão fino que serviu de modelo para que o artista pintasse. Símbolo: práticas presentes no cotidiano, relacionadas ao ambiente.	O bastão fino que foi representado.	Criação na mente do pesquisador da imagem de bastões finos isolados.

	Ícone: aparência de um sauro.	O “lagarto” que foi representado.	Criação na mente do pesquisador da imagem de um lagarto.
	Índice: a imagem de lagarto que serviu de modelo.		
	Símbolo: práticas presentes no cotidiano, relacionadas ao ambiente.		

Figura 20 – Tabela com a descrição da análise semiótica das representações rupestres da Lapa do Dinho.

3.5 As representações rupestres da Lapa do Dinho e Lapa do Sol

Analisar e descrever as representações rupestres de um abrigo isoladamente é importante para conhecermos a sistemática de ocupação regional, contudo é primordial que façamos a interlocução com outros sítios rupestres localizados nas proximidades geográficas para que possamos compreender as diferenças gráficas entre ambos. Há claramente diferenças gráficas entre conjuntos rupestres situados na área de estudo, ainda que esses estejam localizados próximos entre si. Estes contrastes foram muitas vezes associados à litologia local e aos biomas, onde podemos encontrar fundamentalmente figuras zoomórficas, antropomórficas e geométricas. Para que pudéssemos comparar os dois sítios, foram consideradas as condições de visibilidade interna e externa, posições e localização das representações rupestres, textura e cor do suporte, associações entre as figuras e condições de visibilidade das figuras quando observadas à distância.

A escolha dos sítios se deve basicamente devido à proximidade entre eles e inserção na paisagem, ambos localizados na área calcária do Curral de Pedras: a Lapa do Dinho, tema dessa monografia, apesar de possuir um número reduzido de figuras, – possui 15 figuras pintadas/representadas e gravuras produzidas por picoteamento - é extremamente importante para a compreensão das representações rupestres produzidos em suporte calcário; a Lapa do Sol, um micro polje localizado a cerca de 500 metros a sudoeste da Lapa do Dinho foi estudada e analisada em 2010 por Rogério Tobias Júnior em sua dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da FAFICH/UFMG: *A arte rupestre de Jequitaí entre práticas gráficas “padronizadas” e suas manifestações locais: inserções estilísticas no sertão mineiro*. Essa lapa possui uma grande quantidade de figuras pintadas, com grande incidência de superposições.

A Lapa do Sol está localizada na porção oeste do afloramento do Curral de pedras de Jequitaí, seguindo na direção sudeste. O acesso à caverna é feito por uma trilha que se

inicia na base do morro onde está localizado o Curral. Em meio à mata seca, ao sul da Lapa da Lagoinha e Lapa do Dinho, pegamos outra trilha rebaixada ao nível do solo, onde podemos chegar ao sítio, onde avistamos uma área aberta com um leve declive em frente à entrada da gruta. A cavidade é formada por duas galerias paralelas, onde a maior parte das pinturas e as únicas gravuras rupestres estão localizadas no conduto principal, com sete metros de comprimento e dois metros e trinta de altura (Tobias Júnior, 2010).

De acordo com Tobias Jr. (2010), o nome Lapa do Sol se deve à presença de algumas figuras circulares radiadas monocrômicas e bicrômicas, remetendo à forma gráfica de representação solar. Contudo, o nome também se justifica pela entrada voltada para sudeste, a presença de uma claraboia e a consequente entrada de luz solar durante certas partes do ano.

Há uma grande quantidade de sobreposições de grafismos nas paredes e tetos da lapa, contudo é necessário se aproximar e entrar para avistar os painéis pintados e gravados. Dois condutos no sítio receberam pinturas, assim como um pequeno nicho externo e há uma boa quantidade de suportes disponíveis e com qualidade, cujos grafismos são bicrômicos e tricrômicos distribuídos em oitos painéis rupestres. Desses painéis, pelo menos cinco se localizam na porção superior do conduto maior, nas paredes superiores, no domo do fundo do sítio e no teto. As paredes laterais são onduladas e subverticais, a técnica utilizada foi pintura, o grafismo com pigmento seco (menor quantidade) e a gravura por picoteamento, sendo que as principais cores utilizadas foram as vermelha, amarela, branco e preto.

As mais de 300 figuras foram pintadas numa área específica, com muitas superposições, onde há diferença da temperatura interna e externa à cavidade e diferentes condições de iluminação que são percebidas conforme ficamos observando o fenômeno ao longo do dia. Nesse sentido, a Lapa do Sol recebe uma bola luminosidade solar durante o dia, pois não há árvores suficientes para lhe fazer sombra.

O sítio foi dividido em cinco painéis e um nicho externo. No suporte escuro é possível distinguir o conjunto rupestre da Lapa do Sol em três conjuntos cronoestilísticos fundamentais realizados em branco: *momento antigo*, com a presença de figuras geométricas simples e monocrômicas, círculos concêntricos e simples, armas, pectiformes, grades e tridáctilos, realizados nas cores vermelha e amarela e branca; *momento intermediário*, onde a temática são as escadas verticais e os pectiformes, feitos em pigmentos vermelhos e

brancos; *momento recente*, onde aparecem zoomorfos, com muitas sobreposições com pigmento amarelo.

A Lapa do Dinho trata-se de uma lapa sob rocha de campo de lapiás, - e nesse ponto difere-se da Lapa do Sol, caracterizada por ser um micro polje - está situada logo abaixo dos lapiás, a 350 metros da Lapa do Sol, possuindo três acessos, um frontal, superior e latera. Ambos os abrigos são caracterizados por afloramentos calcários expostos às intempéries, em campos de lapiás, abismos, dolinas e poliês, em meio à vegetação de mata seca. No Curral de Pedras, onde estão localizados os dois sítios, a água das chuvas se concentra em reservatórios naturais, kamenitzas e poliês, com destaque para a Lagoinha, ou seja, esses abrigos localizam-se no anel calcário interno, em pontos de ressurgência.

Ao adentrar-se ao sítio pela entrada Oeste, é possível avistar um grande salão, que dependendo do horário, pode ser tornar mais claro, pois recebe a luz solar. Em comparação à Lapa do Sol, há um número menor de figuras pintadas – cerca de 15 figuras com temas antropomorfos, zoomorfos e geométricos, nas cores branca e preta, sem sobreposições. A diferença de temperatura interna e externa é menor, pois o salão é mais amplo. Ou seja, a Lapa do Dinho, ao contrário da Lapa do Sol, recebe pouca iluminação durante a maior parte do dia, devido ao formato da cavidade e da sua entrada ser com uma altura menos elevada. A principal característica da Lapa do Sol é a grande quantidade de sobreposições de grafismos espalhadas por toda a lapa - o que dificulta a compreensão inicial dos painéis pintados - com muitas formas e cores entrelaçadas. As figuras, essencialmente verticalizadas nas paredes, foram produzidas nas cores branca, preta, vermelha, amarela, laranja, ocre, e muitas variantes.

3.6 Considerações sobre as gravuras picoteadas da Lapa do Dinho

Na Lapa do Dinho, em uma rocha rente ao piso rochoso, situada ao centro do salão, em frente à pintura dez (10) foram encontradas gravuras rupestres produzidas por picoteamento. Estas gravuras foram produzidas neste suporte, cujo bloco de rocha calcária aparentemente solta (suporte horizontal) está dividido em duas partes (denominada rocha 1 e rocha 2), orientada no sentido oeste-leste, com cerca de um metro de comprimento. A escolha do suporte para realizar a maior parte dos picoteamentos interfere basicamente na posição para executá-los, ou seja, agachado à frente da rocha. Após uma observação, chegou-se à conclusão de que as gravuras da Lapa do Dinho não são expostas diretamente pelos raios solares.

Partes dos blocos foram polidos naturalmente e outras sofreram alterações superficiais do calcário. Na Lapa do Dinho estão ausentes as armas e os pés gravados, contudo as gravuras da lapa possuem como tema central antropomorfos e biomorfos sem associações aparentes com outros temas, círculos simples e concêntricos, todos realizados por picoteamento. Foram identificadas figuras antropomórficas dotadas de quatros membros, sugerindo algum movimento, como pode ser visto nas figuras 20.7 e 20.8 na página seguinte.

Não foram encontrados casos de superposição deste tema e outras figuras gravadas. Apesar do conjunto de gravuras encontradas possuir temática semelhante ao de outros sítios, não foi possível até o momento estabelecer relações cronológicas com nenhum outro conjunto. A análise simplesmente dos temas pode ser insuficiente para atribuir às gravuras de Jequitaí a alguma tradição.

Figura 21 – Localização dos suportes com as gravuras rupestres.

Figura 22 – Gravuras rupestres da Lapa do Dinho: 1. Visão geral do suporte (rocha 1), 2. Visão geral do suporte (rocha 1), 3. Visão geral do suporte (rocha 1), 4. Antropomorfo (rocha 1), 5. Visão geral do suporte (rocha 2), 6. Antropomorfo (rocha 1), 7. Antropomorfo (rocha 2), 8. Antropomorfo (rocha 2). Fonte: Thiago Nascimento.

4
RESULTADOS

Este capítulo tem como objetivo apresentar o resultado das pesquisas realizadas no sítio arqueológico Lapa do Dinho, onde se buscou através da semiótica, entender questões relacionadas à ocupação pretérita da região. O estudo buscou se aprofundar na teoria da semiótica de Peirce e aplicá-la na análise das representações rupestres das paredes da lapa. A análise do sítio em estudo gerou uma série de dados para a compreensão de algumas questões apropriadas aos estudos das representações rupestres na região do Curral de Pedras. Para que as figuras no sítio fossem reconhecidas como signo possuidor de um sistema simbólico, foram analisados vários aspectos, como o padrão de reconhecimento, a recorrência dos signos e elementos de associação entre os mesmos, para entender o contexto onde está inserido o sítio. A relação da configuração das figuras no suporte possibilitou entende-los como elementos de uma associação simbólica entre os indivíduos que viveram no local. Dessa maneira, a perspectiva simbólica para o estudo das representações rupestres na Lapa do Dinho possibilitou ultrapassar a aparência e compreender a dinâmica dos fenômenos sociais dos signos representados.

Podemos interpretar as representações rupestres como padrões socialmente estabelecidos, como códigos que podem refletir muitas opiniões e posições teóricas dos pesquisadores nos diversos enfoques interpretativos. Essas formas de abordagem são importantes e podem ser complementares. A semiótica pode nos oferecer um questionamento com base teórica-metodológica que coloca as interpretações em níveis que estabelecem critérios para cada um dos arqueólogos.

A utilização da análise semiótica das representações rupestres permitiu uma aproximação da estrutura cognitiva dos grupos sociais na área estudada, uma vez que os signos tiveram papel importante, uma vez que foi possível o seu reconhecimento, onde buscou-se entender as relações espaciais presentes no local, identificar a recorrência dos signos nas representações rupestres, as formas como as figuras foram produzidas, os padrões de associação, com o objetivo de entender como o sistema semiótico atua e funciona. Ainda que as figuras pareçam abstratas, foram entendidas no estudo como conjunção de interação da construção simbólica, portanto carregado de significação.

Em todo o interior do abrigo, foram identificados alguns signos geométricos com maior recorrência, caracterizados por: pontilhados, bastonetes, linhas retas. Quanto aos antropomorfos, foi identificada uma gravura em Picoteamento com morfologia incompleta, com uma morfologia mais simples. A leitura que se faz dos signos, posição de cada um nos suportes e estrutura morfológica, sugere um sistema de códigos simbólicos, compartilhado pelos grupos sociais. O estudo das representações rupestres implica não só a existência de códigos, mas na compreensão do contexto ao qual se inseriu o sítio. Com foi demonstrado no capítulo que trata da teoria e metodologia, não é uma tarefa muito fácil se trabalhar com semiótica em representações rupestres, poia a identificação do significado se torna árida por vezes, pois o arqueólogo não possui contato com o produtor dos signos rupestres.

Algumas questões relevantes foram levantadas ao longo da pesquisa, tais como: como foi feito a distribuição dos registros; como se deu a escolha dos suportes; qual a relação entre a temática e a paisagem local, como os suportes foram organizados em relação a escolha, o local e temática; é possível perceber a formação de um código simbólico. Podemos perceber nas representações que a mudança de tonalidade foi mínima, pois quase todos os signos são de cor branca, podendo indicar uma construção simbólica intencional. A seleção dos suportes rochosos em um local de complicado acesso associado a uma representação figurativa é um importante indicativo de sua construção simbólica. Os zoomorfos estão associados ao local e vice-versa, desta forma eles fazem sentido. Vemos presente a característica relação entre o suporte rochoso e os registros gráficos na organização desta ‘linguagem simbólica’.

É notável a existência na Lapa do Dinho de uma dialética, uma relação própria, entre as unidades de representações rupestres e os suportes rochosos, ou seja, entre a temática adotada e a totalidade do sítio. Ou seja, a relação existente entre os signos, os desenhos e a utilização do suporte foi objeto de dedução sobre o processo cognitivo. A quantidade de unidades gráficas, 15 figuras, foi organizada em locais específicos, com temáticas originais. De maneira geral, não há uma representação semelhante a outra, indicando uma originalidade importante e uma conexão única entre a topografia do Curral de Pedras, o suporte rochoso e a temática tratada. Sendo assim, o espaço parietal é heterogêneo, pois é carregado de diversidade. Quanto à disposição das figuras, as escolhas pelos locais de representação não seguiram nenhum padrão definido, uma vez que foram encontradas representações em áreas de fácil acesso, onde as figuras são visualizadas conforme se

caminha pelas trilhas existentes no sítio, e de média visualização e acesso, tanto do ponto de vista do pintor quanto pelo observador.

Na Lapa do Dinho podemos reconhecer a importância da semiótica para o estudo dos signos rupestres, onde podemos identificar três elementos na figura 1 (gravura antropomorfa realizada por Picoteamento): a imagem do corpo (o Representamen ou Signo), o corpo que foi representado (o Objeto do signo) e o poder deste signo de garantir o entendimento/cognição da relação do signo (imagem das mãos) com seu Objeto (as mãos), que é o interpretante. Ou seja, um objeto, que determina o seu signo, que determina o interpretante. Essa figura antropomorfa é estilizada, apresentando braços e pernas, pode ser interpretada como xamã, ou comparada com cactos, vegetação típica de algumas regiões do cerrado e da caatinga.

A localização das figuras em relação às duas entradas da lapa (frontal e posterior) nos dão algumas informações importantes para entender o processo de criação dos signos, de acordo com a visibilidade. A totalidade das figuras só pode ser notada quando se está no interior da lapa, contudo quando as observamos de perto, fica explicita a noção de movimento na rocha, principalmente a figura antropomorfa. A maioria das figuras (2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15) encontra-se de frente à entrada frontal, ou seja, logo que entramos no abrigo é possível avistar o antropomorfo (morfologia incompleta); os dois bastonetes (traço retilíneo diagonal e traço retilíneo vertical); alinhamentos de pontos (dois); dois zoomorfos (traços retilíneos) que parecem agrupados, contudo eles foram separados no estudo para que pudessem ser melhor analisados; uma figura abstrata (traços retilíneos e curvos); um Fitomorfo (traços retilíneos e curvos); um tridáctilo (traços retilíneos); armas (traços retilíneos); um bastonete isolado (traços retilíneos); um zoomorfo (traços retilíneos). Há no lado posterior da lapa apenas uma figura (figura 10, alinhamento de pontos); e no lado esquerdo de quem entra pela frente do abrigo há duas figuras, o antropomorfo (figura 1, gravura por Picoteamento, de morfologia incompleta) e um zoomorfo (figura 4, morfologia incompleta). Na entrada posterior foi encontrada a figura 10 (alinhamento de pontos).

Quanto às cores das figuras da Lapa do Dinho, constatou-se o preenchimento dos traços grossos com cor branca na maioria das figuras (86,6%), sejam estas biomorfas, antropomorfas e zoomorfas. Foi constatado ainda uma figura pintada na cor preta e outra realizada por picoteamento. A figura 1 (Tabela 5), por tratar-se de uma gravura, não lhe foi atribuída uma cor específica. Do total das figuras (15), apenas uma não foi pintada de branco:

um alinhamento de pontos (**Tabela 5, Figura 5**) foi executado com a cor preta. A figura 4 (Tabela 5) trata-se de um zoomorfo em branco (oxidado, parecendo amarelo), considerado a maior figura encontrada na lapa. Ela possui 43 centímetros de altura, cuja morfologia está incompleta, localizada na lateral esquerda de quem entra pela entrada frontal, cuja figura encontra-se no teto do suporte com morfologia curva. O alinhamento de pontos possui aproximadamente 21 cm de largura, localizado logo na entrada frontal da lapa, pelo lado direito (ver **Figura 15**, planta baixa) da entrada, estando posicionada na lateral do suporte.

O padrão de utilização das cores refere-se às construções e expressões simbólicas, pois indicam uma intencionalidade. Observando a quantidade de cores utilizada, podemos supor que a cor poderia representar vários elementos ligados à paisagem ou a outras referências simbólicas, como o fogo, a água, o sol, etc., definindo a comunicação e a relação social entre os indivíduos da área estudada. Nesse sentido, as diferentes formas de antropomorfos, zoomorfos, figuras geométricas, e as demais identificadas, sugerem uma leitura que ultrapassa a materialidade, ou seja, enquanto episódios simbólicos representam o pensamento de produzir mensagens do cotidiano, suas crenças e costumes.

É possível dizer que a semiótica como um método de estudo para a arte rupestre, permitiu reconhecer e decodificar parte do conteúdo das figuras do sítio arqueológico da Lapa do Dinho, entretanto, os signos foram entendidos e interpretados de acordo a intenção, ideias e objetivos do observador. Temos consciência de que a semiose é um processo de comunicação simbólica onde não é possível localizar nem a origem nem o final de sua produção. Trata-se do uso da metodologia, um artifício, pois se existe um objeto, este determina o signo, que irá determinar o interpretante. Quando analisados contextualmente, esses dados permitem demonstrar comportamentos sociais, pelo meio das expressões cognitivas de grupos responsáveis por sua criação. Fica evidente que, para que o interpretante de um signo venha a existir, o fator de primeira importância é a existência de experiências já adquiridas e, por conseguinte, armazenadas na mente do intérprete.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia explorou, por meio do viés da Arqueologia Cognitiva e da Semiótica, uma análise estrutural sobre o comportamento simbólico de homens e mulheres do pretérito, que transitaram e marcaram a região do Curral de Pedras, em Minas Gerais. A análise das figuras da Lapa do Dinho demonstrou a importância do suporte na construção das mensagens, servindo de discurso entre as pinturas e as paredes calcárias. Todo o processo de comunicação foi fundamental para entendermos como e de que formas homens e mulheres pré-históricos transformaram em símbolos sua experiência e o seu cotidiano, seu conhecimento, crenças. Do ponto de vista do observador, a quantidade de figuras geométricas, zoomorfas e antropomorfas deixou mais transparente o processo de construção de representação simbólica. É através da articulação desses elementos com o suporte rochoso que entendemos a estrutura simbólica do sítio Lapa do Dinho, evidenciada pela proposta da dualidade na organização do discurso.

No caminho para a área de estudo, passamos por diversos caminhos que ligavam os afloramentos e funcionaram como guias e referência de nosso percurso no entorno do sítio, fator fundamental na construção simbólica do local, onde muitas das figuras têm pouca visibilidade, o que nos faz refletir sobre a intencionalidade dos homens e mulheres que ali habitaram. Ao descrever e analisar o sítio objeto desse estudo, com o objetivo de compreender as figuras como portadora de códigos simbólicos, nós utilizamos o aporte teórico-metodológico da Semiótica na Arqueologia. A análise dos dados foi importante, pois criou a possiblidade de se obter elementos concretos, o que resultou no entendimento do abrigo como local de transmissão de comunicação entre as pessoas que viveram na área em questão. Assim, o estudo dos grafismos sob o enfoque da Semiótica demonstrou ser um método de abordagem que possibilita avançar nas interpretações.

BIBLIOGRAFIA

AB'SÁBER, A. N. **A organização natural das paisagens inter e subtropicais brasileiras.** Simpósio sobre o Cerrado. São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Edgard Blücher/Alumbramento/Livroarte, n. 3, p. l-14, 1971.

AB'SÁBER, A. N. **O domínio morfoclimático semiárido das caatingas brasileiras.** Geomorfologia, São Paulo, n. 43, p. 1-39, 1973.

ALBANO, Rosângela S. **Bibliografia sobre arte rupestre brasileira.** Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, v. 4/5, pp. 185-187, 1979/81.

ALVES, Tiago Moreira. **Estudo Tecnomorfológico e funcional das indústrias líticas do sítio arqueológico Buritizeiro/MG.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. **A questão da semiótica na interpretação da arte rupestre.** In: Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.65 – 76.v.II, 1996.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. **O conceito de mito aplicado à arte rupestre.** Revista de Arqueologia, v. 11, pp. 27-41, 1998.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. **Interpretação e conceito: as formas de representação e transferência da informação da arte rupestre no Brasil.** Revista de Arqueologia - SAB. São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, v. 16, pp. 13-29, 2003.

BADU, H. G. **Abrigo Alvorada.** In: VILHENA VIALOU, A. (org.). Pré-história do Mato Grosso. Volume 2, **Cidade de Pedra**. São Paulo, EdUSP, pp. 85-90, 2006.

BAETA, Alenice M. **Os grafismos rupestres e suas unidades estilísticas no Carste de Lagoa Santa e Serra do Cipó - MG.** Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2011.

BAGGIO FILHO, Hernando. **Roteiro geológico/geomorfológico: vestígios da glaciação neoproterozóica na região de Jequitaí - MG.** XI Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, e XI Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, São Paulo, USP, v. 1: 4666-4670, 2012.

BAGGIO, Hernando & de Oliveira Freitas, Mariana & Siqueira de Meneses, Thalita & Martins Da Costa, Thiago. Aspectos geoarqueológicos do sítio cemitério Caixa D'Água: Vale do São Francisco – Minas Gerais/Brasil, In: Revista Geonomos, nº 20, 2012.

BARRETO, Cristiana. **Arqueologia brasileira. Uma perspectiva histórica e comparada.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, sup. 3, p. 201-212, 1999.

BASSI, Luís Felipe. **Tecnologia lítica: Análise diacrônica dos níveis mais antigos do sítio arqueológico Bibocas II, Jequitaí-MG.** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arqueologia da UFMG, Belo Horizonte, 2012.

BERDER, Bianca Nicoleti. **Análise tecnológica da indústria lítica de quartzo do sítio arqueológico Bibocas II - Jequitaí/MG**; Iniciação Científica; (Graduando em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2011.

BOURDIEU, P. **Produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk Editora, 2001.

BOURDIEU, P. **Cultural reproduction and social reproduction**. In: KARABEL, I., HALSEY, A H. Power and ideology in education. New York: Oxford University, p.487-511, 1977.

BRANDT e Piló. 1996. **Diagnóstico do patrimônio cultural /natural da área de influência do meio físico-biótico do projeto Jequitaí-MG.** In: ENGEVIX. Projeto Jequitaí: Estudos de Impacto Ambiental. Dez/1996.

BUENO, Lucas. **Variabilidade tecnológica nos sítios líticos da região do Lajeado, médio Rio Tocantins.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: Universidade de São Paulo. Suplemento 4, 2007.

CARVALHO, Eliana T. de & CHEUICHE, L.M.T. **Arte rupestre das cavernas e abrigos da região norte mineira - Síntese das pesquisas.** In: Congresso Nacional de Espeleologia, 10. Ouro Preto, Anais, pp. 199-209, 1975.

CODEVASF. Prospecção e resgate arqueológico canteiro de obras de reservatório Jequitaí I. Relatório final. Vol. 1, 2015.

ECO, Umberto. **Semiótica e filosofia da linguagem.** São Paulo: Ática, 304 p., 1991.

ECO, Umberto. **La estructura ausente:** Introducción a la semiótica. Lumen, Barcelona, 1972

ENGECORPS. **Estudo de Impacto Ambiental:** Projeto Hidroagrícola de Jequitaí. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 1113 p., 2005.

ENGECORPS-ENGEVIX. **Projeto Executivo dos Barramentos e Obras de Geração:** Projeto Jequitaí. Jequitaí/MG: Codevasf, Volume 1 – Tomo 1, 189 p., 1996.

GHIGGI, Vani Piaia. A linguagem simbólica nas pinturas parietais da Fazenda Mundo Novo – Sergipe. Dissertação de Mestrado. Laranjeiras, 2015.

GONÇALVES, F. A. **Morfodinâmica de um carste suspenso e evolução Geomorfológica de longo termo.** Uma aproximação com base no caso do setor oeste do Curral de Pedras I / Jequitaí-MG. Dissertação de Mestrado. IGC/Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 180p., 2013.

GONÇALVES, F. A.; RODET, JOEL; MAGALHÃES JR., A. **Carste suspenso e geomorfologia de longo termo.** A região cárstica dos currais de pedras, Jequitaí. In: Revista Brasileira de Geomorfologia, v. 18, nº 2, p. 279-294, 2017.

GUEDES, Carolina Machado. **A semântica dos signos da arte rupestre: estruturas da cognição**. Tese de doutoramento, São Paulo: MAE/USP, 2014.

HODDER, Ian (ed). **Symbolic and Structural Archaeology**. Cambridge: Cambridge University, 1982.

HODDER, Ian. **Theory and practice in archaeology.** Londres: Routledge, 1992.

HYDER, W. D. **Some problems in the use of sign language to interpret rock art.** In: 15thAnnual Meeting of the American Rock Art Research Association, Ridgecrest, CA, 1988.

ISNARDIS, Andrei. **Lapa, Painel, Parede - Distribuição geográfica das unidades estilísticas de grafismos rupestres do vale do Rio Peruaçu e suas relações diacrônicas, Alto Médio São Francisco, Minas Gerais.** USP. São Paulo. Mestrado. 158p. + anexos, 2004.

ISNARDIS, Andrei. **Pinturas rupestres urbanas: uma etnoarqueologia das pichações em BH.** Revista de Arqueologia. n. 10, pp. 143-161; ilust., 1997.

ISNARDIS, Andrei & LINKE, Vanessa. **Pedras pintadas, paisagens construídas: a integração de elementos culturalmente arquitetados na transformação e manutenção de paisagem.** Revista de Arqueologia. São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira. v. 23, n. 1, pp. 42-59; ilust., 2010.

LINKE, Vanessa. **Paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina-MG.** Universidade Federal de Minas Gerais. Mestrado. 195 p., 2008.

LINKE, Vanessa. **Os conjuntos gráficos pré-históricos do centro e norte mineiros:** estilos e territórios em uma análise macrorregional. São Paulo, USP. Doutorado, 224 p. (+anexos), 2014.

LINKE, Vanessa & ISNARDIS, Andrei. **Arqueologia Pré-histórica da região de Diamantina (Minas Gerais):** perspectivas e síntese das pesquisas. Arquivos do Museu de História Natural-UFMG. Belo Horizonte: Editora da UFMG. v.21, n.1, pp.27-57; ilust., 2012.

LOROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra:** técnica e linguagem. Lisboa: Edições 70, 1991.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do nordeste do Brasil**. Editora da UFPE. Recife: 1996.

MARTIN, Grabriela; ASÓN-VIDAL, Irma. **Dispersão e difusão das tradições rupestres no nordeste do Brasil**. Vias de ida e volta? 2013.

MITHEN, S. J. **A pré-história da mente**: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NEVES, W.; HUBBE, M. **Cranial morphology of early Americans from Lagoa Santa, Brazil:** Implications for the settlement of the New World. Proceedings of the National Academy of Science of USA, v. 102, p. 18309-18314, 2005.

Nöth, Winfried. **A semiótica no século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.

Nöth, Winfried. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. São Paulo: Annablume, 2003.
NOVAES, S. C. **Lévi-Strauss: razão e sensibilidade.** In: Revista de Antropologia v. 42, n. 1 e 2. São Paulo, p. 67 — 76, 1999.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 2ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1995.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

PENHA, Ulisses Cyrino. **Metodologia de prospecção de matérias-primas líticas; Aplicação na região de Jequitaí/Buritizeiro - MG**; Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

PENHA, Ulisses Cyrino. **Prospecção de jazidas líticas em arqueologia: uma proposta metodológica**; Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

PREUCEL, Robert W.; HODDER, Ian (ed.). **Contemporary archaeology in theory:** a reader. Oxford: Blackwell, 1996.

PROUS, André. **As muitas arqueologias das Minas Gerais.** Revista Espinhaço. Diamantina-MG, v. 2, n. 2, pp. 36-54; ilust., 2013.

PROUS, André. **As categorias estilísticas nos estudos da arte pré-histórica. Arqueofatos ou realidades?** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, v. 3, p. 251-261, 1999.

PROUS, André. **Bibliografia da arqueologia brasileira.** Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, v. IV - V, p. 11-24, 1979/80.

PROUS, André. **Histórico do Setor de Arqueologia e papel das missões franco-brasileiras. KERN**, A.A. (org.) In: KERN, A.A. (org.) Anais da 8ª Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Porto Alegre: EDIPUCRS, Coleção Arqueologia, 1(1):131-150, 1995.

PROUS, André. **História da pesquisa e da bibliografia arqueológica no Brasil.** Arquivos do Museu de História Natural, Belo Horizonte, v. IV — v, p. 11 — 287, 1979/1980.

PROUS, André; BAETA, A.; RUBBIOLI, E. **O patrimônio arqueológico da região de Matozinhos**: conhecer para proteger. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2003.

PROUS, André. **Arte rupestre em Minas Gerais.** In: Anuário de Divulgação Científica. Goiânia, Universidade Católica de Goiás, P. L. Schmitz, AS. Barbosa & M.B. Ribeiro (eds.), Temas de Arqueologia Brasileira 4, n. 8, pp. 34-57, 1978/80.

PROUS, André. **Arte rupestre brasileira: uma tentativa de classificação.** Revista de Pré-história. São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 7, pp. 9-33, 1989.

PROUS, André; LANNA, AL.D. & PAULA, F.L. de. **Estilística e cronologia na arte rupestre de Minas Gerais.** Pesquisas, Série Antropologia. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, v. 31, pp. l21-146, 1980.

PROUS, André; RIBEIRO, Loredana (eds.). **Arqueologia do Alto Médio São Francisco (1: região de Montalvânia).** Arquivos do Museu de História Natural UFMG, v. 17, 523 p., 1996.

PROUS, André; CASTRO, M. E. B.; ALONSO, Márcio. **As ocupações ceramistas no Vale do Rio Peruaçu.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 4, p. 71-94, 1994.

PROUS, André; FOGAÇA, Emílio; ALONSO, Márcio. **As últimas indústrias líticas do vale do Peruaçu, MG.** Revista de Arqueologia, v. 8, p. 49-49, 1994.

PROUS, André; SCHLOBACH, M. **Sepultamentos pré-históricos do Vale do Peruaçu-MG.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, v. 7, p. 3-21, 1997.

PROUS, André; BAETA, A. M. **Arte rupestre no Vale do Rio Peruaçu.** O Carste, v. 13, n.3, p. 152-158, 2001.

RENFREW, Paul; BAHN, Paul G. Archaeology: **Theory, methods and practice**. Thames & Hudson. Londres, 1991.

RIBEIRO, Loredana. **Os significados da similaridade e do contraste entre os estilos de arte rupestre** - um estudo regional das gravuras e pinturas do alto-médio São Francisco. Tese de doutoramento, São Paulo: MAE/USP, 2006.

RIBEIRO, Loredana. **Sobre pinturas, gravuras e pessoas – ou os sentidos que se dá à arte rupestre.** In: Especiaria – Caderno de Ciências Humanas, vs. 11 e 12, ns. 20 e 21, Ilhéus/BA, p. 157-182, 2008/2009.

RODET, Joel Georges Marie Andre; HORN, Heinrich; WILLEMS, Luc; GONÇALVES, Frederico & HARDT, Rubens. **A Serra do Curral de Pedras (Jequitaí, Minas Gerais, Brasil):** um modelo de carste condicionado pela estratigrafia. In: Simpósio de Geologia do Sudeste, 12; Simpósio de Geologia de MG, 16. Nova Friburgo, Anais, p. 103, 2011.

RODET, Joel. **Missão geoarqueológica na região de Jequitaí (Minas Gerais, Brasil).** In: RODET, M. J. Relatório Final de Projeto de Pesquisa: Arqueologia nas planícies e afluentes do Alto-médio São Francisco: Municípios de Jequitaí e Buritizeiro. Tradução de D. Duarte; M.J. Rodet e Rodet. J. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: CNPq, 19p., 2010.

RODET, Joel. **Primícias de uma abordagem geoarqueológica e carstológica da região de Jequitaí (Minas Gerais, Brasil).** Collection Carso Brasiliensis nº 2, Editions du CNEK. Rouen, 2012.

RODET, Maria Jacqueline. **Arqueologia nas planícies e afluentes do Alto-médio São Francisco Municípios de Jequitaí e Buritizeiro, Relatório Final do Projeto CNPq** – Processo nº: 482546-2007/7 Belo Horizonte, 98 p., 2010.

RODET, Maria Jacqueline. **Arqueologia e etnografia da região do alto médio rio São Francisco** (Jequitaí, Lagoa dos Patos e Barra do Guaicuí, Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte, 98 p., 2014.

RODET, Maria Jacqueline. **Étude Technologique des Industries lithiques taillées du nord de Minas Gerais, Brésil:** depuis le passage Pléistocène/Holocène jusqu'au contact - XVIII° siècle. Universidade de Paris X - Nanterre, 516 p., 2006.

RODET, Maria Jacqueline; Duarte, D.; Cunha, A. N. C.; Diniz, L. R.; Baggio, H. **Os métodos de "fatiagem" sobre seixo de arenito/quartzito do Brasil Central** - exemplo do sítio arqueológico de Buritizeiro, Minas Gerais. Anais do XIV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Florianópolis: SAB, 2007.

RODET, Maria Jacqueline; Duarte-Talim, D.; Nolasco, R. C., Silva, A.L.N.S. **Da pré-história aos garimpeiros, uma análise tecnológica das indústrias líticas de quartzo do município de Jequitaí, Minas Gerais.** Clio. Série Arqueológica (UFPE), 2012.

SAHLINS, Marshall. **Culture and Practical Reason.** Chicago: The University of Chicago Press, 1976.

SANTAELLA, Lúcia. **Apercepção: uma teoria semiótica.** São Paulo. Experimento, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica.** São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 103, 1983.

SEDA, P.; CHAMUN, D.; DINIZ, K. **Técnicas, motivos e cores: análise cronológica e quantitativa em arte rupestre - o sítio Boqueirão Soberbo, Minas Gerais.** Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro: IAB, v. 10, p. 87-98, 1997.

SILVA, Henrique Alcântara e Silva. **Análise tecnológica da indústria lítica de quartzo do sítio arqueológico Bibocas II - Jequitaí/MG;** Iniciação Científica; (Graduando em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2010.

SOUZA, Daniel Vieira. **Pedoarqueologia ema abrigo quartzítico, sítio Bibocas II, Jequitaí**, ocupação humana no Holoceno inicial na bacia do São Francisco. In: Teoria & Sociedade, Universidade Federal do Vale do São Francisco, nº 23.1, 32 pp., Janeiro - Junho de 2015.

SOUZA, Letícia Moura Simões. **A indústria lítica sobre seixos: análise tecnológica do material encontrado em superfície no sítio Buritizeiro, Caixa D´Água, alto médio São**

Francisco - Minas Gerais. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

SPERBER, D. O estudo antropológico das representações: problemas e perspectivas. In: JODELET, D. (org.). **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

TOBIAS JÚNIOR, R. **A arte rupestre de Jequitaí entre práticas gráficas padronizadas e suas manifestações locais:** interseções estilísticas no sertão mineiro. Dissertação de Mestrado. PPGAN/Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 323p., 2010.

TOBIAS JÚNIOR, R. **No meio do Caminho:** uma discussão sobre a variabilidade em arte rupestre em Jequitaí/MG. In: Revista Espinhaço, Diamantina, p. 132-146, 2013.

TOBIAS JÚNIOR, R. **Arte rupestre de Jequitaí/MG: suas relações internas em oposição ao contexto arqueológico do centro norte mineiro.** uma discussão sobre a variabilidade em arte rupestre em Jequitaí/MG. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). In: XV Congresso Nacional da Sociedade de Arqueologia Brasileira. SAB: Belém, 2009.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura**. São Paulo: Vozes, 1974.

VIALOU, D. A arte rupestre e a paisagem da Cidade de Pedra. In: VILHENA VIALOU, A. (org.). Pré-história do Mato Grosso. Volume 2, **Cidade de Pedra**. São Paulo, EdUSP, pp. 51-69, 2006.

VILHENA-VIALOU, Águeda & VIALOU, D. **Abrigo pré-histórico Santa Elina, Mato Grosso: habitats e arte rupestre.** Revista de Pré-história. São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 7, pp. 34-53, 1989.

ANEXOS

Anexo 1

FICHA DO SÍTIO DO DINHO
1. Localização Município: Lagoa dos Patos Comprimento (medida mais longa): 20,30m Largura (maior medida perpendicular à primeira): 16,05m (esquerda da entrada 1 frontal) Largura (menor medida perpendicular à primeira): 11,80m (direita da entrada 1 frontal) Altura máxima: 2,85m (ponto ao centro do vértice frontal, sul da pilastra x). Área: 301m2 Medição: Estimada X Passo Instrumento Distância a um ponto de referência: 350m da Lapa do Sol Incidência de luz: Pouca Média Muita X Obs.: existem diferenças na luminosidade dos suportes.
2. Coordenadas UTM 23k Longitude: 0546590 Latitude: 8110713 Datum: WGS84 Altitude: 675m
3. Tipo de sítio Unicomponencial Multicomponencial pré-colonial X colonial histórico X

4. Acessos possíveis

a. Frontal (descrição)

Após subir um morro que dá acesso ao topo do Curral de Pedras, chegamos a uma plataforma de campo de lapiás. A partir do abrigo das Abelhinhas, segue-se sentido (coord.) em direção a entrada 1 (frontal), onde se chega a um bosque de mata seca. Em frente ao bosque está a entrada 1 (frontal).

b. Superior (descrição)

O campo de lapiás se extende por uma grande superfície que circunda a Lapa do Sol. Vindo por trás da lapa é possível alcançar a parte superior (uma espécie de cobertura formada por rochas) e descer pelas laterais esquerda e direita até chegar na entrada principal do abrigo.

c. Lateral (descrição)

Também é possível vir pelas laterais. A partir da vista frontal da entrada principal do abrigo pode-se vir caminhando nordeste para sudoeste em um terreno que varia entre uma camada de terra sobre calcário, apenas pedras, ou ambos. No sentido sudoeste para nordeste é preciso passar por um terreno bem mais pedregoso formado, sobretudo por campo de lapiás.

5. Acesso usado

O acesso é possível por todos os lados, mas o grau de dificuldade de acesso pode variar e depende das circunstâncias. Há duas entradas: a frontal ou norte/sul e a posterior ou norte/sul.

6. Propriedade da terra

Pública X

Privada X

Militar

Indígena

7. Avaliação de acesso usado

Fácil

Médio X

Difícil

8. Compartimento topográfico Topo Terço superior da vertente X Terço médio da vertente Terço inferior da vertente Planície Leito maior Leito menor
9. Distância à drenagem mais próxima: Nome: Riacho Fundo Tipo: rio Água sazonal:
10. Vegetação atual do sítio Cerradão Lavoura Mata seca X Mata ciliar Campo sujo Campo limpo Capoeira Serrado stricto Pasto Campo rupestre Caatinga Outra
11. Vegetação atual no entorno do sítio Cerradão Lavoura Mata seca X Mata ciliar Campo sujo Campo limpo

Capoeira Serrado stricto Pasto Campo rupestre Caatinga Outra
12. Uso atual do terreno Apesar de se uma APA há intervenções antrópicas
13. Elementos relevantes na paisagem cárstica (no sítio e em seu entorno imediato) Dolina X (poljé) Cachoeira Sumidouro Ressurgência Campo de lapiás X Outro As águas da chuva ocasionam o carreamento de material alóctone (material de fora das cavernas) e o material outóctone.
14. Descrição textual sumária do sítio Trata-se de uma lapa sob rocha de campo de lapiás, com uma entrada principal em forma de fechadura. Há pinturas e gravuras pré-coloniais e históricas nas laterais, no fundo e no teto do abrigo.
15. Estruturais observadas e sua distribuição. a. Em todo o sítio sem descontinuidade b. Uma única concentração c. Diversas concentrações
16. Artefatos presentes b. Grafismos rupestres históricos X c. Material lítico X d. Material cerâmico e. Canal f. Edificações

17. Há matéria-prima exógena disponível no sítio (rochas frágeis, plaquetas/nódulos de ferro)? Enumerar.
18. Piso do sítio Inteiramente rochoso X Coberto por blocos X Inteiramente sedimentar Sedimentar com blocos Parcialmente rochoso
19. Descrição e croquis dos suportes Existe relação entre temas e suportes.
20. Regularidade do sítio Plano X Inclinado X Escalonado X Inclinado Muito inclinado
21. Categoria dos vestígios a. Grafismos rupestres pré-coloniais X Temas: antropomorfo, zoomorfos e geométricos. Cores: vermelho, preto e branco. Existem sobreposicões?